

**Mariana Costa Alves**

**A Construção da Profissionalidade em Ciências da Educação:**

**O Trabalho Educativo numa Casa da Juventude**

Relatório apresentado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, realizado sob orientação do Professor Doutor Pedro Daniel Tavares Ferreira.

## RESUMO

Esta dissertação resulta de uma reflexão sobre o percurso de intervenção desenvolvido no estágio de Mestrado em Ciências da Educação, via profissionalizante.

Este estágio foi desenvolvido na Casa da Juventude de Gondomar e teve como objetivo principal a integração no ambiente de um contexto não-formal, a iniciação à prática profissional através do contacto com o mesmo e atividades recreativas para crianças e jovens.

Partindo das competências profissionais e éticas de um/a profissional das Ciências da Educação, este relatório reflete questões sobre as problemáticas da intervenção comunitária, da juventude, dos contextos educativos não-formais e da animação socioeducativa como ferramenta educativa destes mesmos contextos.

A Casa da Juventude de Gondomar é um contexto de educação não-formal que promove atividades educativas para a ocupação dos tempos livre das crianças e jovens do concelho. Esta instituição é um espaço com uma equipa multidisciplinar que disponibiliza diversos recursos e dinâmicas a partir de ferramentas pedagógicas, como a arte e os jogos pedagógicos.

Assim, a minha intervenção consistiu em compreender as dinâmicas da Casa da Juventude, como os espaços, a equipa e as crianças e jovens participantes deste contexto. Também preparei e realizei diversas atividades educativas e lúdicas, especialmente no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil.

No desenvolvimento da minha ação, compreendi que as redes sociais podem ser uma dinâmica criativa para a interação entre crianças e jovens. Assim, nesta dissertação irei também refletir sobre as representações da rede social mais conhecida entre o público jovem, o *facebook*, e como este pode ser uma ferramenta educativa para os contextos de educação não-formal.

Por fim, realizo uma reflexão sobre os contributos da minha intervenção para a construção da profissionalidade em Ciências da Educação, as contribuições da figura do/a mediador/a socioeducativo/a e da formação e a diversidade de funções na Casa da Juventude.

## ABSTRACT

This thesis is the result of a reflection of my internship course developed in the Master's degree in Educational Sciences, vocational track.

This internship was developed in the Gondomar Youth House and has the main goal the integration into the environment of a non- formal institution and initiation to professional practice through contact with this context and recreational activities for children and youth.

Thinking about the professional and ethical responsibilities of professional of Educational Sciences, this report reflects issues on the problems of Community intervention, youth, non-formal educational contexts and social and educative animation as an educational tool to these same contexts.

The Gondomar Youth House is a non-formal educational context that promotes educational activities for the occupation of the free time of children and youth of the county. This institution is a space with a multidisciplinary team that provides various features and dynamics from pedagogical tools such as art and educational games.

So my intervention consisted in understand the dynamics of the Youth House, as the spaces, the staff and the children and youth participants in this context. Also prepared and held various educational and recreational activities, especially in the “Serviço de Animação e Dinamização Juvenil”.

In the development of my action, I realized that social networks can be a creative dynamic for interaction among children and youth. Thus, this thesis will also reflect on the representations of the most famous social network among young people, *facebook*, and how this can be an educational tool for non-formal education contexts.

Finally, I reflect about the contributions of my speech for the construction of professionalism in Education Science, contributions of the social and educative mediator and the diversity of functions in the Youth House.

## RÉSUMÉ

Ce travail est le résultat d'une réflexion sur le trajet d'intervention développée dans l'étape du Master en Sciences de l'éducation, par voie professionnelle.

Cette étape a été développée en la Maison des Jeunes de Gondomar et vise à l'intégration dans l'environnement d'un milieu non formel, l'initiation à la pratique professionnelle par le contact avec le même et des activités récréatives pour les enfants et les jeunes.

A partir des compétences professionnelles et éthiques d'un/ d'une professionnel de Sciences de l'éducation, ce rapport reflète les questions sur les problématiques de l'intervention communautaire, de la jeunesse, les milieux éducatifs non formels et le travail de jeunesse comme un outil éducatif de ces mêmes contextes.

La Maison de Jeunes de Gondomar est un milieu éducatif non formel qui favorise des activités éducatives pour l'occupation du temps libre des enfants et des jeunes dans le comté. Cette institution est un espace avec une équipe multidisciplinaire qui fournit divers recours et dynamiques à partir des outils pédagogiques tels que l'art et des jeux éducatifs.

Ainsi, mon intervention a consisté à comprendre la dynamique de la Maison de la Jeunesse, comme les espaces, l'équipe et les enfants et les jeunes participants dans ce milieu. On a également préparé et réalisé diverses activités éducatives et récréatives, en particulier dans le «Serviço de Animação e Dinamização Juvenil».

Dans le développement de mon action, je comprends que les réseaux sociaux peuvent être une dynamique créative pour l'interaction entre les enfants et les jeunes. Ainsi, cette thèse j'irais également réfléchir sur les représentations de la plus célèbre réseau social plus connue entre les jeunes, *facebook*, et comment cela peut être un outil éducatif pour les contextes d'éducation non-formelles.

Enfin, je réalise une réflexion sur les contributions de mon intervention pour la construction de professionnalisme dans les Sciences de l'Éducation, les contributions de la figure du médiateur socioéducatif et de la formation et la diversité de fonctions dans la Maison des Jeunes.

## **AGRADECIMENTOS**

Aproveito a oportunidade para agradecer a todos/as os/as que me acompanharam ao longo deste percurso, nomeadamente,

À Casa da Juventude de Gondomar que me acolheu e permitiu a realização do estágio bem como me proporcionou o meu crescimento quer a nível pessoal quer a nível profissional.

À coordenadora da Casa da Juventude de Gondomar e minha supervisora local, Dr.<sup>a</sup> Maria José Luz e a todos/as os/as técnicos/as da Casa da Juventude de Gondomar.

Às crianças e jovens e restantes frequentadores/as da Casa da Juventude de Gondomar.

Ao meu orientador, Professor Doutor Pedro Daniel Ferreira, pela orientação ao longo do período de estágio bem como todas as elucidações.

A toda a minha família que, perto e longe, estiveram sempre comigo neste percurso bem como na realização deste relatório.

Ao Xavier pelo amor, apoio e compreensão ao longo deste caminho.

Aos/às meus/minhas amigos/as, pela amizade e por todos os momentos vividos juntos.

À minha colega de curso e companheira de estágio, Débora Rodrigues, pela amizade, partilha e troca de experiências.

Às minhas colegas de curso Ana Teresa, Margarida, Juliana, Jéssica, Marlene, Diana Margarida pelos momentos de convívio, partilha e amizade ao longo destes cinco anos.

## **ABREVIATURAS**

CMG – Câmara Municipal de Gondomar

CMJG – Conselho Municipal da Juventude de Gondomar

CJ – Casas da Juventude

CJG – Casa da Juventude de Gondomar

DSRSG – Diagnóstico Social Rede Social Gondomar – Rede Social Gondomar

PAA – Plano Anual de Atividades

SADJ – Serviço de Animação e Dinamização Juvenil

SIJ – Serviço de Informação aos Jovens

## ÍNDICE

<b>RESUMO .....</b>	<b>2</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>3</b>
<b>RÉSUMÉ.....</b>	<b>4</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>5</b>
<b>ABREVIATURAS.....</b>	<b>6</b>
<b>ÍNDICE DE ANEXOS .....</b>	<b>10</b>
<b>ÍNDICE DE APÊNDICES.....</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>Pertinência do estágio no âmbito do domínio de “Intervenção Comunitária”.....</b>	<b>11</b>
<b>Organização do presente relatório de estágio.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO: A CASA DA JUVENTUDE DE GONDOMAR .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1. O Município de Gondomar.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2. A Casa da Juventude de Gondomar .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.1. Espaços físicos da CJG .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2.2. A equipa técnica da CJG .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2.3. As valências e os serviços da CJG .....</b>	<b>19</b>
<b>1.3. A população da CJG .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCETUAL: JUVENTUDES E OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL COMO A CASA DA JUVENTUDE DE GONDOMAR .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1. Juventudes .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2. Educação não-formal .....</b>	<b>28</b>
<b>2.3. Juventudes, lazer e ocupação dos tempos livres .....</b>	<b>29</b>
<b>2.4. As Políticas de Juventude e o surgimento das Casas da Juventude.....</b>	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO PARADIGMÁTICO E METODOLÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1. Questões epistemológicas.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2. Questões metodológicas .....</b>	<b>39</b>
<b>3.3. Preocupações éticas .....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO IV – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA CASA DA JUVENTUDE DE GONDOMAR: AÇÕES, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS.....</b>	<b>45</b>
<b>Capítulo 1 – A minha entrada no contexto de estágio e a trajetória na CJG .....</b>	<b>46</b>

<b>Capítulo 2 – Ações desenvolvidas na Casa da Juventude de Gondomar – a trajetória do estágio e os momentos de aprendizagem .....</b>	<b>47</b>
<b>1. Atividades dinamizadas no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ) .</b>	<b>47</b>
<b>1.1. Oficinas e <i>ateliers</i> de expressão plástica .....</b>	<b>48</b>
1.1.1. Oficina “Bijutaria em cortiça” .....	50
1.1.2. Oficina "Jogo de culinária tradicional portuguesa" .....	50
1.1.3. Oficina de moldes .....	51
1.1.4. Oficina “Decorar o Natal com Vidro” .....	52
1.1.5. Oficina “Enfeitar o Natal” .....	52
1.1.6. Oficina “Esculturas de instrumentos náuticos” .....	52
1.1.7. Oficina “Criar relógios decorativos” .....	52
1.1.8. Oficina “Decorar a Páscoa com Jornal” .....	53
1.1.9. <i>Atelier</i> de escrita criativa “O nosso jornal” .....	53
<b>2. Atividades para visitas de instituições educativas formais e não-formais – jardins-de-infância, escolas, colégios, associações.....</b>	<b>54</b>
2.1. Descobrir o Corpo Humano – Cabeça, tronco e membros .....	56
2.2. Descobrir o Corpo Humano – sistema digestivo, respiratório e circulatório... ..	57
2.3. “Descobrir o 1º de Dezembro - Restauração da Independência” .....	58
2.4. “Especial" oficinas de Natal .....	59
2.5. Jogo "Roda a Bússola" - Versão Portugal Continental .....	59
2.6. Jogo "Roda a Bússola" Versão Mundo .....	61
2.7. Jogo "Roda os Ponteiros do Relógio" - Relógios decorativos .....	61
2.8. Jogo "Roda os Ponteiros do Relógio" - Versão Família .....	62
2.9. “Explorar os rios através dos jornais. Jogo: Quem sabe de rios?” .....	63
2.10. Jogo "Quem está mais seguro na estrada?” .....	63
2.11. “Oficina de Páscoa” .....	64
2.12. “Oficina de Páscoa” .....	64
<b>3. Acompanhamento nas visitas ao exterior – Colónia de Férias – Férias Jovens Natal e Páscoa .....</b>	<b>65</b>
<b>4. Ações de formação dinamizadas pela coordenadora da CJG .....</b>	<b>66</b>
4.1. Construção de uma marioneta articulada.....	66
4.2. Construção de um tapete com retalhos de pele.....	67
4.3. Construção de sacos de serapilheira .....	67
<b>5. Ação de formação para adultos/as .....</b>	<b>67</b>
5.1. Ação de formação "Trabalhar em pele" .....	67



5.2.	Ação de formação “Árvores de Natal em Papel” .....	67
6.	<i>Workshops</i> .....	68
6.1.	<i>Workshop</i> dinamizado pela técnica responsável do pelo Serviço de Informação aos Jovens (SIJ) .....	68
6.2.	<i>Workshops</i> dinamizados por jovens da CJG .....	68
6.3.	<i>Workshops</i> realizados por profissionais convidados/as .....	71
7.	Preparação de eventos – comemorações de épocas festivas.....	72
7.1.	<i>Halloween</i> .....	72
7.2.	10º Aniversário da Casa da Juventude de Gondomar – 25 de novembro de 2014 .....	72
7.3.	Natal .....	73
7.4.	Dia da Internet Mais Segura – 10 de fevereiro de 2015 – Jogo 101 Perguntas e Respostas .....	73
7.5.	Dia de São Valentim – 14 de fevereiro de 2015.....	74
7.6.	Carnaval.....	74
7.7.	Páscoa .....	74
7.8.	Festa de despedida enquanto estagiárias da CJG – 27 de março de 2015.....	75
8.	Atividades do quotidiano da CJG .....	75
8.1.	Utilização do <i>facebook</i> .....	75
8.2.	Pesquisa para preparação de atividades .....	75
8.3.	Experiência na receção e no SIJ.....	76
8.4.	Espaço Internet.....	76
9.	Jogos – Jogos de tabuleiro, <i>playstations</i> , bilhar, <i>ping-pong</i> , <i>matraquilhos</i> .....	76
10.	O uso da rede social <i>facebook</i> como ferramenta educativa no âmbito da CJG... ..	78
10.1.	A internet e as redes sociais .....	78
10.2.	A rede social <i>Facebook</i> .....	79
10.3.	A utilização da rede social <i>facebook</i> por parte da CJG .....	80
10.4.	Crianças, jovens e a utilização da rede social <i>facebook</i> .....	82
10.5.	A relação entre os/as jovens da CJG e o <i>facebook</i> da CJG.....	83
10.6.	O <i>facebook</i> da CJG enquanto ferramenta educativa para os/as jovens .....	95
CAPÍTULO V – REFLEXÃO SOBRE A MINHA AÇÃO E OS SEUS CONTRIBUTOS DURANTE O ESTÁGIO NA CASA DA JUVENTUDE DE GONDOMAR PARA A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO .....		99
5.1.	Oportunidades e constrangimentos no percurso de estágio na Casa da Juventude de Gondomar .....	100

<b>5.2. O desconhecimento das Ciências da Educação na Casa da Juventude de Gondomar .....</b>	<b>101</b>
<b>5.3. Os contributos da experiência de estágio para a construção da profissionalidade em Ciências da Educação .....</b>	<b>104</b>
<b>5.4. A animação e a mediação socioeducativa na Casa da Juventude de Gondomar: uma reflexão sobre a minha intervenção .....</b>	<b>105</b>
<b>REFLEXÃO FINAL .....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>115</b>

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

<b>Anexo I:</b> Plano Anual de Atividades do Município de Gondomar Ano 2014
<b>Anexo II:</b> Plano Anual de Atividades do Município de Gondomar Ano 2015
<b>Anexo III:</b> Regulamento das Casas da Juventude do Município de Gondomar 2009
<b>Anexo IV:</b> Diagnóstico Social Município de Gondomar – Rede social. Câmara Municipal de Gondomar. Março de 2015
<b>Anexo V:</b> Cartazes de divulgação das atividades dinamizadas na CJG

## **ÍNDICE DE APÊNDICES**

<b>Apêndice I:</b> Tabela de atividades desenvolvidas na CJG
<b>Apêndice II:</b> Registos fotográficos das atividades realizadas na CJG
<b>Apêndice III:</b> Notas de terreno
<b>Apêndice IV:</b> Guiões de entrevista
<b>Apêndice V:</b> Transcrição da entrevista à coordenadora da CJG
<b>Apêndice VI:</b> Transcrições da conversa informal 1
<b>Apêndice VII:</b> Transcrição da conversa informal 2
<b>Apêndice VIII:</b> Tabela de análise de conteúdo

## **INTRODUÇÃO**

Este relatório reflete sobre a minha intervenção no estágio desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, no domínio de Intervenção Comunitária.

O estágio pretende assim o desenvolvimento de competências de um/a profissional em Ciências da Educação para a realização de um projeto de intervenção comunitária.

A realização do estágio permitiu-me usufruir de uma experiência significativa uma vez que me possibilitou a integração num contexto de educação não-formal, a Casa da Juventude de Gondomar (CJG) onde desenvolvi competências profissionais enquanto profissional das Ciências da Educação.

### **Pertinência do estágio no âmbito do domínio de “Intervenção Comunitária”**

O presente estágio foi desenvolvido no domínio de especialização, Intervenção Comunitária. Assim, escolhi um contexto não-formal especialmente dirigido a crianças e jovens, a CJG.

Foram vários os objetivos que levaram à criação da CJG nomeadamente a prevenção de comportamentos desviantes e de risco para os/as jovens. Assim este contexto disponibiliza diversos serviços e valências bem como um leque diversificado de atividades para a ocupação dos tempos livres das crianças e jovens.

Assim, pode considerar-se que a CJG executa uma intervenção no âmbito da educação não-formal, da juventude, da ocupação de tempos livres e da animação.

Deste modo, é pretendida a adesão e participação das crianças e jovens nas diversas dinâmicas que este contexto oferece para que possam obter um enriquecimento para o seu empoderamento e mudança social uma vez que só assim é possível a garantia de “(...) que as estratégias de intervenção são adequadas e potencialmente eficientes na produção de mudança.” (Menezes, 2007: 138).

A intervenção comunitária permite a intervenção juntos dos/as jovens através do desenvolvimento de diversas ações na área da educação, lazer e cultura que pretende a inclusão, a promoção da participação e cidadania, o empoderamento destes/as.

A intervenção comunitária consiste num trabalho desenvolvido no contexto e com os sujeitos, centrado nos recursos e competências dos mesmos para que desenvolvam dinâmicas de participação. Tal como Menezes reflete, a intervenção comunitária é um trabalho que “(...) implica a disponibilidade para trabalhar com as

pessoas e as comunidades – e não em vez delas ou apesar delas – a flexibilidade e a abertura são características essenciais dos profissionais (...).” (2007: 65).

Existem várias perspectivas associadas ao conceito de intervenção comunitária relativamente à consideração e participação dos/as intervenientes. Assim, Manuel Matos (2009) faz referência a várias perspectivas da intervenção, entre as quais a intervenção cidadã. Esta perspectiva é aquela que é visualizada na dinâmica entre a CJG e os/as seus/suas frequentadores/as, uma vez que esta apela à ação por parte dos sujeitos, cidadãos/ãs com conhecimentos, direitos e deveres importantes inerentes ao seu desenvolvimento. (Matos, 2009).

Desta forma, é possível afirmar que existe uma perspectiva de intervenção comunitária e educativa bem como de desenvolvimento social no trabalho desenvolvido pela CJG com as crianças e jovens.

Relativamente à apresentação das motivações pessoais e profissionais que me levaram à realização deste estágio, é importante referir o meu interesse e vontade em trabalhar com crianças e jovens.

Deste modo, o meu interesse por contextos de educação não-formal e espaços juvenis adveio, principalmente, da unidade curricular SIMF 6: Unidade de contacto com o exterior quando, tive oportunidade de visitar instituições nomeadamente as Casas da Juventude (CJ) do Município de Gondomar.

Considero que estes espaços têm uma grande importância para as crianças e jovens possibilitando a ocupação dos seus tempos livres, num espaço que lhes possibilita a interação e o convívio com os seus pares, a participação em dinâmicas educativas e recreativas que permite aprender a estar e a trabalhar em grupo, aprendendo a respeitar as diferenças e as opiniões e ideias dos/as restantes colegas.

Assim, apesar de, inicialmente ter encontrado alguns constrangimentos relativamente a algumas instituições para a realização do estágio, foi enviada uma solicitação de colaboração para a realização do estágio curricular ao coordenador das Casas de Juventude do Município de Gondomar, o Dr. Hugo Raimundo, surgido assim por parte deste a disponibilidade em aceitar a realização do mesmo na CJG.

O meu estágio realizou-se na CJG e decorreu de outubro de 2014 até o início do mês de abril de 2015. Foi igualmente neste local que a minha colega Débora Rodrigues, também estagiária no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, realizou o seu estágio.

Desde o primeiro momento, tive possibilidade de ir conhecendo o contexto e os/as frequentadores/as da CJG nomeadamente através da observação participante e, foi assim que pude conhecer as interações e rotinas deste contexto.

### **Organização do presente relatório de estágio**

As partes que compõem o relatório estão divididas em capítulos sendo que no I capítulo é realizada a apresentação e caracterização do contexto de estágio. Assim, realizo uma breve apresentação do município de Gondomar, a apresentação e caracterização, os espaços físicos, a equipa técnica, as valências e os serviços e uma breve referência à população da CJG.

No II capítulo realizo o enquadramento teórico-concetual, onde desenvolvo a problemática relativa às juventudes, à educação não-formal, ao lazer e ocupação dos tempos livres e, por fim, realizo uma breve reflexão em torno das políticas de juventude e das CJ com base em contributo teóricos de diversos/as autores/as.

O III capítulo é composto pelo enquadramento paradigmático e metodológico no desenvolvimento da ação, onde apresento as questões epistemológicas e metodológicas bem como as preocupações éticas que tive em consideração durante o estágio.

No IV capítulo descrevo as atividades desenvolvidas na CJG: ações, vivências e aprendizagens durante a minha intervenção bem como as possibilidades e constrangimentos encontrados ao longo do presente estágio.

Assim, todas as atividades nas quais eu participei e dinamizei nomeadamente nas atividades dinamizadas no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ), as atividades para visitas de instituições educativas formais e não-formais – jardins-de-infância, escolas, colégios, associações, o acompanhamento nas visitas ao exterior – Colónia de Férias – Férias Jovens Natal e Páscoa, as ações de formação dinamizadas pela coordenadora da CJG, a ação de formação para adultos/as, os diversos *workshops*, a preparação de eventos – comemorações de épocas festivas, as atividades do quotidiano da CJG e, por fim, os jogos.

No final do IV capítulo apresento o pequeno estudo por mim realizado, acerca do uso da rede social *facebook* como ferramenta educativa no âmbito da CJG.

Neste capítulo abordo a internet e as redes sociais, a rede social *facebook*, a utilização desta rede social nomeadamente por parte da CJG, pelas crianças e jovens. Além disso realizo um enfoque sobre a utilização do *facebook* na relação entre os/as

jovens da CJG e o da CJG e ainda o *facebook* da CJG enquanto ferramenta educativa para os/as jovens.

No V capítulo realizo uma reflexão sobre a minha intervenção durante o período de estágio, tendo em conta as possibilidades e as potencialidades do trabalho de um profissional em Ciências da Educação na execução de diversas funções na CJG, o desconhecimento do curso das Ciências da Educação por parte das crianças e jovens deste contexto. Realizo ainda uma apreciação sobre o contributo do estágio para a construção da profissionalidade em Ciências da Educação. Por fim, abordo a questão da mediação e da animação socioeducativa na dinâmica da CJG e na minha ação.

Por fim, na reflexão final termino com algumas conclusões relativamente à importância da Casa da juventude de Gondomar enquanto espaço de educação não-formal para as crianças e jovens, sobre a minha intervenção na Casa da Juventude de Gondomar e as contribuições deste estágio bem como as perspetivas de trabalho futuro.

**CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO  
CONTEXTO DE ESTÁGIO: A CASA DA JUVENTUDE DE  
GONDOMAR**

Neste capítulo é realizada uma breve apresentação do município de Gondomar bem como a freguesia de S. Cosme onde se localiza o contexto onde realizei a minha intervenção, a CJG. De seguida apresento a CJG, os seus espaços físicos, a equipa técnica, as valências e serviços. Por fim, faço uma breve referência e caracterização da população que frequenta este contexto.

### **1.1. O Município de Gondomar**

O concelho de Gondomar pertence ao distrito e à área metropolitana do Porto, sendo o terceiro maior concelho, depois de Vila Nova de Gaia e do Porto, com cerca de 168.000 habitantes.

Com a reorganização administrativa do território das freguesias ocorrida em 2013, o município de Gondomar constitui-se, atualmente, por sete freguesias, designadamente Baguim do Monte, Rio Tinto, Lomba, União das Freguesias de Fânzeres e S. Pedro da Cova, União das Freguesias de Gondomar (S. Cosme), Valbom e Jovim, União das Freguesias de Foz do Sousa e Covelo, e a União das Freguesias de Melres e Medas.

Relativamente à freguesia de S. Cosme, esta “(...) conta com 25.717 habitantes, constituindo-se como a freguesia sede do concelho de Gondomar, e onde podemos encontrar grande parte dos serviços municipais, e ainda, o centro de Gondomar.” (Mota, 2010: 16). Assim, esta freguesia contém diversos serviços e instituições para os/as habitantes, como é o caso das escolas EB1 e EB 2/3, escola secundária, o colégio Paulo VI, a CJG, a câmara municipal de Gondomar, a junta de freguesia, recursos e equipamentos culturais como a biblioteca municipal entre outros serviços.

### **1.2. A Casa da Juventude de Gondomar**

Em Gondomar existem atualmente três CJ: a CJG – S. Cosme que foi inaugurada no dia 25 de novembro de 2004, a CJ de Rio Tinto que abriu ao público no dia 5 de outubro de 2005 e, a mais recente, a CJ de S. Pedro da Cova, inaugurada no dia 9 de maio de 2014.

O meu contexto de estágio foi a CJG, a primeira CJ do município, que se localiza na Rua de S. Cosme, e

(...) fica localizada num edifício de uma antiga escola primária e o seu espaço exterior é bastante acolhedor estando esta rodeada por um belo jardim com árvores de fruto e



alguns bancos. A rua é calma e composta por algumas habitações e campos, alguns deles campos agrícolas. (NT, 22 de outubro de 2014).<sup>1</sup>

Esta surgiu através da requalificação e readaptação de um antigo edifício escolar uma vez que os/as decisores/as políticos/as pretenderam criar um edifício para as crianças e os/as jovens munícipes de Gondomar. Este contexto foi assim o primeiro espaço no município especialmente destinado aos/às jovens, pelo que as CJ se destinam aos/às jovens do município de Gondomar, no entanto estas são acessíveis a toda a população. (RCJ, 2009).

A CJG, bem como as restantes CJ do município, disponibilizam vários serviços e valências para as crianças e jovens e os seus espaços e dinâmicas desenvolvidas têm uma vertente educativa, cultural, lúdica e de lazer. (RCJ, 2009).

As CJ deste concelho são espaços de educação não-formal destinado à ocupação dos tempos livres das crianças e jovens bem como o acesso à mais diversa informação e formação onde se “[c]oncentram num só local uma série de valências e serviços, especialmente dirigidos às crianças e jovens do Município sendo por isso, também, espaços de atendimento a jovens por excelência.” (PAA, 2015: 3).<sup>2</sup>

Estes espaços surgiram assim como uma preocupação com a prevenção de comportamentos de risco e, por isso, têm a intenção de proporcionar às crianças e aos/às jovens a ocupação dos seus tempos livres. Neste sentido, através de atividades, jogos e outras dinâmicas, “(...) as crianças e os jovens gondomarenses podem ocupar os seus tempos livres com diversas atividades salutaras e enriquecedoras da sua experiência pessoal, contribuindo, igualmente, para a prevenção de comportamentos considerados desviantes e de risco.” (PAA, 2015: 3).<sup>3</sup>

Assim, abordando a importância atribuída a estes contextos pelas crianças e jovens, e tal como afirma Marco Martins, presidente da Câmara Municipal de Gondomar,

De acordo com os Censos 2011, cerca de 26% da população de Gondomar é jovem, o que corresponde a cerca de 44 mil habitantes, num universo de 168 mil habitantes. Por

---

<sup>1</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>2</sup> O Plano Anual de Atividades das Casas da Juventude do Município de Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

<sup>3</sup> O Plano Anual de Atividades das Casas da Juventude do Município de Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

isso temos que fixar a juventude neste território, com a ajuda destes equipamentos (...). (Jornal VivaCidade).<sup>4</sup>

As CJ são espaços muito atrativos para os/as munícipes pois disponibilizam vários serviços e têm uma vasta oferta de atividades e dinâmicas. Assim, estes contextos disponibilizam diversos recursos e instrumentos educativos como o “[a]cesso gratuito à Internet, *ateliers* e oficinas de expressão plástica, ações de formação, workshops, cursos de informática, tertúlias e conversas informais, hora do conto e colónias de férias são as principais atividades dinamizadas pelas casas da juventude.” (PAA, 2015: 3).<sup>5</sup>

Desta forma, os contextos onde as crianças e jovens participam, contextos de educação formal, não-formal e informal, têm um lugar central nas suas vidas uma vez que proporcionam momentos de interação e convívio com os seus pares podendo assim estes “(...) adquirir uma forte relação e ligação na vida do/a jovem, nomeadamente, na sua socialização e na construção da sua identidade, pois são espaços ricos na transmissão de valores e experiências.” (Machado, 2010: 22).

#### **1.2.1. Espaços físicos da CJG**

A CJG é composta pela receção onde funciona o Serviço de Informação aos/às Jovens (SIJ) e por um gabinete onde funciona o Serviço de Intervenção Psicológica. É composta também pela sala do Espaço Lúdico e Didático que tem uma minibiblioteca, jogos de tabuleiro e *playstations*. É nesta sala que se desenvolve o Serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ). Para além disso também integra a sala do Espaço Internet, a sala do bilhar, o mini-bar e o espaço exterior.

#### **1.2.2. A equipa técnica da CJG**

A equipa técnica da CJG é constituída pela Dr.<sup>a</sup> Maria José Luz que é a coordenadora do espaço e é licenciada em Ciências da Educação, por quatro assistentes técnicos/as, especializados em diferentes áreas sendo que uma é responsável pelo SIJ e é licenciada em Psicopedagogia, outra é funcionária no Espaço Internet e possui o curso de Turismo, um é técnico de informática no Espaço Internet e licenciado em Informática, e por fim o último é funcionário no Espaço Internet. Da equipa faz parte

---

<sup>4</sup> Jornal VivaCidade <http://public.vivacidade.org/informacao/s-pedro-da-cova-recebe-terceira-casa-da-juventude-de-gondomar/>

<sup>5</sup> O Plano Anual de Atividades das Casas da Juventude do Município de Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

também uma técnica operacional que tem o curso em animação cultural e uma técnica de animação cultural.

### **1.2.3. As valências e os serviços da CJG**

O Serviço de Informação aos/às Jovens (SIJ) funciona na receção definindo-se globalmente enquanto um serviço de atendimento ao público.

Este serviço permite o acesso às mais diversas informações quer sobre atividades quer sobre outras questões como eventos do município entre outros. Para além disso divulga informações relativas a formações, ofertas de emprego, auxilia na elaboração de currículos e de cartas de apresentação e ainda realiza *workshops*. Este é assim um serviço que

(...) esclarece dúvidas e oferece informação sobre as diversas atividades e programas do Município e de outras entidades de cariz juvenil, como o IPDJ, a Fundação da Juventude, Associações Juvenis, entre outras. Permite a emissão do Cartão Jovem Nacional e a marcação de estadias nas Pousadas da Juventude nacionais e internacionais, assim como facilita inscrições em actividades jovens, colónias de férias, campos de trabalho, voluntariado, programas europeus, entre outros. (PAA, 2015: 3).<sup>6</sup>

O Serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ), relativo ao serviço educativo, que promove a dinamização de atividades lúdicas, de animação e lazer, oficinas de expressão plástica, *ateliers*, *workshops* e ações de formação.

Estas dinâmicas destinam-se a diversos públicos como os/as intervenientes da CJG bem como a visitas por parte de instituições educativas como jardins-de-infância, escolas, colégios ou associações. Assim, este serviço, dinamiza atividades de expressão plástica e artística, de animação, visitas de estudo informais e outras tendo diversos/as destinatários/as como os/as frequentadores/as regulares da CJG, jardins-de-infância, escolas, instituições, adultos e profissionais. (PAA, 2015).

O trabalho desenvolvido neste contexto é orientado pelo plano anual de atividades (PAA) das CJ do Município de Gondomar e, por isso, anualmente é realizado um PAA onde constam todas dinâmicas a realizar desde atividades, *workshops*, ações de formação, cursos de informática, entre outras. (Mota, 2010).

---

<sup>6</sup> O Plano Anual de Atividades das Casas da Juventude do Município de Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

Para a elaboração do plano anual de atividades, é importante existir um trabalho partilhado entre as CJ, tal como refere a coordenadora, este trabalho é realizado “(...) em conjunto com as outras casas da juventude do Município, com os outros coordenadores das casas (...).” (EC: 4).<sup>7</sup>

O Espaço Lúdico e Didático disponibiliza diversas formas de ocupação dos tempos livres para as crianças e jovens, desde jogos de tabuleiro, *playstations* com vários jogos disponíveis como também diversos livros. Este funciona assim como um

[e]spaço versátil, onde tudo é possível, é o espaço da animação e do convívio por excelência! As consolas (...) estão sempre disponíveis para os jovens se divertirem, assim como diversos jogos de tabuleiro, de estratégia e de conhecimento, entre outros. São também disponibilizados alguns títulos da literatura moderna para quem prefere algo mais calmo como ler um livro, assim como um jornal diário e um semanário. (PAA, 3: 2015).<sup>8</sup>

O Espaço Internet é composto por doze computadores com acesso gratuito à internet. Este espaço é aberto a todas as faixas etárias sendo assim frequentado por crianças, jovens e adultos do município. Para além disso este serviço dinamiza cursos e *workshops* de informática. Este espaço é assim

(...) dinamizado por animadores que estão sempre prontos a ajudar, num horário de funcionamento contínuo, de segunda a sábado (...). Anualmente é fixado um calendário de formação através do qual são dinamizados diversos cursos de informática, de iniciação a aprofundamento, passando por workshops de áreas mais específicas. Estes cursos são gratuitos e estão abertos à população em geral. (PAA, 3: 2015).<sup>9</sup>

Foi possível verificar que este espaço tem uma grande afluência uma vez que, ao longo do estágio, “Fui reparando que foram acedendo à CJ vários/as jovens, principalmente para se dirigirem ao Espaço Internet.” (NT, 22 de outubro de 2014).<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Transcrição da entrevista à coordenadora da CJG Dr.ª Maria José Luz encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>8</sup> O Plano Anual de Atividades das Casas da Juventude do Município de Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

<sup>9</sup> O Plano Anual de Atividades das Casas da Juventude do Município de Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

<sup>10</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

O Serviço de Intervenção Psicológica é desenvolvido por psicólogas da Câmara Municipal de Gondomar que realizam o atendimento e apoio psicológico pelo que este serviço

(...) proporciona atendimento psicológico, confidencial e gratuito, a jovens até 30 anos, sob marcação prévia. Este serviço tem como objectivo contribuir para o adequado desenvolvimento dos jovens nas suas vertentes emocionais e cognitivas. É dinamizado por uma psicóloga, com experiência no trabalho com jovens. (PAA, 2015: 3).<sup>11</sup>

A CJG possui ainda uma sala de bilhar, um mini-bar para o convívio onde é disponibilizado o jornal diário e possui ainda espaços exteriores com jardins e bancos.

### **1.3. A população da CJG**

No decorrer do estágio foi visível uma grande adesão e participação por parte das crianças, jovens e adultos/as munícipes à CJG e aos serviços que esta dispõe.

Relativamente ao público que frequenta a CJG, é de denotar que esta tem uma maior afluência de frequentadores pertencentes ao sexo masculino nas diversas faixas etárias. Assim, tal como evidencia o documento referente ao Diagnóstico Social do Município de Gondomar, é “[d]e realçar que a Casa da Juventude de Gondomar (S. Cosme) tem vindo a aumentar o número de utilizadores (...) [e que] os utilizadores do sexo masculino prevalecem sobre os do sexo feminino.” (DSMG, 2015: 361).<sup>12</sup>

É então possível visualizar a evolução e caracterização dos/as frequentadores/as das CJ de ambos os sexos sendo que, na CJG, existe um maior número de frequentadores/as no ano 2011 em comparação com o ano 2010, de 2011 para 2012 existe uma diminuição desse número e, nos anos 2012 e 2013 existe uma manutenção do número de frequentadores/as.

Ainda é possível visualizar a evolução e caracterização dos/as frequentadores/as das CJ por sexo onde a CJG exhibe um predomínio dos valores relativos ao sexo masculino em todos os anos apresentados por relação ao sexo feminino. Desta forma, e dando como exemplo os valores relativos ao último ano apresentado, o ano 2013, a CJG

---

<sup>11</sup> O Plano Anual de Atividades das Casas da Juventude do Município de Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

<sup>12</sup> O Diagnóstico Social Rede Social Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

apresenta a prevalência do sexo masculino com 17681 frequentadores em comparação com as 11244 frequentadoras.

Através do mesmo documento, o Diagnóstico Social Rede Social Gondomar, foi possível confirmar, relativamente à participação na CJG por faixa etária entre os anos 2010 a 2013, que são “(...) as faixas etárias entre os 11-14 anos de idade e os 15-20 anos de idade aquelas que mais sobressaem (...) sendo a faixa etária superior a 31 anos aquela que demonstra um número reduzido de utilizadores.” (DSMG, 2015: 361).<sup>13</sup>

Neste sentido, em todos os anos foi visível a prevalência de valores superiores nas faixas etárias entre os 11 e 14 e os 15 e 20 anos de idade em comparação com as faixas etárias dos/as frequentadores/as menores de 10 anos, 11-14, 15-20, 21-25, 26-30 e maiores de 31 anos de idade, sendo que esta última é aquela que apresenta o menor número de frequentadores/as.

Deste modo, apresentando como exemplo os valores relativos ao ano 2013, existiu uma participação de 9551 frequentadores/as com idade compreendida entre os 11 e 14 anos de idade, 8093 entre os 15 aos 20 anos de idade e 1462 maiores de 31 anos de idade.

---

<sup>13</sup> O Diagnóstico Social Rede Social Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

**CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCETUAL:  
JUVENTUDES E OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES EM  
ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL COMO A CASA DA  
JUVENTUDE DE GONDOMAR**

Sendo a problemática de estudo centrada na importância atribuída aos espaços de educação não-formal, designadamente à CJ, importa realizar um enquadramento teórico concetual de forma a abordar estes conceitos bem como o de juventudes, lazer e ocupação de tempos livres.

## **2.1. Juventudes**

No estudo da juventude, e tendo em consideração o surgimento do conceito sabe-se que, na idade média, não era concedida à juventude qualquer especificidade (Costa, 2001).

Mais tarde, com a origem da escola esta possibilitou a origem do conceito de juventude uma vez que permitiu a perceção da existência de uma passagem da fase da infância para a fase da vida adulta, designadamente através da frequência na escola e a aquisição de formação. Deste modo e tal como refere Costa (2001) foi com o nascimento das escolas que se deu o aparecimento da juventude (Costa, 2001).

Assim, o conceito de juventude foi sendo caracterizado por diferentes definições pois foram ocorrendo transformações na sociedade que propiciaram essas mesmas modificações. Tal como refere Dayrell (2003) “[c]onstruir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais.” (2003: 41).

Este conceito está assim relacionado com as diferentes vivências e práticas dos/as jovens que se vão alterando ao longo dos tempos, pelo que “[d]iscutir sobre juventude(s), leva-nos a uma questão principal, isto é, situá-la historicamente tendo em conta os contextos sociais e culturais que permitem a construção do conceito, (...)” (Cardoso, 2013: 30).

Desta forma, é por isso perceptível que se foram construindo dilemas, problemas e expectativas em relação à juventude que, com o passar do tempo, têm vindo a defini-la (Machado, 2010).

Tendo em conta as teorias psicológicas de juventude, estas tendem a centrar-se em características desenvolvimentais pois “(...) definem-na por referência à idade, às mudanças fisiológicas e à maturidade psicológica e moral.” (Gomes, Machado, Silveira & Oliveira, 2002: 66). Para além disso, como refere Costa (2001) esta é “A idade de vida compreendida entre a infância e a idade adulta que é comumente designada por juventude, é denominada no discurso psicológico por adolescência (...)” (Costa, 2001:



43), tendo em conta o desenvolvimento dos sujeitos no que diz respeito à emancipação, às mudanças corporais, à identidade, entre outros aspetos.

No entanto, é importante saber que nem todas as teorias da psicologia utilizam o conceito de adolescência em detrimento do conceito de juventude.

Já no que diz respeito às teorias sociológicas, estas estão mais ligadas à relação dos/as jovens com o seu contexto e meio social.

Assim, a Sociologia da Juventude tem tido em consideração as semelhanças e as diferenças entre os/as jovens, no estudo da definição de juventude, pelo que o discurso sociológico assume um papel acerca da juventude que é o da desconstrução da aparente unidade deste conceito. (Costa, 2001).

Machado Pais abordou a juventude através de correntes teóricas da sociologia da juventude, com base em duas diferentes abordagens que são a “(...) teoria de “juventude homogénea” é desconstruída (...) [e] Pais desenvolveu uma perspectiva sociológica de correntes de juventude dominantes – a “corrente geracional” e a “corrente classista” (...).” (Gomes, Machado, Silveira & Oliveira, 2002: 67).

Por um lado Pais (1990), com base na perspectiva geracional define a juventude enquanto um conjunto social pertencente a um determinado período da vida, dando assim relevância à faixa etária, ou seja, a uma fase da vida. Desta forma a juventude é caracterizada mais homogeneamente. Por outro lado, segundo a perspectiva classista, o mesmo autor define-a como um conjunto social que apresenta diferenças ao nível do contexto social, da situação económica, dos interesses pessoais, entre outras dimensões. Assim, a juventude é caracterizada pela sua heterogeneidade em diversos aspetos da vida dos/as jovens.

Neste seguimento, Camacho (2004) fala-nos também destas duas tendências no que diz respeito à perceção da palavra da juventude e vai ao encontro da perspectiva apresentada por Pais (1990), uma vez que esta autora

(...) toma a juventude como um conjunto social, cujo atributo principal é ser constituído por indivíduos pertencentes a uma determinada fase da vida (tendência geracional que homogeneiza); (...) [e a perspectiva] (...) que entende a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, que abrange diferentes culturas juvenis decorrentes de diferentes pertencimentos de classe, com diferentes parcelas de poder, com diferentes interesses ou diferentes situações económicas. (Camacho, 2004: 330).

Costa (2001) afirma, no entanto, que esta discussão em torno das duas correntes ainda não terminou, no entanto, existe uma propensão para a corrente classista.

Assim, é necessário pensar-se em juventudes devido à diversidade que os/as jovens apresentam em vários aspetos e níveis da sua vida e, por este motivo, é

(...) necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens; isto é, torna-se necessário passar do campo semântico da juventude que a toma como unidade para o campo semântico que a toma como diversidade. (Pais, 1990: 151).

Em suma, o conceito de juventude tem em conta que os/as jovens possuem diferenças ao nível das dimensões da sua vida e dos seus quotidianos e têm diferentes perfis, interesses entre outros. Tal como considera Pais, embora a juventude seja geralmente considerada como uma totalidade pelo facto de existir uma delimitação da faixa etária, esta deve ser considerada como um conjunto social diversificado (Queiroz, 2013).

Assim, tal como referem Hayashi, Hayashi & Martinez (2008), vários foram os/as autores/as que se focaram e estudaram a juventude e que trouxeram grandes contributos para esta temática, o que permitiu quebrar a ideia de um grupo homogéneo com características comuns como a idade começando a abordar as juventudes tendo em consideração a sua diversidade. (Hayashi, Hayashi & Martinez, 2008).

Pelo que fui referindo anteriormente, através da heterogeneidade relativa às origens, aspirações, práticas sociais e culturais dos/as jovens, o conceito de juventudes permite enfatizar a diversidade de maneiras de ser e estar dos/as jovens. (Dayrell, 2003). Nesta lógica é impossível fala-se em juventude mas antes em juventudes uma vez que é necessário ter em atenção as várias dimensões da vida de cada jovem tal como o contexto social e económico, a cultura, o género, entre outras. (Cardoso, 2013).

Inerente ao conceito de juventudes está o de culturas juvenis relativo às vivências juvenis que Pais (1990) define, como “(...) um conjunto de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de partilhar (...)” (Pais, 1990: 140).

Na perspectiva de Pais (1990), a corrente geracional, os valores são transmitidos de geração em geração e, segundo a corrente classista, estes são transmitidos tendo em conta a classe social.

No entanto, Silva contraria a ideia de que as culturas juvenis se prendem com a classe social pois é necessário ter em atenção outras dimensões que “(...) podem ser encontradas nos consumos, na apropriação de lugares, nas interpretações estéticas das suas experiências (...)” (2008: 456).

Assim, os diversos modos de atuação e práticas próprios dos/as jovens permitem realizar uma distinção entre estes/as, pelo que se constata que os/as jovens vivem diferentes estilos de vida. (Silva, 2011).

Deste modo, pela diversidade de práticas que emergem da interação e do quotidiano dos/as jovens conclui-se que existem vários grupos juvenis que são constituídos por características singulares, podendo-se assim afirmar que não existe uma cultura juvenil homogénea. (Cardoso, 2013).

Nesta lógica, Costa (2001) afirma que embora se assuma que existem práticas comuns na vida dos/as jovens, esta também considera que é possível distingui-las devido à existência de interesses comuns na vida dos/das jovens, pois

(...) parece-nos possível identificar um conjunto de práticas comuns aos[/às] jovens, ou seja, um "referente comum" homogéneo que não impede uma posterior diferenciação. A esse “referente comum” corresponderiam aquelas que são consensualmente consideradas pelos[/as] investigadores[/as] as práticas sociais privilegiadamente identificadas com os[/as] jovens, como por exemplo, o lazer e o tempo livre, as redes de sociabilidade, a moda, a música, a linguagem. (Costa, 2001: 64).

Ao nível da diversidade de experiências, costumes e hábitos que os/as jovens têm no seu quotidiano, estes permitem-lhes ter uma identidade própria em comparação com outros/as jovens pois, “[o] mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. (...) [pelo que] constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens.” (Dayrell, 2007: 1110).

## **2.2. Educação não-formal**

Os/as jovens frequentam, nos seus quotidianos, diversos espaços nomeadamente espaços de educação não-formal que contemplam os seus interesses juvenis, e que lhes possibilitam participar, adquirir e trocar conhecimentos e experiências.

Desta forma, face à importância da educação não-formal, considero relevante fazer alusão à origem da educação não-formal, uma vez Canário (1997) afirma que foi a partir dos anos 70 que se começou a pensar numa educação permanente levando assim a pensar-se em outros modelos educativos para além do escolar. Este facto originou a emergência de modalidades educativas não-formais e informais como bibliotecas, entre outros contextos. (Costa, 2001).

São diversos os contextos de educação não-formal que permitem a participação, a sociabilidade, a ocupação de tempos livres e a aquisição de conhecimentos como é o caso das CJ e outros que fazem parte dos espaços frequentados pelas crianças e jovens no seu quotidiano. Assim, a educação não-formal, tal como Gohn afirma «(...) é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de partilha de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos.» (2006: 28).

Estes espaços distinguem-se dos de educação formal relativamente à sua estrutura do espaço e a sua organização e modo de trabalho sendo que, na perspectiva de Gadotti (2005), “[a] educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema seqüencial (...). Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.” (2005: 2).

Assim, é possível considerar que nestes contextos existe, por parte de cada um/a, uma intencionalidade em comunicar, agir, participar e aprender. (Gohn, 2006).

Os contextos de educação não-formal têm então características próprias de atuação nomeadamente em comparação com as instituições de educação formal uma vez que, comparativamente com a escola, os primeiros têm uma maior abertura ao nível da gestão das atividades e do espaço e tempo educativos. (Cosme & Trindade, 2007).

Através da educação não-formal pretende-se proporcionar aos indivíduos que frequentam os contextos onde esta está presente, ocasiões de interação, convívio e partilha para que estes possam considerar esses momentos enquanto experiências significativas. Esta abordagem da educação é, portanto,

(...) uma modalidade educativa que assenta na flexibilidade, isto é, não assenta em normas rígidas, tendo como finalidade última a criação de situações que se esperam

significativas para o indivíduo, sendo pautada por princípios como a partilha, a convivência, o estabelecimento de relações horizontais. (Mota, 2010: 21).

Assim, as atividades educativas desenvolvidas nestes espaços são oportunidades de aprendizagem que assentam na flexibilidade e na autonomia de cada um/a, demonstrando assim que

[o] tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não-formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços. (Gadotti, 2005: 2).

Tendo em conta os objetivos e a lógica de intervenção da educação não-formal estes permitem o desenvolvimento de experiências significativas na vida dos sujeitos. Os contextos de educação não-formal são assim considerados agentes educativos que pela sua dinâmica potenciam aprendizagens e possibilitam a vivência de experiências relacionadas com o contexto de vida de cada um/a. (Mota, 2010).

Para além disso, estes contextos apresentam-se também como uma forma de ocupação dos tempos livres, das crianças e jovens, através do desenvolvimento de diversas atividades e experiências de modo a que estes tempos sejam potencialmente usufruídos. Deste modo é importante ter em conta que as experiências e as vivências de cada um/a o fundamentam a existência de espaços de educação não-formal nas sociedades contemporâneas. (Cosme e Trindade, 2007).

### **2.3. Juventudes, lazer e ocupação dos tempos livres**

O conceito de juventude está muitas vezes associado ao conceito de lazer, pelos tempos e espaços de encontro e sociabilidade entre os/as jovens no seu quotidiano uma vez que os espaços frequentados pelos/as jovens estão diretamente ligados aos seus gostos e interesses o que resulta numa variedade de ocupações e práticas de lazer. (Gomes, Machado, Silveira & Oliveira, 2002: 73).

Desta forma, usualmente, temos presente a ideia de que os/as jovens valorizam os tempos de lazer e de convívio com os/as amigos/as através de atividades, práticas e interesses comuns e, por isso, se considera que o lazer ao fazer parte do quotidiano dos/as jovens, ocupando um lugar significativo para os/as mesmos/as que, na sua

maioria por não estarem ainda inseridos no mundo do trabalho detém e usufruem de um tempo ativo de lazer. (Guerreiro, Cruz, Pinto & Amaro, 2008).

Nos momentos de lazer, os/as jovens dedicam muito do seu tempo na interação, convívio e sociabilidade e, por isso,

[é] nos encontros lúdicos entre os jovens que se dão as trocas culturais que possibilitam a aprendizagem e a criação de códigos e sinais que fortalecem a comunicação entre eles, e, simultaneamente, a apropriação dos espaços como meio de participação na sociedade (...). (Guerreiro, Cruz, Pinto & Amaro, 2008: 14).

Deste modo, o lazer faz parte do quotidiano dos/as jovens, uma vez que estes/as no seu quotidiano procuram espaços próprios e, geralmente, optam por espaços propícios à interação e, é nestes espaços que são construídos os seus circuitos de lazer, apresentando diferenças ao nível da sua durabilidade, sendo mais longos ou mais curtos. (Vale & Silva, 2011).

É nos encontros e momentos de convívio que os/as jovens abordam os mais variados temas e partilham as suas opiniões e as suas aspirações e, é neste envolvimento e participação ativa na sociedade e no seu contexto, que desenvolvem o interesse por temas e questões relacionadas com a sua comunidade favorecendo deste modo experiências de interação e de participação que contribuem para a promoção do empoderamento de cada um/a. (Queiroz, 2013).

Ao longo dos tempos os/as jovens foram cada vez mais se empenhando na participação na sociedade, contribuindo com as suas ideias e opiniões, permitindo assim afirmar que, a possibilidade e o direito de aceder à informação e o direito à liberdade de expressão sobre os mais variados factos e acontecimentos bem como sobre o mundo que nos rodeia permite todos/as uma participação ativa, nomeadamente nos media. (Casanova, 2007).

Desta forma, no que se refere à participação social dos/as jovens em aspetos da vida da sociedade, é importante saber que estes/as “(...) trazem novos debates para a sociedade, pois, nessa fase da vida, as pessoas expressam de forma condensada e intensa os valores, as angústias e os dilemas da sociedade à qual pertencem.” (Sander, 2010: 2).

Os contextos educativos e de lazer frequentados pelos/as jovens permitem o desenvolvimento de diversas experiências sendo as atividades de lazer potencialmente educativas para o desenvolvimento de cada um/a. Nesta lógica, Requixa (1980) defende a relação entre lazer e a educação, designadamente o facto das atividades de lazer serem

ferramentas potenciadoras da educação, afirmando que “(...) ao participar em actividades de lazer, desenvolve-se quer individualmente, quer socialmente, condições estas indispensáveis para garantir o (...) bem-estar e participação mais activa no atendimento de necessidades e aspirações de ordem individual, familiar, cultural e comunitária.” (Marques, s/d: 1).

As vivências e atividades desenvolvidas no tempo de lazer levam-nos assim a pensar num tempo que potencializa as capacidades e competências de cada um/a, e tal como Marcelino (2007) afirma que o lazer é “(...) uma atividade de escolha individual, praticada no tempo disponível e que proporcione determinados efeitos, como (...) o divertimento e o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade.” (Marcelino, 2007: 31).

Neste sentido, relativamente ao lazer, e como refere Mendes (2010), este (...) ultrapassa a simples realização de actividades, apelando a sentimentos, à atribuição de sentidos, ao crescimento e desenvolvimento pessoal e social do indivíduo (não esquecendo que podemos ainda pensar, em segundo plano, num desenvolvimento cultural, económico e mesmo político) implicando dimensões de prazer. (Mendes, 2010: 24).

Portanto, conclui-se que é fundamental o acesso das crianças e jovens a contextos de educação não-formal uma vez que

[e]sta perspectiva de ação educativa e difusão social do lazer passam pela democratização do acesso aos equipamentos e espaços necessários à sua prática. Assim, educar para o lazer, aproveitando o potencial das atividades desenvolvidas no tempo livre, significa acelerar o processo de mudança que possibilitará a instalação de uma nova ordem no plano cultural, e com ela uma nova práxis de lazer. (Surdi, Cunha, Galvão & Grunennvaldt, 2013: 8).

Desta forma, estes factos permitem justificar o investimento que é feito através das políticas de juventude em estruturas dedicadas aos/às jovens, designadamente os contextos de educação não-formal. Assim, como menciona Sander (2010) relativamente ao envolvimento e à participação das crianças e jovens, tal

(...) depende das possibilidades de espaços sociais oferecidos às mesmas para desenvolverem concretamente suas ações, nas quais possam efetivamente vivenciar e experienciar a auto-organização e as variantes de cogestão e também onde possam

aprender como influenciar o desenvolvimento e o planeamento da sua vida futura, seja ela pessoal ou social (THOLE 2000, p.. 260). (2010: 6).

## **2.4. As Políticas de Juventude e o surgimento das Casas da Juventude**

As políticas de juventude implementadas em Portugal especificamente relativa à juventude tiveram início através da iniciativa da UNESCO, uma vez que “[d]esde 1985, Ano Internacional da Juventude, tem vindo a manifestar-se, de uma forma cada vez mais evidente, o interesse pela “problemática jovem” por parte de responsáveis políticos a nível nacional e, mais recentemente, a nível local.” (Costa, 2001: 12). Assim, a partir desta ação, muitas outras foram ocorrendo e que se tornaram fundamentais para direcionarem a atenção para a juventude, para o seu envolvimento e participação.

A nível europeu, a partir dos anos 90 deram-se assim início a ações dirigidas à juventude, nomeadamente através da conceção e implementação de programas como “Juventude para a Europa”, “Serviço Voluntário Europeu (Costa, 2001) prosseguindo com a execução de outros programas e ações.

Deste modo, ao longo do tempo foi-se tendo uma maior atenção à juventude onde as políticas locais de juventude foram ganhando um papel mais importante e, por isso, localmente, foram surgindo “(...) nas autarquias Pelouros da Juventude, Conselhos Municipais de Juventude, Departamentos municipais – com actuação exclusivamente na área da juventude ou agregando-se com a educação, cultura ou desporto – com responsabilidade de implementação de políticas de juventude.” (Costa, 2001: 12-13).

As políticas municipais de juventude e a ações realizadas nos municípios têm assim intenções de promover e desenvolver ações, atividades, eventos específicos relativos à juventude.

Algumas das autarquias do país foram criando as CJ, aliadas a preocupações com a sociedade e,

[c]omo forma de diminuir esta situação crescente de desintegração social, de insatisfação permanente de uma parte da população, de prevenir o caminho da delinquência juvenil e, também, como forma de diminuir a diferença de educação e formação dos indivíduos, ou seja, diminuir o fosso de desenvolvimento no interior de algumas sociedades (...). (Casanova, 2007: 39).



A criação das CJ têm assim na sua génese a resposta a uma lacuna relativa aos espaços existentes e dirigidos aos/às jovens, dando assim resposta à inexistência de espaços educativos e também atrativos complementares à escola, às associações, aos clubes, entre outros. (Casanova, 2007).

Estes contextos têm assim, na sua existência e na sua abertura ao público, uma função educativa e formativa para os/as jovens uma vez que estas se apresentam como “(...) meios de fomento do acesso à informação e às novas tecnologias, de apoio ao desenvolvimento de projectos e iniciativas de animação juvenil e de promoção ao associativismo; (...)” (Costa, 2001: 88).

Estas são assim são espaços culturais, de animação e lazer especialmente dirigidos e dedicados aos/às jovens e, “(...) aparecem com a pretensão de oferecer espaços para os jovens onde se programa e dinamiza um conjunto de actividades. Baseadas na ideia de que os jovens devem ter espaços de encontro (...)” (Artiaga, 2004: 229). Para além disso, têm como intenção proporcionar aos/às suas frequentadores/as um local de lazer, convívio e ocupação dos seus tempos livres através de “(...) diversas linhas de apoio e informação no desenvolvimento de actividades culturais e de lazer, ou seja, desenvolveu-se uma nova componente da estratégia de formação do indivíduo em ordem a juventudes melhor preparadas para intervir socialmente.” (Casanova, 2007: 4).

Assim, as CJ são espaços atrativos para as crianças e jovens que pretendem proporcionar-lhes momentos igualmente agradáveis, para estes/as, uma vez que lhe garante a oportunidade de ocupar os seus tempos livres e participar em actividades lúdicas e educativas. (Silva, 2010).

Desta forma, as CJ enquanto espaços juvenis, apresentam uma grande importância para os/as jovens pois, geralmente, estes/as frequentam estes espaços por longos períodos de tempo tornando-se assim uma segunda casa. (Weller, 2006: 118).<sup>14</sup> Posto isto, a criação destes espaços adveio da atenção dos municípios em relação aos/às jovens e às juventudes, uma vez que

[a] aposta numa educação não-formal por parte destes sectores camarários é fundamental, pois este tipo de educação assume-se mais flexível tanto em relação ao tempo como em relação à (re)criação dos seus múltiplos espaços, respeitando

---

<sup>14</sup> “They usually meet in a juvenile center which they have frequented for many years and which has become, (...) to many youths (...), a ‘second home’, so to speak.” (Weller, 2006: 12).

retoricamente as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. (Machado, 2010: 29).

Neste sentido, estes espaços são locais especialmente dirigido a crianças e jovens, na qual se encontram heterogeneidades relativamente à faixa etária dos/as frequentadores/as, ao contexto social e género, tal como Machado afirma, “[a] Casa da Juventude é um local onde coexiste diferentes formas culturais juvenis, resultantes da intersecção de várias realidades sociais, étnicas, etárias, de género, escolares, etc.” (Machado, 2010: 11).

Deste modo, e como forma de envolver todos/as os/as seus/suas frequentadores/as, as CJ têm uma vasta oferta de atividades lúdicas que propiciam a participação e cidadania ativa, a criatividade, o desenvolvimento de competências, a partilha de ideias e conhecimentos. Assim, o objetivo da dinâmica diária das CJ e das mais diversas atividades realizadas fundamenta “(...) a sua actividade em princípios como a integração, a autonomia, a participação, o lúdico, a criatividade, o associativismo, faz com que o tempo dedicado ao ócio seja um tempo de desenvolvimento humano.” (Mota, 2010: 20).

As CJ enquanto espaços de educação não-formal, no desenvolvimento de diferentes dinâmicas como as oficinas e *workshops*, centram-se em objetivos que pretendem

(...) proporcionar experiências que sejam, simultaneamente, gratificantes e significativas. Poderíamos dizer que a educação não formal abarca objetivos ocultos e implícitos que decorrem dos sentimentos que a ela podem estar associados – voluntariedade, significado, prazer, gratificação, relação, proximidade. (Mendes, 2010: 20-21).

Assim, na lógica das políticas educativas e das ações municipais, nomeadamente no que diz respeito à Câmara Municipal de Gondomar, o Conselho Municipal da Juventude de Gondomar (CMJG) foi criado em 1998 e teve como preocupações o envolvimento e a representação dos/as jovens e das instituições juvenis como incentivo à participação e à cidadania. Este Conselho debate assim assuntos relativos à política de juventude.

A Divisão de Juventude e Tempos Livres<sup>15</sup> da Câmara Municipal de Gondomar coordena e implementa a Política de Juventude deste município. Esta divisão contempla duas subunidades, o Gabinete de Promoção e Dinamização da Juventude e Tempos Livres e o Gabinete de Gestão das Casas da Juventude.

O trabalho da Divisão de Juventude e Tempos Livres é efetuado em cooperação com as várias divisões da CMG como é o caso da educação, cultura, entre outras. Para além disso, é responsável também pela elaboração dos planos anuais de atividades das CJ do Município de Gondomar em conjunto com os coordenadores de cada uma delas.

O Plano Anual de Atividades das CJ do Município de Gondomar orienta assim a ação destes espaços com as diversas atividades, oficinas, *workshops*, entre outras a desenvolver em cada uma delas.

Tendo em conta o que é estipulado no plano, cada CJ para além de desenvolver as atividades, tem o dever de anotar diversas informações tais como o número total de participantes, a idade. Assim, o seu registo assemelha-se à lógica da quantificação dos dados. Neste sentido, durante o período de estágio foi possível visualizar que a relação do município de Gondomar com a CJG está muito relacionada com a lógica da gestão e prestação de contas uma vez que em cada CJ é realizado um relatório semestral das atividades desenvolvidas que define o que foi realizado, o número total de participantes, as idades entre outras informações.

Deste modo, como pude constatar através dos Relatórios de Gestão e Prestação de contas da Câmara Municipal de Gondomar e principalmente do relatório do Diagnóstico Social – Rede Social Gondomar<sup>16</sup>, onde este último apresenta detalhadamente a caracterização dos/as frequentadores/as das três CJ por sexo, faixa etária e ainda por espaços utilizados.

Este facto só é possível devido à recolha diária, em cada CJ, dos dados relativos às dinâmicas dos serviços que são quantificados e fornecidos através do relatório semestral que é produzido em cada CJ. Deste modo, afirma-se uma conceção gestonária que se caracteriza nomeadamente pelo seu foco nos resultados. (Rocha, 2007).

Neste seguimento, a Divisão do Desporto e Juventude recebe e partilha esses mesmos dados no relatório do Diagnóstico Social do Município de Gondomar. Assim, através dos dados quantificados das três CJ, é possível realizar comparações entre as

---

<sup>15</sup> Informação do site <http://www.cm-gondomar.pt/pages/467>

<sup>16</sup> O Diagnóstico Social – Rede Social 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

mesmas, uma vez que “A avaliação de resultados geralmente é realizada de forma objetiva, comparando-se resultados obtidos (...).” (Brandão, 2008: 883) entre as CJ.

A avaliação das CJ, nomeadamente de desempenho permite avaliar e comparar a adesão às CJ e aos serviços que estas oferecem bem como a participação das crianças e jovens nas diversas dinâmicas. Assim, o bom desempenho e sucesso das atividades é avaliado através da adesão e participação nas mesmas.

É possível ainda apresentar outra forma que serve como prestação de contas e de divulgação do funcionamento e trabalho desenvolvido na CJG em relação à CMG. Desta forma, a coordenadora assume que a rede social *facebook* também funciona como meio divulgador de toda a dinâmica que acontece na CJG, ao afirmar que este “(...) tem outra função (...). E, portanto, o *facebook* também é importante para os responsáveis políticos saberem o que se passa (...).” (EC: 26-27).

Assim, o *facebook* permite a divulgação de informação a todos/as uma vez que todas as publicações realizadas dizem respeito ao que é desenvolvido na CJG, onde também os/as responsáveis ligados à CMG têm acesso, nomeadamente a vereadora da Juventude Dr.<sup>a</sup> Sandra Almeida Brandão. Desta forma, a coordenadora afirma que

[t]ambém é importante para nós que a própria instituição que tem responsabilidades sobre as Casas da Juventude, neste caso a Câmara Municipal de Gondomar, a autarquia, tenha conhecimento do que se passa e perceba que efetivamente há dinâmicas, que o equipamento existe mas que as pessoas utilizam. (EC: 26).

### **CAPÍTULO III – ENQUADRAMENTO PARADIGMÁTICO E METODOLÓGICO NO DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO**

Neste capítulo pretendo apresentar o enquadramento paradigmático onde exponho algumas perspetivas epistemológicas que nortearam a minha intervenção ao longo do estágio. Assim, irei refletir sobre o procedimento metodológico designadamente as minhas opções ao nível dos métodos, técnicas e instrumentos de recolha de dados ao longo do período de estágio na CJG.

### **3.1. Questões epistemológicas**

Na investigação, existem opções que são tomadas tendo em conta o posicionamento epistemológico do/a investigador/a, pelo que Sofia Silva declara que a posição epistemológica do/a investigador/a influencia o processo de investigação bem como o método e as hipóteses. (Silva, 2012).

Assim, ao longo do estágio, relativamente ao meu posicionamento epistemológico, tive em conta os pressupostos do paradigma pós-moderno, uma vez que o paradigma “(...) consiste num conjunto aberto de asserções, conceitos ou proposições logicamente relacionadas e que orientam o pensamento e a investigação.” (Bogdan & Bilken, 1994: 52).

De acordo com Bourdieu (2004), a comunidade científica segue o paradigma onde se insere que leva a adotar determinadas linhas orientadoras e métodos nos trabalhos e investigações de cada investigador/a, uma vez que

[o] paradigma é o equivalente de uma linguagem ou de uma cultura: determina questões que podem ser formuladas e as que são excluídas, o pensável e o impensável; sendo simultaneamente um conhecimento adquirido (*received achievement*) e um ponto de partida, é um guia para a acção futura (...). (2004: 29).

Relativamente à ciência pós-moderna, e em específico, ao paradigma “emergente” (Santos, 1987; 1995), também designado de compreensivo, este delinea-se a partir da construção social e através de várias dimensões para a compreensão da própria realidade pelo que B. S. Santos afirma que o conhecimento científico é uma construção e prática social e, por isso, sendo o social inerente à lógica da ciência este é parte integrante dela. (Santos, 2002).

Neste paradigma, é importante realçar a adequação dos métodos de investigação à própria investigação sendo necessário prestar atenção aos contextos e aos sujeitos uma vez que o conhecimento científico resulta do facto de se

(...) compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar (...) métodos qualitativos (...) com vista à obtenção de um conhecimento intersubjectivo, descritivo e compreensivo (...). (Santos, 1988: 53).

Tal como Boaventura Santos (1988) afirma o senso comum, que é inerente à vida das pessoas e que surge no seu quotidiano, tem uma dimensão que pode ser amplificada através da relação com o conhecimento científico. (Santos, 1988).

Na investigação, e considerando a perspectiva de Sandra Harding relativa ao conhecimento localizado e contextual, esta autora defende a objetividade forte e a teoria do *standpoint*.

Desta forma, durante o percurso de estágio, este levou a que me regulasse tendo em conta a os conceitos de objetividade forte e *standpoint*, vislumbrando o conhecimento situado e contextual. Assim é valorizada a presença dos sujeitos tendo em conta os seus contextos pelo que o conhecimento produzido é contextualizado e, por isso, existe a verificação de que o conhecimento científico é situado socialmente. (Harding, 1991).

Assim, cada indivíduo parte do contexto onde se insere para observar o mundo que o rodeia pelo que é possível afirmar que a produção de conhecimento emerge de acordo com o *standpoint* dos sujeitos (Harding, 1991, Haraway, 1988). O/a próprio/a investigador/a não é neutro/a uma vez que parte também do seu *standpoint* para olhar a realidade enquanto “(...) uma base moral e cientificamente preferível para nossas interpretações e explicações de natureza e vida social.” (Harding, 1991: 26).<sup>17</sup>

### **3.2. Questões metodológicas**

A minha intervenção foi desenvolvida com base numa metodologia com uma abordagem qualitativa que me permitiu estudar o mundo social através da observação e da participação no contexto, caracterizando-se por isso pela minha implicação no mesmo.

---

<sup>17</sup> “(...) a morally and scientifically preferable grounding for our interpretations and explanations of nature and social life.” (*idem*: 26).

Para conhecer este contexto foi minha intenção observar o trabalho e o modo de atuação realizado pelos/as técnicos/as, as interações estabelecidas destes/as bem como dos/as frequentadores/as da CJG.

Relativamente ao método de investigação por mim utilizado, é possível declarar que realizei uma aproximação ao método etnográfico através da utilização de algumas das suas técnicas. O método é definido enquanto uma estratégia que integra técnicas de recolha e análise dos dados, o que foi ao encontro das minhas intenções e objetivos na investigação e, neste sentido, o método etnográfico “(...) como modo específico de estar no terreno, de olhar o «real», de recolher dados e informação (...) justifica-se porque se procuram racionalidades locais e a compreensão que os sujeitos fazem da sua vida.” (Silva, 2008: 30).

Assim, na etnografia são utilizadas técnicas como a observação participante e a redação de notas de terreno, técnicas por mim utilizadas ao longo do período de estágio e que me possibilitaram a observação e reflexão sobre as vivências quotidianas na CJG bem como das suas interações.

A observação participante foi uma técnica privilegiada no sentido em que, intencionalmente, me permitiu ter uma atenção pormenorizada às dinâmicas do contexto e dos sujeitos possibilitando a aquisição de informações relevantes, visualização de comportamentos e atitudes bem como a escuta de discursos e interações. Desta forma, durante a minha permanência neste contexto, o método etnográfico permitiu entender as ações dos sujeitos de modo a alcançar o modo como estes percebem os processos sociais em se encontram. (Silva, 2008).

A observação participante é caracterizada pela inserção do/a investigador/a no contexto, com os sujeitos, permitindo assim uma observação, escuta e análise de todas as interações estabelecidas pelo que é intenção do/a investigador/a “(...) compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para pessoas vulgares, em situações particulares.” (Bogdan & Biklen, 1994: 53).

Outra das técnicas utilizadas foi as notas de terreno que me permitiram, a partir dos momentos de observação, redigir e interpretar as vivências, interações e dinâmicas de modo a refletir e compreender as diversas ocorrências. Tal como Bogdan & Biklen (1994) afirmam, as notas de terreno devem focar as imagens e descreve-las através de palavras do espaço, tempo, pessoas e interações como também o ponto de vista do/a observador/a. (Bogdan & Biklen, 1994).



No entanto, uma dificuldade sentida na observação e posterior redação das notas de terreno foi o facto de que a permanência diária e prolongada no local de estágio faz com que na maioria das vezes não é possível abranger totalmente o que se observa. (Freitas, 1997).

Na minha permanência ao longo do estágio e, de forma a observar e analisar o contexto bem como a interação interpessoal considere necessário ter em consideração o próprio contexto e os sujeitos. Neste sentido, Urie Bronfenbrenner (1986) desenvolveu a teoria dos sistemas ecológicos do desenvolvimento humano abordando a questão dos contextos de desenvolvimento humano com os quais contactamos e dos quais sofremos influências, direta ou indiretamente, no nosso desenvolvimento. Segundo a teoria dos sistemas ecológicos do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner “(...) o comportamento humano não pode ser interpretado à margem do contexto que o integra. Assim, esta perspetiva exige a análise dos vários contextos e das relações estabelecidas entre eles de modo a perceber o desenvolvimento dos sujeitos (...)”. (Ferreira, 2013: 28).

Assim, enquanto estagiária da CJG fui apreendendo diversos aspetos e ocorrências referentes ao quotidiano da mesma, com os/as técnicos/as e os/as seus/suas frequentadores que desenvolvem o mais variado tipo de dinâmicas a partir da observação e participação no quotidiano da mesma.

O meu envolvimento e permanência no contexto e no quotidiano da CJG bem como na interação com os/as técnicos/as e os/as frequentadores/as proporcionou-me a recolha e análise de diversas informações, nomeadamente através do diagnóstico que me para permitiu realizar uma análise SWOT.

Assim, foquei-me nas quatro diferentes dimensões da análise SWOT (*strengths*, *weaknesses*, *opportunities* e *threats*), designadamente as forças e as fraquezas internas bem como as oportunidades e ameaças apresentadas pelo exterior. (Capucha, 2008).

Relativamente aos pontos fortes e às oportunidades considero que a CJG tem espaços agradáveis e acolhedores para os/as frequentadores/as (crianças, jovens e adultos) e tem também um plano anual de atividades composto por uma grande abrangência e diversidade de dinâmicas e temáticas direcionadas a todas as faixas etárias.

Outro aspeto positivo foi a boa receção e aceitação enquanto estagiária por parte dos/das técnicos/as e frequentadores/as da CJG bem como o relacionamento agradável e harmonioso com os/as mesmos/as.

Outra potencialidade que vislumbrei diz respeito à sala do Espaço Internet que tem uma grande utilidade devido à grande afluência para o acesso e usufruto dos computadores com acesso à internet e, designadamente o acesso às redes sociais como é o caso do *facebook* e os jogos associados a esta rede social.

A utilização do *facebook* da CJG, efetua-se por meio da coordenadora, na divulgação ao seu público das atividades a realizar, nomeadamente através da publicação da *newsletter* mensal, bem como convites para ações de formação, *workshops* e outras atividades. Para além disso, a coordenadora também utiliza esta rede social para publicar fotografias relativas à realização das diversas dinâmicas que são realizadas. O *facebook* funciona também como forma de interação entre os/as jovens e a CJG, designadamente através de mensagens e comentários enquanto *feedback* por parte às atividades realizadas.

No que diz respeito aos pontos fracos e ameaças, posso refletir sobre a inflexibilidade relativa ao modo de trabalho efetuado na CJG bem como a pouca autonomia concedida ao longo do estágio, a mim e à minha colega Débora, enquanto estagiárias.

Assim, tendo em conta que o trabalho da CJG se desenvolve a partir de um plano anual de atividades e que este orienta toda a ação da mesma, por sugestão da coordenadora, esta considerou que a CJG já oferecia e desenvolvia um grande leque de atividades. Com efeito, a coordenadora julgou que não seria necessário a realização de um projeto o que me impossibilitou a idealização bem como a implementação de um projeto de intervenção.

Desta forma, e tal como sugerido pela coordenadora, participei em todas as atividades que foram desenvolvidas na CJG, algumas delas tendo a total responsabilidade, em parceria com a estagiária Débora, desde a sua conceção, dinamização e avaliação, que no capítulo seguinte irei apresentar.

Ao longo do período de estágio, fui construindo uma ideia para desenvolver um pequeno estudo relativo à importância do uso das redes sociais para os/as jovens. Interessei-me assim em perceber a utilização e relação dos/as jovens da CJG com o *facebook*, bem como a importância e pertinência desta rede social para estes/as enquanto interesse e hábito juvenil. Por fim também desejei perceber a importância e o modo como se relacionam com o *facebook* da CJG.

Assim, para complementar algumas das informações recolhidas ao longo do estágio tive oportunidade de realizar uma entrevista<sup>18</sup> à coordenadora da CJG, em conjunto com a minha colega Débora, também estagiária. A entrevista constitui-se assim enquanto um meio de comunicação que consiste “(...) [n]uma situação social onde se desenrola uma relação face a face (...)” (Gonçalves, 2004: 73). Para além disso, a entrevista demonstra ser uma técnica bastante pertinente na medida em que esta é “(...) utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito (...)” (Bogdan & Biklen, 1994: 134).

Realizei também duas conversas informais<sup>19</sup> com jovens, em pares, de modo a realizar um pequeno estudo acerca da importância e da utilização das redes sociais, nomeadamente do *facebook* por parte dos/as mesmos/as.

Deste modo, a entrevista bem como as conversas informais realizadas foram conversas intencionais e desencadeadas por um processo comunicativo.

Assim, a entrevista semiestruturada e as conversas informais caracterizam-se por alguma flexibilidade bem como uma adaptação ao/à entrevistado/a, através da utilização de guiões<sup>20</sup>, previamente elaborados com questões orientadoras, o que possibilita uma vasta gama de temas, permitindo abordar vários tópicos e dando oportunidade ao/à entrevistado/a o ajuste do conteúdo. (Bogdan & Biklen, 1994).

Na realização da entrevista e das conversas informais procedi à gravação das mesmas, após a devida autorização dos/as entrevistados/as para poder permanecer com todos os dados e discursos. Assim, estas permitiram, através da própria linguagem dos sujeitos, desenvolver ideias sobre o modo como estes interpretam determinados assuntos. (Bogdan & Biklen, 1994).

Posteriormente realizei a transcrição da entrevista e das conversas informais para efetuar a sua análise. Desta forma, após a recolha e leitura de todo o material empírico procedi ao seu tratamento através da técnica de análise de dados, a análise de conteúdo. Esta técnica permitiu-me classificar as diversas componentes em conjuntos segundo critérios com sentido. (Bardin, 2011).

Neste seguimento, decidi o tipo de categorização que pretendia efetuar, designadamente as categorias, os indicadores e as unidades de registo temáticas uma

---

<sup>18</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>19</sup> As transcrições das conversas informais encontram-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>20</sup> Os guiões da entrevista e das conversas informais encontram-se em apêndice no CD-ROM.

vez que a análise por categorias através do desmembramento do texto em categorias através de agrupamentos similares. (Bardin, 2011).

No processo de categorização do material empírico foi minha intenção os dados serem “(...) classificados e reduzidos, após terem sido identificados como pertinentes, de forma a reconfigurar o material ao serviço de determinados objectivos de investigação.” (Esteves, 2006: 109).

Deste modo, a tipologia de categorização utilizada procura enfatizar uma análise de avaliação, ou seja, fazer análise de conteúdo por temáticas através da criação de categorias que albergam unidades de registo. (Esteves, 2006).

Esta técnica de análise de conteúdo tem a vantagem de possibilitar uma rutura com o senso comum pelo que procedi à organização dos dados em categorias de análise. De seguida, realizei a interpretação dos resultados, através da produção de inferências sobre os mesmos tendo em conta um quadro teórico.

### **3.3. Preocupações éticas**

A ética é fulcral na investigação e intervenção pois é necessário ter em atenção questões como a confidencialidade e anonimato bem como o consentimento informado.

Durante a minha intervenção surgiram questões éticas que, enquanto investigadora, se revelaram preocupações pelo que as minhas ações tornaram imperativo o respeito pelos princípios éticos relativos à investigação pelo que tive sempre em consideração o consentimento informado e a proteção da identidade dos sujeitos de modo a evitar qualquer tipo de danos. (Bogdan & Biklen, 1994).

As questões éticas são inerentes quer à investigação quer à intervenção e, por isso, têm de ser consideradas em todos os momentos do trabalho do/a investigador/a uma vez que a ética se relaciona diretamente com as normas relativamente aos processos corretos ou incorretos. (Bogdan & Biklen, 1994).

**CAPÍTULO IV – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA CASA DA  
JUVENTUDE DE GONDOMAR: AÇÕES, VIVÊNCIAS E  
APRENDIZAGENS**

Neste capítulo parte pretendo analisar o meu processo de entrada no contexto da CJG. De seguida pretendo refletir sobre toda a minha ação ao longo de todo o período de estágio que se prendeu com a preparação e realização de diversas tarefas, nomeadamente no SADJ.

## **Capítulo 1 – A minha entrada no contexto de estágio e a trajetória na CJG**

Ao longo do estágio, que decorreu de outubro de 2014 até o início do mês de abril de 2015, foi-me solicitada a colaboração na organização, preparação e dinamização de diversas atividades no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ), inseridas no plano de atividades das CJ do Município de Gondomar. Este plano orienta assim o trabalho desenvolvido pelas CJ estabelecendo a realização de um conjunto diversificado de atividades desde oficinas de expressão plástica, ações de formação, *workshops*, entre outras para as crianças, jovens e adultos que frequentam a CJG.

Desta forma, participei nas atividades solicitadas à CJG por parte de diversas instituições educativas formais e não-formais do município, nomeadamente jardins-de-infância, escolas, colégios e outras instituições educativas.

Estive também presente nas várias atividades que decorreram nas férias escolares do Natal, Carnaval e Páscoa onde afluem muitas crianças e jovens à CJG e estive também envolvida na preparação e acompanhamento de atividades que decorreram no âmbito das colónias de férias jovens de Natal e da Páscoa. Neste âmbito também realizei o acompanhamento nas visitas ao exterior, inseridas na colónia de férias.

Por fim, participei em *workshops* realizados na CJG, dinamizados por jovens bem como por convidados/as. Neste sentido, considero que os *workshops* dinamizados pelos/as jovens foram muito importantes na medida em que permitiram uma maior visibilidade e protagonismo dos/as mesmos/as e ainda proporcionaram nestes/as a iniciativa, o envolvimento, a participação e a partilha tendo em conta os seus gostos e interesses. Neste sentido, considero que

[o]/[a]s jovens aderem a este espaço não só pelo facto de possuírem interesses comuns entre si mas, sobretudo, porque esta é a condição para reconhecerem o sentido da sua acção enquanto jovens (...), considerando-se, portanto, que espaços como estes podem ser contextos onde os/as jovens se afirmem como sujeitos responsáveis e críticos. (Machado, 2010: 14).

Presenciei e preparei em conjunto com a equipa técnica as ações de formação para adultos e os *workshops* desenvolvidos por convidados/as.

Em suma, preparei e realizei tarefas segundo a direção e indicação da coordenadora, num trabalho em colaboração com os/as técnicos/as.

Segundo a sugestão da coordenadora, esta considerou que não seria necessário realizar um projeto de intervenção e propor novas atividades. Assim, esta delegou-me a total responsabilidade na conceção, dinamização e avaliação de determinadas atividades.

Desta forma, e por não tendo sido possível realizar um projeto de intervenção durante o estágio, realizei um pequeno estudo tendo em conta as utilização e a importância das redes sociais por parte dos/as jovens bem como o modo como se relacionam com o *facebook* da CJG.

## **Capítulo 2 – Ações desenvolvidas na Casa da Juventude de Gondomar – a trajetória do estágio e os momentos de aprendizagem**

Desde o início integrei a equipa técnica e dediquei-me na participação e realização das mais variadas tarefas que me foram solicitadas.

Assim, irei apresentar todas as atividades realizadas, nas quais participei durante todo o período de estágio e que me permitiram adquirir bastantes aprendizagens. A apresentação mais descritiva de algumas das atividades tem em consideração o meu maior envolvimento na preparação e dinamização das mesmas.

### **1. Atividades dinamizadas no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ)**

O meu contacto e a minha ação desenvolveram-se maioritariamente no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ).

Como já referi anteriormente, a CJG orienta-se por um Plano Anual de Atividades das CJ do Município de Gondomar e, por isso, este é comum a todas elas, o que permite que, mensalmente, estejam delineados temas e atividades a desenvolver nas CJ. É importante referir que o plano anual das CJ do Município de Gondomar 2014 teve como temas mensais provérbios e o de 2015 teve como tema anual “*As grandes invenções da humanidade*” e em que cada mês fez parte uma invenção.

Neste seguimento, relativamente ao SADJ, enquanto serviço educativo, este desenvolve diversas atividades de expressão plástica e artística com as crianças e jovens

que frequentam a CJG. Através deste serviço, pretende-se atrair a participação das crianças e jovens em atividades criativas pelo que, tal como afirma Teresa Martinho, “(...) a mediação cultural é enquadrada, na maior parte das vezes, por um serviço educativo e pode assumir diferentes modalidades, como visitas guiadas, ateliês, oficinas, cursos breves e outras.” (2013: 425).

Neste serviço predomina a dinamização de atividades e oficinas tendo como base a animação, o carácter lúdico e criativo. Assim, a animação sociocultural tem na sua ação uma vertente educativa, social e cultural e é considerada uma intervenção estratégica e educativa. A animação sociocultural, como afirma Mota (2010), baseia-se em princípios como a inclusão, a emancipação, a participação, o lúdico, a criatividade de modo a que o tempo de lazer seja um tempo de desenvolvimento. (Mota, 2010).

### **1.1. Oficinas e *ateliers* de expressão plástica**

Sendo esta uma área de que eu gosto bastante, durante o estágio, sempre me envolvi com empenho na preparação e execução de diversas atividades lúdicas e educativas, com as crianças e jovens.

As oficinas e *ateliers* realizadas na CJG permitiram-me concretizar diversas aprendizagens relativamente à utilização de vários materiais como ferramentas lúdicas e pedagógicas.

As oficinas estiveram assim centradas nos temas mensais do plano anual de atividades das CJ que pretenderam estimular a participação e o envolvimento das crianças e jovens nas diversas atividades de expressão plástica. Neste sentido, considera-se que as CJ são espaços que estimular a participação nas atividades que desenvolvem ao nível social, cultural, educativo, artístico e outros. (Mota, 2010).

Deste modo, a animação juvenil tem na sua intervenção e nos seus objetivos “(...) proporcionar aos[/às] jovens alternativas para uma Animação do tempo livre e tempo de ócio numa perspectiva educativa que os[/as] leve a assumir este tempo como um meio de valorização pessoal e social.” (Lopes, 2006: 318).

E é no seu tempo livre que as crianças e jovens se dirigem para a CJG de forma a se ocuparem uma vez que o tempo livre dos/as jovens são considerados por estes/as um escape aos espaços frequentados diariamente como a escola e a família, em busca de uma maior liberdade e autonomia. (Machado, 2010).

A CJG proporciona diversas atividades dirigidas às crianças e jovens que pretendem, tal como Lopes (2006) afirma entre vários objetivos, “(...) fomentar, a partir



do tempo livre e do tempo de ócio, aprendizagens diversas (...); [bem como] favorecer o interagir e inter-relação dos[/as] jovens (...)." (2006: 318).

Desta forma, e tal como afirma a coordenadora, a CJG enquanto espaço de educação não-formal tem uma grande importância na freguesia e no município para as crianças e jovens uma vez que “[a] grande questão é de facto dar uma oportunidade às pessoas de terem um espaço alternativo que lhes permita a ocupação dos tempos livres, isso sei que é um fator fundamental.” (EC: 35).<sup>21</sup>

Assim, e tendo em conta a importância e utilidade que a CJG tem para os/as jovens, tal como a coordenadora afirma que

(...) o grande objetivo é ocupar os tempos livres da população. É dar-lhes alternativas de atividades, (...) ter sempre as pessoas *online*, eu quero dizer *online* quer dizer que têm sempre uma possibilidade de estarem ligados ao mundo, conectados no mundo, ler notícias. (EC: 18).<sup>22</sup>

A coordenadora elucida ainda que, para além das várias dinâmicas que se desenvolvem e têm em conta os interesses das crianças e jovens bem como os serviços que esta oferece, existe outro fator ligado ao convívio e à sociabilidade que os/as atrai à CJG. Assim, a coordenadora afirma que “(...) há muitos[/as] que vêm (...) de facto pela internet, ou pelas consolas, ou porque querem jogar bilhar, pelas atividades que têm, mas eu também acho que é muito pela forma como são tratados[/as].” (EC: 20).<sup>23</sup>

Deste modo, a coordenadora chama a atenção para a escuta dos/as jovens, muito importante na interação com estes/as e que é um aspeto que existe na CJG, pelo que “[s]ão tratados como pessoas, são tratados como jovens porque (...) vão falando merecem sempre atenção (...).” (EC: 20).<sup>24</sup>

Como comprova um jovem frequentador da CJG, tendo em conta o que o faz ir e participar nas diversas dinâmicas desenvolvidas na CJG, prende-se com “O convívio das pessoas. As atividades que possam fazer. (...) [O] ambiente, todo o tipo de bem que a Casa tem é uma mais-valia para vir cá.” (N: 2).<sup>25</sup>

A participação nas diversas dinâmicas permitem o estabelecimento de diversas interações bem como estimulam o convívio e a comunicação entre todos/as os/as

---

<sup>21</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>22</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>23</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>24</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>25</sup> A transcrição da conversa informal aos jovens encontra-se em apêndice no CD-ROM.

participantes. Deste modo, as atividades e a animação “(...) potenciam actividades favoráveis (...), nomeadamente, a vivência de experiências significativas entre pares e intergeracionais, o desenvolvimento de laços de solidariedade, e de valores como a camaradagem, o convívio e a amizade.” (Mota, 2010: 20).

Para além disso, a CJG possibilita o estabelecimento de uma comunicação interpessoal eficaz, a socialização e interação e criação de laços sociais, pelo que é possível afirmar que a mediação sociocultural tem vindo a apresentar-se e a definir-se como uma estratégia promotora de inclusão, participação, coesão social e reforço dos laços sociais entre os sujeitos. (Oliveira & Freire, 2009).

#### **1.1.1. Oficina “Bijutaria em cortiça”**

Na realização da oficina “Bijutaria em cortiça”, as crianças e jovens criaram diversos objetos através da reutilização de rolhas e placas de cortiça. Os objetos foram criados ao gosto de cada um e variaram entre colares, pulseiras, entre outros que ficaram bastante originais.

#### **1.1.2. Oficina "Jogo de culinária tradicional portuguesa"**

Tendo em conta o Plano Anual de Atividades 2014, decorreu na CJG a oficina "Jogo de culinária tradicional portuguesa". A coordenadora delegou-me a responsabilidade de iniciar esta oficina. Assim,

[a] orientação para esta atividade seria ter em conta a gastronomia portuguesa e criar um jogo com questões de cultura geral sobre este tema. Desta forma (...) sugeriu que começássemos por solicitar aos/às utilizadores/as a escolha e recolha de receitas ao seu gosto tendo em conta a gastronomia tradicional e típica do nosso país. (NT, 3 de novembro de 2014).<sup>26</sup>

Desta forma, convidamos as crianças e jovens da CJG a partilhar e a escrever a receita do seu prato preferido tendo em conta o tema da culinária tradicional portuguesa,

Depois de reunidas as receitas construímos com os/as jovens um livro de receitas, pelo que, de seguida a coordenadora “(...) informou-nos que deveríamos criar um jogo tendo em conta as receitas que foram recolhidas e escritas pelos/as

---

<sup>26</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

utilizadores/as da CJ (...).” (NT, 10 de novembro de 2014)<sup>27</sup> em que o objetivo seria os/as jovens testarem a sua cultura geral.

Assim, eu e a colega também estagiária, conversamos de forma a idealizarmos um jogo atrativo para os jovens. É importante referir que trabalho em colaboração com a Débora demonstrou-se bastante proveitoso uma vez que

[t]rabalhar em equipa é sempre pertinente porque podemos partilhar opiniões e trocar ideias. (...) Desta forma, (...) chegamos à conclusão que seria interessante inspirarmos-nos no jogo “Quem quer ser Milionário” (...). Assim, realizamos várias questões, tendo em conta o modo de preparação, ingredientes, tempero com base nas receitas escolhidas pelos/as utilizadores/as da CJ, cada uma com quatro opções de resposta. (NT, 10 de novembro de 2014).<sup>28</sup>

Desta forma, criamos o jogo “Quem quer ser @ guro da culinária tradicional portuguesa?” e disponibilizamos o jogo junto do livro de receitas, ficando assim ambos expostos na receção da CJG, para que as crianças e jovens jogassem.

Os jogos são importantes instrumentos de intervenção com crianças e jovens pois, aludindo ao lúdico permitem a interação. E, por isso, torna-se pertinente utilizar a animação e o lúdico na intervenção junto dos jovens “(...) na vertente cultural, em iniciativas como o teatro, a expressão dramática, o jogo, as formas animadas, de modo a potenciar a valorização da comunicação inter-jovens, através da expressividade, da criatividade (...)” (Lopes, 2006: 319).



### 1.1.3. Oficina de moldes

A oficina de moldes permitiu às crianças e jovens a construção de uma bolsa para moedas, através do aproveitamento de peles e de um molde previamente preparado.

Nesta oficina também participaram as crianças do 3º ano do Colégio Paulo VI e assim cada um/a teve oportunidade de construir uma bolsinha.

<sup>27</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>28</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

#### **1.1.4. Oficina “Decorar o Natal com Vidro”**

Para a realização da oficina “Decorar o Natal com Vidro”, as crianças e jovens, que na sua grande maioria visitam a CJG para ocuparem o seu tempo livre proporcionado pelas suas férias escolares. Assim, estes/as foram convidados/as a reutilizar recipientes de vidro, nomeadamente frascos, e a enfeitarem com imagens alusivas à época natalícia através de tecidos de feltro coloridos construindo assim pais natais, duendes, renas e bonecos de neve. No final os/as participantes levaram para decoração nas suas casas com um espírito natalício.

#### **1.1.5. Oficina “Enfeitar o Natal”**

Na oficina “Enfeitar o Natal” as crianças e jovens construíram diversos objetos natalícios. Assim, a partir da reutilização de diversos materiais como chapéus, caixas, CD-ROM, estes/as puderam decorá-los a seu gosto, com decorações natalícias, designadamente a construção e decoração de bonecos de neve com os CD-ROM.

#### **1.1.6. Oficina “Esculturas de instrumentos náuticos”**

O ano 2015 iniciou-se com um novo plano de atividades das CJ do Município de Gondomar 2015 – *As grandes invenções da humanidade* – tendo assim o mês de janeiro sido dedicado ao tema mensal a bússola.

Assim, nesta oficina os/as participantes construíram instrumentos de navegação como bússolas, astrolábios entre outros objetos através da reutilização de diferentes materiais como cartão, cortiça, esferovite, serapilheira e tecidos.

Também construíram a caravela da juventude e um navegador recorrendo à reutilização de diversos materiais e foram expostos no jardim da CJG como forma de decoração e aludindo ao tema anual “*As grandes invenções da humanidade*”.

#### **1.1.7. Oficina “Criar relógios decorativos”**

O mês de fevereiro teve como tema mensal o relógio mecânico pelo que se realizou a oficina “Criar relógios decorativos”. Nesta oficina as crianças e jovens construíram diferentes relógios com recurso a materiais desde serapilheira, esferovite, cortiça, *cd's*, madeira e discos de vinil. Esta oficina resultou na construção de relógios de diversos tamanhos e formas bem como com diferentes marcações numéricas.

### 1.1.8. Oficina “Decorar a Páscoa com Jornal”

O mês de março teve como tema mensal do plano anual de atividades a imprensa.

Assim, esta oficina contou com uma grande participação de frequentadores/as dada a grande afluência à CJG devido às férias escolares.

Deste modo, as crianças e jovens dividiram tarefas e, num momento de convívio e diversão, procederam à construção de uma carroça, um coelho da páscoa e ovos através da reutilização de cartão e jornal.

Esta oficina resultou num trabalho conjunto dos/as participantes para a decoração do jardim da CJG com símbolos da época pascal.

Assim, é perceptível que os espaços de educação não-formal como a CJG, são “(...) espaços onde os jovens desenvolvem as actividades que compõem o seu dia-a-dia – actividades educativas, de tempos livres (...) onde acumulam experiências e desenvolvem relações (...).” (Gomes, Machado, Silveira & Oliveira, 2002: 45).

### 1.1.9. Atelier de escrita criativa “O nosso jornal”

Durante o mesmo mês, decorreu o *atelier* de escrita criativa “O nosso jornal” cujo tema mensal do plano anual de atividades era a imprensa.



Desta forma, a coordenadora, propôs aos/as frequentadores/as da CJG que, diariamente, estes/as individualmente ou em pares, escolhessem uma notícia do jornal de Notícias, tendo em conta um tema do seu interesse. Assim, foi construído um mural na sala do Espaço Lúdico e Didático de modo a que fossem expostas todas as notícias.

Semanalmente, as notícias foram publicadas no *facebook* da CJG relativamente às escolhas da imprensa escrita e, no final da primeira semana, a coordenadora considerou interessante que, semanalmente, também realizassem a escolha de uma notícia da imprensa audiovisual.

Foi notório o interesse e envolvimento dos/as participantes uma vez que estes/as participaram ativamente nesta dinâmica.

Para além disso, este *atelier* também possibilitou o desenvolvimento do gosto pela leitura e pela escrita, o enriquecimento ao nível do vocabulário entre outros aspetos pelos/as participantes, o que permite perceber que “[a] Casa da Juventude apresenta-se como um contexto onde os jovens se tornam visíveis (...) pelas experiências que vão

tendo, que consideram significativas e que favorecem uma construção e um sentido de si.” (Mota, 2010: 84-85).

Este *atelier* permitiu também compreender a utilidade do jornal de Notícias que é disponibilizado diariamente na CJG bem como perceber que este facilita o acesso à mais diversa informação. Assim, as ações educativas e atividades criativas desenvolvidas no âmbito da animação sociocultural fazem parte de

(...) um conjunto de técnicas sociais que, baseadas numa pedagogia participativa, têm como finalidade promover práticas voluntárias que com a participação activa das pessoas, se desenvolvam no seio de um grupo ou comunidade determinados e se manifestem nos diferentes âmbitos das actividades socioculturais que procuram o desenvolvimento da qualidade de vida. (Ander-Egg, 2001:100).<sup>29</sup>

## **2. Atividades para visitas de instituições educativas formais e não-formais – jardins-de-infância, escolas, colégios, associações**

Foram várias as dinâmicas solicitadas à CJG por instituições educativas que a visitaram para a realização de atividades ou jogos, com ou sem tema solicitados ou sugerido por parte das mesmas que, na maioria das vezes, foi articulado com o tema mensal do plano de atividades das CJ. Verifica-se assim que

[a]s Casas da Juventude têm vindo a trabalhar em estreita colaboração com as instituições educativas, públicas e particulares, de todos os níveis de ensino do Município. Tendo por base esta boa relação e o trabalho desenvolvido, propõe-se a continuidade da dinamização de projetos semestrais, entre Janeiro e Junho, particularmente dirigidos às escolas. Cada Casa da Juventude apresenta e desenvolve o seu próprio projeto sob um tema específico enquadrado no tema anual. (PAA, 2015: 21).<sup>30</sup>

É interessante referir que, tal como a coordenadora declara, “(...) muitos utilizadores que frequentam a casa (...) vieram através das escolas.” (EC: 19). Neste sentido, a coordenadora afirma ainda que através da realização destas atividades com crianças das diversas instituições educativas, estas

---

<sup>29</sup> “un conjunto de técnicas sociales que, basadas en una pedagogía participativa, tiene por finalidad promover prácticas y actividades voluntarias que con la participación activa de la gente, se desarrollan en el seno de un grupo o comunidad determinada, y se manifiestan en los diferentes ámbitos de las actividades socioculturales que procuran el desarrollo de la calidad de vida.” (Ander-Egg, 2001: 100).

<sup>30</sup> O Plano Anual de Atividades das CJ do Município de Gondomar encontra-se em anexo no CD-ROM.

(...) são os[/as] futuros[/as] utilizadores da casa, é isso que nós também temos que perceber, que esses[/as] miúdos[/as], os pais ao perceberem que de facto há um ambiente saudável e que (...) há coisas interessantes que eles[/as] fazem aqui, é uma forma também de eles[/as] (...) virem (...). (EC: 25).<sup>31</sup>

No que diz respeito à ligação da CJG às instituições educativas, como Lopes (2006) “[a] educação formal pode e deve apoiar-se nos espaços não-formais e informais para suscitar mais empenhamento, mais motivação, mais sentido, mais envolvimento, mais humanismo e ter mais êxito.” (2006: 407).

Assim, pretende-se alertar para a complementaridade dos diversos tipos de educação para o desenvolvimento de aprendizagens significativas e, por isso, “[n]ão se trata, portanto, aqui, de opor a educação formal à educação não-formal. Trata-se de conhecer melhor suas potencialidades e harmonizá-las em benefício de todos (...)” (Gadotti, 2005: 3). Relativamente a esta relação da educação formal com a educação não-formal, é perceptível então que não se pretende a inviabilidade de nenhum tipo de educação, mas sim a sua junção.

Deste modo, na abordagem de conteúdos e temáticas escolares, segundo a perspectiva de Gohn, “(...) a educação não-formal designa um processo de formação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de organização comunitária e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados.” (Gadotti, 2006: 3).

A CJG realiza um trabalho de colaboração com diversas instituições educativas através da dinamização das mais variadas atividades, dinâmicas e jogos. Este trabalho desenvolvido por parte da CJG como resposta às solicitações “(...) surge [d]a procura, por parte dos responsáveis pela educação de crianças e jovens, de atividades de ensino artístico alternativas ao ensino das artes no sistema da educação formal.” (Martinho, 2013: 437). Assim, os contextos de educação não-formal devem ser valorizados pela sua importância e pertinência pois

(...) uma das virtualidades educativas da educação não formal consiste em incitar, motivar, potenciar, enquadrar a educação formal através de atividades que conferem sentido, partilha, interação e envolvimento ao acto de educar. Neste caso, a educação não-formal tende a converter-se numa tecnologia educativa ao serviço das áreas do saber formal. (Lopes, 2006: 406).

---

<sup>31</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

As atividades e jogos preparados para as crianças tiveram sempre uma intenção educativa e um carácter lúdico. Assim, muitas vezes foi adotado o perfil de jogo de modo a inserir na atividade uma parte lúdica e atrativa, fator este intimamente ligado ao interesse e atenção prestados pelas crianças na aprendizagem e aquisição de conhecimentos sobre determinado tema.

Para além disso, foi muito importante a adequação das atividades ao público na sua preparação e dinamização, tendo sempre em consideração a faixa etária em questão.

O desenvolvimento de atividades e jogos demonstram a pertinência de abordar determinados temas educativos de forma mais criativa e lúdica, proporcionando momentos de aprendizagem de forma dinâmica. Assim, é possível afirmar que “[f]azer visitas guiadas e outras atividades enquadradas nos serviços educativos de instituições culturais de referência representa para os mais jovens fundamentalmente um meio de aprofundar o conhecimento (...).” (Martinho, 2013: 438).

### **2.1. Descobrir o Corpo Humano – Cabeça, tronco e membros**

Em outubro foi solicitada pelo Colégio Paulo VI a realização de uma atividade para as crianças do 1º ano de escolaridade sobre o corpo humano.



Preparamos assim uma atividade em grande dimensão, dividida em cabeça, tronco e membros, de modo a ser atrativo para as crianças.

Esta foi realizada em grupos, com a colaboração de todas as crianças que, por etapas, construíram a cabeça, depois o tronco e os membros. As crianças procederam à identificação dos elementos de cada um e ainda pintaram estes elementos com as cores solicitadas.

No final, foi reproduzido o vídeo da música do Panda com uma coreografia onde todos/as cantaram e imitaram a coreografia que tinha o tema “Cabeça, ombros, joelhos e pés”.

Desta forma, considero que esta atividade foi um sucesso no que diz respeito às aprendizagens desencadeadas nas crianças através desta atividade de carácter lúdico e dinâmico pelo que

(...) fiz um balanço positivo da atividade uma vez que considero bastante interessante o facto de instituições educativas como é o caso deste colégio ter a preocupação de contactar instituições como a CJG, espaço de educação não-formal, para o desenvolvimento de atividades (...). (NT: 31 de outubro de 2014).



Desta forma constato que as atividades preparadas para crianças devem ser dinâmicas e criativas e devem desencadear o interesse para aprender. O lúdico funciona como um estímulo para a aprendizagem, num contexto de educação não-formal. Assim, relativamente à animação, “(...) [e]stas actividades baseavam-se em processos de aprendizagens dinâmicos, resultantes da partilha e da interacção das crianças entre si (...)” (Lopes, 2006: 315).

## **2.2. Descobrir o Corpo Humano – sistema digestivo, respiratório e circulatório**

O Colégio Paulo VI solicitou à CJG uma atividade para o 3º ano de escolaridade sobre o corpo humano, designadamente sobre os sistemas digestivo, respiratório e circulatório.

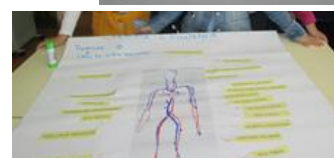
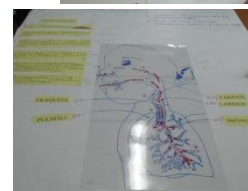
A dinâmica preparada foi realizada em suporte de grande dimensão uma vez que nos baseamos em desenhos de imagens dos sistemas de modo a que as crianças pudessem identificar os órgãos relativos a cada sistema.

Os grupos trabalharam os diversos sistemas, com provas que tinham alguma exigência, uma vez que, como forma de aprofundamento dos sistemas, elaboramos provas específicas sobre cada um deles como a dentição, a laringe e o coração.

Deste modo, a atividade intitulada “Descobrir o Corpo Humano”,

[m]ais do que uma aprendizagem e aquisição de conhecimentos, as crianças entraram numa divertida aventura de descoberta dos sistemas digestivo, respiratório e circulatório. Isto refletiu assim o carácter lúdico, dinâmico e criativo de atividades sobre temas educativos como é o caso do corpo humano. (NT, 20 de novembro de 2014).<sup>32</sup>

Deste modo, constata-se que a realização de atividades, dinâmicas bem como os jogos por parte das crianças constituem experiências significativas e geradoras de conhecimento para as crianças. Assim, entende-se que “[a] aprendizagem é tão importante quanto o desenvolvimento social e o jogo constitui uma ferramenta



<sup>32</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

pedagógica ao mesmo tempo promotora do desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento social.” (Antunes, 2003: 14).

### **2.3. “Descobrir o 1º de Dezembro - Restauração da Independência”**

Foi solicitada à CJG uma atividade para a visita de estudo das crianças do 3º ano da escola básica do 1.º ciclo da Bela Vista no âmbito do projeto “Percursos D’Ouro”.

No entanto não foi indicado nem sugerido nenhum tema, ficando assim a escolha do mesmo ao critério da CJG pelo que fiquei responsável pela preparação desta atividade.

Decidimos preparar esta atividade tendo em conta o dia da realização da mesma, dia um de dezembro, dia da Restauração da Independência.

Deste modo, embora desde 2013 este dia ter deixado de ser comemorado enquanto feriado nacional, consideramos interessante que relembassem esta data histórica e, por isso, o objetivo desta atividade “(...) pretende que as crianças, de forma dinâmica, construam a sequência de importantes acontecimentos que originaram este dia.” (NT, 26 de novembro de 2014)<sup>33</sup>, bem como lembrar a importância deste dia para Portugal e para todos/as os/as portugueses/as.

Assim, preparamos esta atividade num formato de grande dimensão de modo a ser realizada a recriação das várias fases relativas à sequência cronológica que originou o dia 1 de dezembro de 1640 pelo que “(...) optamos por fazer esta por etapas relativas a esta fase histórica com uma imagem e descrição para que as crianças possam, em grupo, organizar a sequência dos acontecimentos.” (NT, 26 de novembro de 2014).<sup>34</sup>

Esta atividade lúdica terminou com uma prova com diversas frases às quais as crianças deveriam colar a palavra correspondente sendo que

(...) não pretendíamos que esta se equiparasse a uma atividade de natureza escolar, mas que as crianças relembassem e não deixassem passar em vão este dia bastante importante que, apesar de já não ser comemorado como feriado, merece a sua valorização pois é um marco importante na história de Portugal. (NT, 1 de dezembro de 2014).<sup>35</sup>

Esta dinâmica educativa e didática, centrada na construção de uma sequência, revelou que nesta visita à CJG, as crianças puderam desfrutar de uma atividade lúdica

---

<sup>33</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM

<sup>34</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM

<sup>35</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

que permitiu o desenvolvimento de aprendizagens e a aquisição de conhecimentos. Assim, através desta atividade, podemos afirmar que a

(...) criança experimenta, inventa, descobre, aprende e confere habilidades. Sua inteligência e sua sensibilidade estão sendo desenvolvidas. A qualidade de oportunidades que são oferecidas à criança por meio de jogos garante que suas potencialidades e sua afetividade se harmonizem.” (Alves & Bianchin, 2010: 284).

A mediação socioeducativa compõe-se como uma componente importante no desenvolvimento de aprendizagens e competências nas crianças envolvidas, operando como estímulo à comunicação e interação. Desta forma, Silva *et al* (2010) afirmam que a mediação socioeducativa

[é] uma prática que ocorre em contextos educativos, tanto escolares, como de educação não formal e informal, cuja acção se pode centrar em indivíduos – e no seu desenvolvimento e inserção social – ou em grupos e comunidades – com uma dimensão colectiva e de coesão social (Luison & Velastro, 2004) (Silva *et al*, 2010: 121).



#### **2.4. “Especial” oficinas de Natal**

No mês de dezembro foi realizado o "Especial" oficinas de Natal. Assim, foram preparadas e desenvolvidas várias oficinas e atividades lúdicas e temáticas uma vez que a CJG recebeu visitas de várias instituições do município nomeadamente o Ginásio de Educação Leonardo Da Vinci.

Nesta atividade as crianças puderam construir bonecos de neve através da reutilização de CD-ROM que depois foram decorados com tecidos de feltro coloridos, ao gosto de cada criança, podendo depois serem pendurados, por exemplo, nas suas árvores de natal.

#### **2.5. Jogo "Roda a Bússola" - Versão Portugal Continental**

A CJG recebeu um grupo de quarenta crianças do 1º e 4º ano de escolaridade da EB1 do Vinhal para realizar o jogo "Roda a Bússola" - Versão Portugal Continental.

Esta atividade incidiu assim sobre as várias capitais de distrito de Portugal na qual as crianças tiveram que completar as letras da capital com palavras sobre características da mesma. As crianças foram assim divididas em grupos “Tendo em conta as dezoito capitais de distrito (...) tiveram que completar as iniciais da palavra com as características desses próprios locais, como rios, monumentos entre outras.” (NT, 16 de janeiro de 2015).<sup>36</sup>

Por fim, as crianças procederam à identificação das capitais de distrito no mapa de Portugal exposto na sala da CJG que estava dividido pelas províncias portuguesas, onde

(...) puderam rodar a seta da bússola de modo e perceber a localização da mesma face ao mapa de Portugal Continental, ou seja, a sua localização relativamente aos pontos cordeais e colaterais (N, S, E, O, NO, SO, NE, SE).” (NT, 16 de janeiro de 2015).<sup>37</sup>

Como prémio e forma de recompensa pela atividade bem-sucedida na exploração das regiões de Portugal receberam um chapéu com a imagem do mapa de Portugal.

Assim, concluo que, através do desenvolvimento destas atividades, em grupo e, de modo a promover uma educação para a cidadania, os jogos possibilitam “(...) situações de trabalho de grupo visando o desenvolvimento de competências de cooperação, em cada criança, que lhes permitam colocar-se no lugar do outro, respeitando diferentes perspectivas; (...)” (Leite & Rodrigues, 2001: 29).

Finalizada a atividade, preparamos uma dinâmica como forma de encerrar a visita que teve como objetivo transmitir às crianças que a invenção de objetos como a bússola permitiu nomeadamente aos navegadores explorarem o mundo com orientação. Assim, estas foram assim convidadas a construir uma bússola artesanal com recurso a uma agulha de costura, um íman, uma rolha e água.

Antes de finalizar, convidamos ainda um jovem da CJG que procedeu à

(...) construção de um quadrante que serve para medir ângulos. Com recurso a um transferidor, uma palha, cola quente, um fio e uma pedra e com a ajuda das crianças. Após a realização do objeto, (...) procederam à explicação do modo de utilização do mesmo com algumas crianças que escolheram o objeto através do qual desejavam

---

<sup>36</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>37</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

medir o ângulo, pelo que tinham que deixar uma distância de um metro tendo em conta o ponto escolhido.” (NT, 22 de janeiro de 2015).<sup>38</sup>

## **2.6. Jogo "Roda a Bússola" Versão Mundo**

Este jogo "Roda a Bússola" Versão Mundo foi preparado e dinamizado na CJG na qual participaram cinquenta crianças do 2º e 3º ano da EB1 do Vinhal de forma a explorarem os continentes.

Depois de divididos/as por grupos, cada um ficou responsável por um continente nomeadamente África, Ásia, América norte, central e do sul, Europa e a Oceânia, as crianças “(...) a partir das letras correspondentes às palavras de cada continente, (...) completar[am] com características dos continentes. (NT, 14 de janeiro de 2015)<sup>39</sup> desde as capitais de países, entre outras características dos mesmos.

Apesar do surgimento de alguma dificuldade sentida por parte das crianças foi possível ultrapassá-la com o recurso à pesquisa na internet por parte das mesmas.

Assim, através da organização dos grupos na realização da prova foi evidente que “[o]s jogos devem permitir que todo o grupo participe ativamente durante todo o seu desenvolvimento. (...) Nos casos de jogos coletivos, o sucesso do grupo baseia-se na participação ativa de todos (...).” (Gómez & Samaniego, 2005: 132).

Por fim, as crianças foram desafiadas a jogar, tendo em conta o mapa exposto na sala e a bússola onde tiveram que indicar em que direção ficava o continente por eles/as explorado, a partir da referência de Portugal Continental.

Como presente do sucesso da atividade as crianças receberam um chapéu com o mapa com os continentes.

## **2.7. Jogo "Roda os Ponteiros do Relógio" - Relógios decorativos**

O Jogo "Roda os Ponteiros do Relógio" - Relógios decorativos foi realizado com as crianças do Jardim de Infância da Associação Recreativa Bem Fazer Vai Avante "O Sonho Mágico”.

Tendo em consideração a idade das crianças, decidimos que seria interessante, estas decorarem cada um chapéu através da construção de um relógio com os números e os ponteiros. No fim da atividade todos/as foram convidadas a jogar o "Roda os

---

<sup>38</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>39</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

Ponteiros", exposto na parede da sala do Espaço Lúdico e Didático, construído pelas crianças e jovens da CJG.

Desta forma, constata-se que as atividades lúdicas são importantes na educação infantil na medida em que permitem que estas se desenvolvam a vários níveis, uma vez que “[b]rincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende, confere habilidades, além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia; proporcionando ao mesmo tempo o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração e atenção.” (Sena & Ayres da Silva, 2010: 114).

## **2.8. Jogo "Roda os Ponteiros do Relógio" - Versão Família**

A atividade nomeada de Jogo "Roda os Ponteiros do Relógio" - Versão Família foi preparada para a visita de vinte as crianças da EB1 do Vinhal.

Para esta dinâmica foi sugerido o tema da família e, por isso, foi preparada uma atividade que se centrava

“(…) na família e nas relações de parentesco tendo em conta o pai, mãe, avô, avó e outras figuras em que, a partir das letras de cada palavra, teriam que completar com palavras acerca de qualidades dessa pessoa.” (NT, 10 de fevereiro de 2015).<sup>40</sup>

Para além disso, aliamos o tema mensal do mês de fevereiro do Plano Anual de Atividades das CJ, que era o relógio mecânico.

Assim, as crianças tiveram que assinalar nos relógios as horas a que realizam certas rotinas ou atividades com os elementos da família. Neste sentido e, “[p]ara finalizar, (…) por grupos, foram fazer no relógio de parede exposto na sala do Espaço Lúdico e Didático, algumas horas que estes tinham escolhido e escrito nos cartazes.” (NT, 24 de fevereiro de 2015).<sup>41</sup>

Nesta atividade, e incitando à colaboração entre todos/as, entende-se que “[o]s jogos cooperativos referem-se a um conjunto de atividades lúdicas cuja característica primordial é propor a cooperação como única forma de interação entre os seus participantes.” (Gómez & Samaniego, 2005: 128).

---

<sup>40</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>41</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

## 2.9. “Explorar os rios através dos jornais. Jogo: Quem sabe de rios?”

Tendo em conta o tema mensal, a imprensa, e a atividade intitulada “Jogos de descoberta: O jornal”, a preparação desta atividade para os alunos do 4º ano da EB1 do Vinhal foi desenvolvida tendo por base o jornal.



Assim, a atividade intitulou-se “Explorar os rios através dos jornais. Jogo: Quem sabe de rios?” para a qual, através de folhas de jornal foram construídos jornais de grande dimensão sendo que em cada um ficou com um rio, designadamente rio Douro, rio Sado, rio Tejo, rio Guadiana e rio Mondego.

Na visita das crianças estas, em grupos, completaram frases com características, curiosidades sobre os rios e pontes.

Através deste jogo, as crianças testaram os seus conhecimentos e adquiriram outros através de novas aprendizagens, uma vez que “(...) a criança brinca para descobrir o Mundo, as pessoas, e as coisas que estão à sua volta.” (Araújo, 2009: 132).

Ainda neste âmbito, é possível refletir sobre a importância de atividades em forma de jogo uma vez que “(...) torna-se evidente que o jogo, em seus vários aspectos, pode desempenhar uma função impulsionadora do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.” (Alves & Bianchin, 2010: 284).

## 2.10. Jogo “Quem está mais seguro na estrada?”

A CJG recebeu a visita das crianças do Jardim de Infância de Areja, Lomba para a realização da atividade em forma de jogo intitulada “Jogo: Quem está mais seguro na estrada?”.



Esta foi preparada em grande dimensão e teve como objetivo a pintura de desenhos relativos aos semáforos, cadeira de retenção, ciclovia, passadeira bem como sinais de trânsito já bem conhecidos/as dos/as mesmos/as.



Finalizamos com um jogo com questões segurança rodoviária e assim, pelo sucesso do mesmo receberam um chapéu com um semáforo.

Esta atividade foi devidamente adaptada à idade das crianças tendo tido o objetivo de que fosse atrativa e que proporcionasse um momento de aprendizagem e desenvolvimento ao nível pessoal e social.

As crianças brincaram e pintaram ao mesmo tempo que exploravam uma temática importante. Deste modo, considera-se que

[o] lúdico, que já faz parte naturalmente da vida da criança, faz do ato de educar um compromisso modificador da sociedade, pois capacita a criança a tornar-se um cidadão crítico, ativo e atuante na sociedade na qual está inserida. (...) Assim o lúdico torna-se um valioso instrumento à aprendizagem da criança. (Sena & Ayres da Silva, 2010: 119).

Nesta perspectiva, Alves & Bianchin (2010) através da realização deste jogo com as crianças permitiu que, de forma lúdica, estes interajam, adquiram conhecimentos e, “[d]essa maneira, pode-se dizer que o jogo é importante, não somente para incentivar a imaginação nas crianças, mas também para auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas.” (Alves &, 2010: 283)

### **2.11. “Oficina de Páscoa”**

Em março desenvolveu-se na CJG a oficina de Páscoa, nomeadamente para a visita das crianças do Ginásio de Educação Da Vinci.

Para esta atividade, foram previamente construídos e preparados sacos de serapilheira de modo a que as crianças pintassem decorassem os mesmos com elementos relativos à Páscoa.

No dia da atividade, foi preparado previamente o *vieux-chêne* e, através de um molde as crianças pintaram um coelho e, de seguida fizeram o rabo do coelho através da construção de um pum-pum de corda e para finalizar decoraram com diversos ovos da páscoa com tecidos de feltro.

As crianças e jovens vieram com muita afluência à CJG ocupar os seus tempos livres dadas as férias escolares da páscoa e, por isso, também participaram nesta oficina, levando assim para casa um saco de serapilheira decorado.

### **2.12. “Oficina de Páscoa”**

A “Oficina de Páscoa” foi desenvolvida com as crianças do Centro de Ocupação de Tempos Livres "O Soutinho". Estas visitaram a CJG para desenvolver uma atividade de expressão plástica onde estas tiveram oportunidade de pintar um saco de serapilheira, com recurso a um molde.

Assim, dissolvemos o *vieux-chêne*, colocaram o molde e pintaram o coelho e de seguida decoraram o saco com tecidos de feltro.



### **3. Acompanhamento nas visitas ao exterior – Colónia de Férias – Férias Jovens Natal e Páscoa**

As colónias de férias Jovens ocorrem nas pausas letivas do Natal e da Páscoa nas CJ. Estas têm como objetivo proporcionar a ocupação dos tempos livres de crianças dos 6 aos 15 anos de idade e possibilita a participação em diversas atividades e visitas ao exterior, “(...) na perspectiva de acesso a outras experiências, que, por vezes, não são possíveis no contexto familiar.” (Gomes, Machado, Silveira & Oliveira, 2002: 64).

As colónias de férias proporcionam às crianças atividades e visitas muito interessantes muito interessantes, pelo que, desta forma, considero que

(...) são, de facto, oportunidades incríveis de ocupação de tempos livres das crianças e, fundamentalmente uma ajuda enorme para os pais e mães que não têm onde deixar as crianças durante as férias da Páscoa, Verão e Natal (...). (NT, 19 de dezembro de 2014).<sup>42</sup>

Assim, acompanhei a primeira semana das férias de Natal na CJG de modo a verificar a intensa afluência de crianças e jovens no período de férias escolares bem como as diversas atividades que se realizam.

O primeiro dia de colónia de férias Jovens de Natal foi dedicado à apresentação das crianças onde dinamizamos o jogo de apresentação com as crianças. Assim a coordenadora solicitou que nós, estagiárias, dinamizássemos o mesmo. O jogo

(...) estava dividido em vários temas pelo que iniciamos pelo nome e apelido. Colocamos as folhas no chão e as canetas e estes/as tinham que apanhar um papel de cada e escrever o que tinha sido pedido. (...) De seguida, foi sendo pedida a altura, a data de nascimento, a nacionalidade, o *nickname*, o clube, a banda de música/cantor e a cor favorita. (NT, 17 de dezembro de 2014).<sup>43</sup>

Após esta dinâmica, as crianças tiveram que construir, num *outdoor*, o seu bilhete de identidade, através da junção de todos os dados.

Ainda no que diz respeito às colónias de férias Jovens de Natal, preparamos diversas atividades para a oficina de natal que se realizou na CJG.

No último dia da colónia de férias, tive oportunidade de acompanhar as crianças nas visitas ao exterior, nomeadamente à Biblioteca Municipal de Gondomar para o

---

<sup>42</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>43</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

*workshop* de Língua Gestual Portuguesa e a Santa Maria da Feira à visita a Perlim – uma quinta de sonhos.

No *workshop* de Língua Gestual Portuguesa, estas tiveram oportunidade de aprender o “(...) alfabeto em língua gestual portuguesa, a realização por parte das crianças do seu nome em LGP, os números de 1 a 10 para as crianças realizarem a sua data de nascimento e ainda os dias da semana.” (NT, 19 de dezembro de 2014).

Já na visita a Perlim – uma quinta de sonhos, as crianças ficaram encantadas com todos os espaços e espetáculos que existiam neste espaço pelo que

(...) assistimos à “Aventura de Cowboys” que captou, durante todo o tempo, a atenção do público, uma vez que o teatro continha momentos de interação com o público. Finalizado o espetáculo, fomos visitando o espaço pelo que passamos pela MiniDisco, fomos visitar o castelo, passamos pela Lapónia com o Pai Natal, a quinta dos animais e pela pista de gelo. (...) Para finalizar assistimos ao conto da história “Era uma vez... Perlim” junto ao lago, à ponte e às grutas. (NT, 19 de dezembro de 2014).<sup>44</sup>

As crianças divertiram-se bastante na participação destas visitas, no entanto foi perceptível a grande responsabilidade para os/as técnicos/as das CJ uma vez que “Foi necessário ter um controlo e vigilância enorme durante toda a visita porque o espaço do evento é enorme e existiam muitas visitas de estudo com muitas crianças.” (NT, 19 de dezembro de 2014).<sup>45</sup>

Na colónia de férias de Natal Jovem da Páscoa, a coordenadora voltou a solicitar que também acompanhasse as férias letivas da Páscoa uma vez que se iam realizar diversos *workshops* na CJG.

#### **4. Ações de formação dinamizadas pela coordenadora da CJG**

##### **4.1. Construção de uma marioneta articulada**

Esta foi uma atividade que considero importante no sentido em que aprendi as técnicas para a construção de uma marioneta articulada.

Desta forma, a coordenadora que tem um curso de marionetas articuladas, quis ensinar com o objetivo desta, no final do estágio, ficar como recordação da realização do mesmo, do meu percurso e das aprendizagens realizadas neste contexto.

---

<sup>44</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>45</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

#### **4.2. Construção de um tapete com retalhos de pele**

Ao longo do estágio foi sendo realizado um tapete com retalhos de pele. Assim, a técnica Maria dedicou bastante tempo à sua construção pelo que ajudei através do recorte de tiras de retalhos de pele para a sua posterior aplicação na base do tapete.

#### **4.3. Construção de sacos de serapilheira**

Na preparação de atividades para a Páscoa, realizamos sacos com serapilheira. Assim, através de sacos de serapilheira de café, cortamos, cosemos e ainda aplicamos as alças nos mesmos.

### **5. Ação de formação para adultos/as**

#### **5.1. Ação de formação "Trabalhar em pele"**

Esta ação de formação decorreu no dia 25 de outubro de 2014, e a minha participação na mesma tinha como objetivo observar e perceber como estas são preparadas e desenvolvidas.

Esta teve como objetivo construir diversos objetos com recurso a aproveitamento de peles, designadamente uma bolsa para moedas, um despeja bolsos, um porta-chaves e caixas decorativas.

A participação nesta ação de formação fez-me refletir na importância da educação ao longo da vida pois estas fazem-nos adquirir competências e que nos dão a oportunidade de realizar novas e constantes aprendizagens.

#### **5.2. Ação de formação “Árvores de Natal em Papel”**

Esta ação de formação decorreu na CJG de S. Pedro da Cova, no dia 13 de dezembro de 2014, onde as formandas e o formando demostraram bastante interesse e empenho em participar e realizar as árvores de natal em papel.

Assim, a Vanessa, enquanto formadora, explicou que a árvore era realizada com recurso a seis moldes.

## **6. Workshops**

### **6.1. *Workshop* dinamizado pela técnica responsável do pelo Serviço de Informação aos Jovens (SIJ)**

Fui convidada a participar no “*Workshop*: ferramentas para a procura de emprego” no dia 14 de Janeiro na CJG.

Este *workshop* foi dinamizado pela Vanessa Araújo, técnica responsável pelo SIJ da CJG e contou com a participação de jovens estudantes de cursos profissionais da AtualGest - Formação Profissional.

Assim, este centrou-se nos temas do *curriculum vitae* relativamente ao modo de realização do mesmo, a carta de apresentação e ainda foram fornecidas informações e prestados esclarecimentos sobre as entrevistas de emprego.

Segundo o Plano Anual de Atividades das CJ, faz parte das funções da técnica do SIJ, a realização de *workshops* sobre temas relacionados com o mercado de trabalho como por exemplo o currículo, entrevistas de emprego entre outros que são especialmente dirigidos a jovens a partir dos 16 anos de idade.

### **6.2. *Workshops* dinamizados por jovens da CJG**

A dinamização destes *workshops* por parte do público juvenil da CJG teve como objetivo valorizar os interesses dos/as jovens e permitir-lhes a partilhar dos mesmos. Como afirma Gohn (2014)

(...) a educação não formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas (...) destacando (...) relevância no campo da juventude. Pelo facto de ser menos estruturada e mais flexível, consegue atingir a atenção e o imaginário dos jovens. (Gohn, 2014: 42).

De forma a desencadear agência e cidadania ativa dos/as jovens como também o seu desenvolvimento, transformação e mudança social, pretendeu-se “(...) promover nos seus membros uma atitude de participação activa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural.” (Trilla, 2004: 26)

Assim, o desenvolvimento destes *workshops* partiram da sugestão de cada um/a dos/as jovens que se ofereceram para dinamizar os mesmos, uma vez que “[c]omo acentuam Nicholson, Collins e Holmer (2004), os/as jovens mais crescidos/as ficam orgulhosos quando transmitem as suas competências e apreciam a confiança e a responsabilidade que lhes é atribuída (...)”. (Silva, 2010: 87).

Deste modo, os *workshops* foram e são instrumentos essenciais para os/as jovens que sentiram que os seus interesses eram tido em consideração, pelo que é importante “(...) dar atenção às necessidades e aos interesses concretos das populações receptoras, utiliza[ndo] (...) metodologias activas e participativas (...)” (Trilla, 2004: 33).

Os *workshops* ao implicarem os/as jovens dinamizadores/as dos mesmos na sua preparação e desenvolvimento, e tendo a oportunidade de usufruir de uma nova experiência enquanto dinamizadores/as dos mesmos, permite que estes/as “(...) adquiram e/ou desenvolvam determinadas competências: autonomia, autoestima, capacidades relacionais e compreensão dos direitos e deveres para o exercício da cidadania e da participação.” (Silva, 2013: 25).

A CJG permite assim que os/as seus/suas frequentadores/as tenham uma participação ativa, uma vez que

[o] empoderamento parte da ideia de dar às pessoas o poder, a liberdade e a informação que lhes permitam tomar decisões e participar ativamente na sociedade em que estão integradas. Para isso é necessário criar diferentes condições que respondam às necessidades de cada grupo e só assim poderemos ter uma intervenção que potencie o bem-estar das mesmas (...). (Cardoso, 2013: 70).

Assim, a mediação socioeducativa tem como objetivo dotar todos os indivíduos de competências que possibilitem a participação ativa dos mesmos, sendo a primeira então

(...) uma prática que tem por objectivo conseguir a realização de um projecto comum com vista a dotar todos e cada um dos cidadãos, intervenientes nesse mesmo projecto, de competências e conhecimentos que lhes permitam participar de forma activa nos contextos em que estão inseridos. (Almeida, 2009: 15)

Tal como afirmou a coordenadora, cada vez mais é valorizado o envolvimento e a participação dos/as jovens. Assim, atualmente na CJG pretende-se

(...) dar oportunidades aos jovens para que a casa seja deles. (...) E o objetivo é cada vez mais esse. Mesmo, até os jovens que têm talentos na dança, na língua gestual, no *stencil*, na pintura, no desenho, (...) temos que captá-los e fazer com que os jovens partilhem uns com os outros (...) as competências, os talentos, os saberes, têm que

partilhar uns com os outros. E a casa tem que ser um espaço (...) que tem que permitir aos jovens essa partilha (...) e esse conhecimento. (EC: 21-22).<sup>46</sup>

Ainda neste sentido, a coordenadora considera que tendo em conta a experiência, os interesses, as aspirações dos/as jovens, é necessário aproveitar a sua adesão à CJG, uma vez que a CJG precisa deles/as

[p]orque os jovens, aos 15 anos, 16, já têm uma experiência e uma prática e, portanto, que podem partilhar com os outros. (...) Por isso é que eu acho que uma Casa da Juventude tem de facto que trabalhar os jovens. (EC: 22).

Assim, e através da sua participação, é intenção proporcionar a valorização pessoal e social, no sentido em que “Trata-se de transformar os destinatários (...) em sujeitos activos da comunidade a que pertencem e em agentes dos processos de desenvolvimento em que estão envolvidos.” (Trilla, 2004: 29).

Existe assim o propósito por parte da CJG de dar oportunidade aos/às jovens, de iniciativa, participação e empoderamento. Tal como afirma a coordenadora, este

(...) é um trabalho que se tem vindo a fazer, que demora algum tempo mas que se tem vindo a fazer que é dar oportunidades aos jovens para que a casa seja deles. Neste momento, vocês já viram que temos dois *workshops* orientados por miúdos. (EC: 21).

### 6.2.1 *Workshop de Desenho*

Este *workshop* surgiu pela sugestão de um jovem que tem um grande gosto pelo desenho. Assim, transmitiu alguns conhecimentos e técnicas de desenho que exemplificou na realização de alguns desenhos.

Desta forma, foi possível todos/as os/as participantes tivessem a oportunidade de desenhar tendo em conta as suas dicas e orientações, nomeadamente uma rosa, uma nuvem e um copo de *smoothie*.



<sup>46</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

### 6.2.2 Oficina de Viola

A realização desta oficina partiu da proposta de a uma jovem que sabe tocar viola uma vez que a coordenadora considerou que, tendo em conta as suas potencialidades, seria interessante partilhar os seus conhecimentos.

Assim, nesta oficina para além de dar a conhecer o seu gosto interesse pela música, pôde ainda ensinar aos/às participantes algumas notas bem como parte do Hino da Alegria.



### 6.2.3 Oficina de Stencil

A realização desta oficina decorreu da sugestão de um jovem que tem um grande gosto pelo desenho e pelo *graffiti*.

Assim, foi necessário preparar previamente todo o material necessário para a oficina, nomeadamente a frase e o tipo de letra escolhidas pelo jovem.

Na oficina, todos/as os/as participantes estiveram envolvidos uma vez que foram realizadas várias fases até à chegar à pintura da frase no mural através da técnica do *stencil*.



## 6.3. Workshops realizados por profissionais convidados/as

Estes *workshops* desenvolveram-se durante as férias escolares da Páscoa e contaram com a adesão de crianças e jovens que tiveram oportunidade de disfrutar de momentos de interação, convívio e diversão na CJG.

O *feedback* foi bastante positivo, onde as crianças e jovens relataram pessoalmente e através do *facebook da CJG* o seu gosto em terem participado.

### 6.3.1 Workshop de Jogos de Tabuleiro

O *workshop* foi dinamizado por um convidado, o João Gonçalves do grupo *Boardgamers* do Porto, que trouxe diversos jogos de tabuleiro e contou com a participação de crianças e jovens da CJG bem como das crianças do Centro de

Ocupação de Tempos Livres "O Soutinho" que vieram conhecer, experimentar e jogar novos e diversos jogos.

### **6.3.2 Workshop de dança**

Este *workshop* foi dinamizado pela Patrícia Brandão, membro do grupo *Dancingstar*, e contou com um grande número de participantes que com muito ritmo e diversão tiveram oportunidade de aprender as coreografias de duas músicas.

### **6.3.3 Workshop de Língua Gestual Portuguesa**

O *workshop* foi dinamizado por Andreia Santos no qual participaram diversas crianças e jovens e também esteve presente o ATL “O Soutinho”. Foi uma tarde de muitas aprendizagens, onde todos estiveram atentos e empenhados em participar.

## **7. Preparação de eventos – comemorações de épocas festivas**

### **7.1. Halloween**

Para festejar o Halloween, os/as jovens da CJG realizaram a decoração do jardim, nomeadamente através da construção de teias com fios de lã brancos e aranhas em papel que os/as jovens pintaram com *spray*.

### **7.2. 10º Aniversário da Casa da Juventude de Gondomar – 25 de novembro de 2014**

Para a comemoração dos 10 anos da CJG foi necessário a preparação prévia de alguns pormenores para a mesma.

Assim, durante o mês de outubro e novembro todos/as os/as frequentadores/as da CJG foram convidados/as a gravar um pequeno vídeo com uma breve mensagem. Estes vídeos foram assim publicados, diariamente, durante o mês de novembro, no *facebook* da CJG pois, esta plataforma permite a partilha dos vídeos.



Também foi solicitada a minha participação na gravação de uma mensagem em vídeo.

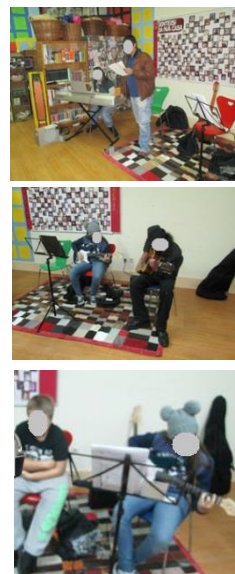
Para a preparação da festa de comemoração que se realizou no dia 25 de novembro, construímos um arco decorativo com diversas fotos referentes ao 10 anos de



existência da CJG que serviram de moldura tanto os/as frequentadores/as como os técnicos/as tirarem fotografias.

Durante a festa, diversos/as jovens realizaram atuações desde atuações musicais de viola e guitarra, declamação de poemas ao som do piano bem como atuações de piano e saxofone por parte dos/as técnicos/as que resultou num ambiente bastante animado e de convívio entre todos/as.

Nesta festa também compareceu a vereadora da Juventude Dr.<sup>a</sup> Sandra Almeida Brandão bem como o Dr. Hugo Raimundo coordenador do gabinete de gestão das CJ de Gondomar.



### 7.3. Natal

O Natal foi uma época de realização várias oficinas de expressão plástica juntamente com as crianças e os jovens.

Foi realizada a decoração natalícia para a CJG nomeadamente a árvore de natal a partir de uma técnica de papel e a construção das figuras para o presépio através do aproveitamento de tecidos e lãs.

Para além disso, através da solicitação às três CJ do Município (Gondomar, Rio Tinto e S. Pedro da Cova), e num trabalho de colaboração, construímos o presépio para a Câmara Municipal de Gondomar. Assim, entre vários trabalhos de pintura e decoração, realizamos também os cintos para a figura de José e de Maria com recurso a corda e através da técnica macramé que se constituiu numa nova aprendizagem para mim pois permitiu-me a aprender esta técnica de tecelagem manual.

### 7.4. Dia da Internet Mais Segura – 10 de fevereiro de 2015 – Jogo 101 Perguntas e Respostas

A realização deste jogo surgiu devido à associação da CJG à iniciativa "Internet mais segura 2015".

A preparação do jogo exigiu, primeiramente, a reunião da informação por parte do técnico e da técnica do Espaço Internet. Depois de reunida toda a informação, lemos, selecionamos e organizamos a informação de modo a criarmos questões e respostas. Desta forma, as 101 perguntas e respostas foram divididas por “(...) nove temas, desde *Vírus, malware e spyware; Phishing; Smartphones e tablets; Salas de chat; correio*

*eletrônico; cyberbullying; sexting e peer to peer*, de forma a corrigirmos tema a tema.” (NT, 2 de fevereiro de 2015).<sup>47</sup>

Esta iniciativa teve como objetivo desafiar todos/as os/as frequentadores/as da CJG a participarem de modo a estarem alertas para comportamentos seguros na utilização da internet.

### **7.5. Dia de São Valentim – 14 de fevereiro de 2015**

De modo a assinalar esta data foi desenvolvida uma oficina onde os/as participantes puderam, a seu gosto, criar cartões e postais com declarações, poemas e frases apaixonadas.

### **7.6. Carnaval**

As férias escolares são períodos de grande adesão à CJG por parte das crianças e jovens, tal como aconteceu nas férias de Carnaval.

Assim, para festejar a época carnavalesca, cada criança e jovem pôde criar uma máscara de carnaval ao seu gosto, onde muitos/as escolheram a sua personagem preferida.

Esta foi uma atividade que teve grande adesão por parte das crianças e jovens, que como estavam de férias visitavam a CJG. Assim, num arco de madeira devidamente decorado com tecidos, colocamos as várias máscaras realizadas pelas crianças e jovens sendo depois pendurado na receção.

### **7.7. Páscoa**

A Páscoa foi também uma época de realização de diversas oficinas com as crianças e jovens bem como com as instituições educativas que visitaram a CJG.

Assim, previamente, técnicas e estagiárias, preparamos e confeccionamos os sacos de serapilheira para a realização das diversas oficinas.

Para além disso, e para comemorar o espírito pascal, as crianças e jovens ainda enfeitaram o jardim da CJG com vários elementos feitos com jornal.

---

<sup>47</sup> As notas de terreno encontram-se em apêndice no CD-ROM.

## **7.8. Festa de despedida enquanto estagiárias da CJG – 27 de março de 2015**

Para a nossa despedida enquanto estagiárias, eu e a Débora decidimos preparar um lanche com os/as frequentadores/as da CJG de modo a nos despedirmos destes/as bem como dos/as técnicos/as.

Assim, no final do dia, realizamos um lanche com um bolo e sumos e reunimo-nos na sala do Espaço Lúdico e Didático de forma a conversarmos e a convivermos com todos/as os/as presentes. Este foi um bom momento pois foi uma forma de agradecimento pelo bom acolhimento e pelos bons momentos passados.

## **8. Atividades do quotidiano da CJG**

### **8.1. Utilização do *facebook***

O *facebook* da CJG é administrado pela coordenadora. Assim, após a realização de atividades com as crianças e jovens bem como das atividades realizadas por instituições educativas, formais e não-formais, era realizada uma publicação no *facebook* da CJG a dar conta da mesma com algumas fotografias que retratavam a realização da atividade.

Assim, a coordenadora solicitava aos/às frequentadores/as da CJG que vissem as publicações e dessem o seu *feedback* sobre as mesmas.

### **8.2. Pesquisa para preparação de atividades**

Em algumas circunstâncias a coordenadora pediu-me para realizar uma pesquisa sobre a temática das atividades que eram solicitadas pelas instituições educativas como forma de nos dar alguma orientação para a atividade a preparar.

Estas pesquisas sobre temáticas permitiram assim a idealização e execução de atividades criativas e dinâmicas tendo sempre em consideração a adequabilidade da atividade ao público para a qual estas eram destinadas.

Também foram realizadas pesquisas no âmbito da procura e seleção de músicas ou vídeos relacionados/as com o tema de determinadas atividades para as crianças de instituições educativas uma vez que as músicas e vídeos serviam assim como modo a encerrar as atividades de forma animada.

### **8.3. Experiência na recepção e no SIJ**

Em algumas circunstâncias a coordenadora solicitou a minha colaboração na recepção e no SIJ que me permitiu ter uma pequena experiência de trabalho naquele serviço.

Assim, durante o estágio procedi ao atendimento de alguns telefonemas na ausência da técnica responsável e também a recepção dos/as frequentadores/as para assinatura da folha de presenças com o seu nome e número de utilizador/a.

Ainda tive oportunidade de experienciar a realização e o preenchimento do relatório semestral das atividades realizadas na CJG, segundo a indicação da coordenadora. Para este relatório foi necessário escrever a designação da atividade, a descrição da mesma, o número de participantes entre outros campos explicitando assim o que foi feito, como foi feito e a adesão dos/as participantes.

### **8.4. Espaço Internet**

Durante o estágio também me foi solicitada a colaboração e supervisão da sala do Espaço Internet pelo que em diversas ocasiões a coordenadora pediu que ficasse responsável, quer devido a ausência momentânea do/a técnico/a responsável ou por outro motivo.

Assim, ficava supervisionar e estava atenta à utilização dos computadores e internet bem como a recepção de novos/as frequentadores/as de modo a efetuar o registo e a inserção dos dados no documento *Excel*.

Existe uma grande afluência de frequentadores/as a este serviço uma vez que possibilita o acesso a computadores e internet e a aprendizagens, uma vez que “[a]s novas tecnologias da informação criaram novos espaços do conhecimento.” (Gadotti, 2005: 3).

## **9. Jogos – Jogos de tabuleiro, playstations, bilhar, ping-pong, matraquilhos**

É importante mencionar a questão dos jogos, nomeadamente os de tabuleiro que os/as jovens todos os dias pediam para jogar. O jogo é assim considerado um momento lúdico e de diversão para os/as participantes. Para além disso, este tem também uma dimensão educativa, na estimulação das relações interpessoais, na transmissão de valores uma vez que “(...) os jogos informais proporcionam um contexto ideal para a

aprendizagem de valores sociais, porque permitem a criação de direitos e suas correspondentes obrigações (...).” (Sanmartín, 2005: 55).

Os jogos de tabuleiro mais escolhidos pelas crianças e jovens eram o *Trivial Pursuit*, *Cluedo Pictionary*, o UNO, o *Scrabble*, entre outros sendo que o último era o de eleição para estes/as que tem muitas potencialidades educativas uma vez que tem como objetivo a criação de palavras e o raciocínio.

Assim, os jogos de tabuleiro bem como as *playstation*, os matraquilhos, o *ping-pong* e o bilhar são grandes instrumentos de socialização e interação entre todos/as e, “[d]esta forma, jogar cooperativamente permitirá não só estabelecer interações e descobrir o meio-ambiente mas, sobretudo, sensibilizar para as relações humanas e vivenciar situações de uma positiva convivência.” (Leite & Rodrigues, 2001: 31).

Para além disso, através da competição é transmitido e focado o respeito pelo outro, a colaboração, o espírito e trabalho de equipa, o *fair play*, regras, a disciplina bem como o cuidado na utilização dos diversos materiais.

Todo este empenho pela mediação com base em dispositivos de regulação social permite um bom funcionamento do espaço, uma interação e convivência harmoniosa e, [é] neste contexto que poderemos melhor enquadrar e compreender as diversas perspectivas e modelos de mediação que abrem o conceito para além de uma técnica específica no quadro de resolução alternativa de conflitos, conferindo-lhe, também, visibilidade enquanto processo cooperativo e mesmo preventivo no domínio da cultura de cidadania e educação para a paz. (Silva, 2011: 253).

Ainda segundo Leite & Rodrigues (2001), estas autoras mencionam que os jogos de cooperação permitem a construção e manutenção de uma relação social agradável e positiva, a empatia, a colaboração, a comunicação, a interação, a alegria entre outras. (Leite & Rodrigues, 2001).

A CJG pretende assim ter as pessoas envolvidas nas dinâmicas e com uma participação ativa e, por isso, a coordenadora refere que deseja ter as crianças e jovens *online*,

[n]esse aspeto, *online* não só ligados à internet, mas também a outro tipo de suportes. Nós temos livros, temos jogos, temos consolas, portanto também há aí uma preocupação em ter, de facto uma dinâmica (...) em que as pessoas possam utilizar os serviços porque eles estão cá para elas (...). (EC: 18).<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CR-ROM.

## **10. O uso da rede social *facebook* como ferramenta educativa no âmbito da CJG**

Durante o estágio surgiu a oportunidade de realizar um pequeno estudo tendo em conta a observação e constatação da importância do Espaço Internet bem como o uso das redes sociais, nomeadamente do *facebook* por parte dos/as jovens da CJG.

Como sabemos, os/as jovens encontram nos mais variados contextos, diversas formas de ocuparem os seus tempos livres, e, atualmente, é no tempo livre que “(...) constroem os seus circuitos de lazer marcados por práticas juvenis diversificadas, no entanto, verificamos que uma vez mais as práticas destes/as jovens estão cada vez mais direccionadas para as novas tecnologias.” (Machado, 2010: 45).

Os objetivos centrais do estudo foram perceber, junto dos/as jovens, a importância da utilização do *facebook* no seu quotidiano enquanto interesse e hábito juvenil e ainda perceber a importância e o modo como se relacionam com o *facebook* da CJG. Assim, através de conversas informais com os/as mesmos/as foi possível recolher informações de modo a chegar aos significados e sentidos atribuídos por estes/as acerca deste tema.

### **10.1. A internet e as redes sociais**

A comunicação está presente na relação e interação entre os seres humanos e, ao longo dos tempos, existiu uma evolução nos meios utilizados para a estabelecer.

Através das evoluções tecnológicas e com o avanço em torno das tecnologias de informação e comunicação (TIC), “(...) a dinâmica das interações sociais e dos avanços tecnológicos [foi] delineando novas formas de sociabilidade, de papéis sociais, que levam à constituição de identidades e formações culturais.” (Souza & Ribeiro, 2011: 2).

Desta forma, a socialização e as relações interpessoais aparecem como grandes objetivos da utilização das redes sociais. Assim, relativamente à manifestação da sociabilidade e à proximidade entre os indivíduos, o “(...) rápido acesso às informações e a crescente propagação das tecnologias da informação e comunicação (TICs) (...) contribuem (...) para que ocorra interatividade entre os sujeitos, principalmente nas suas relações pessoais, interpessoais e sociais.” (Ferreira, Corrêa & Torres, 2012: 2).

Neste sentido, a internet tem potencialidades relativas à possibilidade de comunicação e rápida interação entre os indivíduos, através de um aparelho eletrónico como computador, *tablet*, *smartphone*. Deste modo considera-se que

[a] socialização é um dos atrativos mais fortes desta ferramenta (Douglas et al., 2008), sendo responsável pelo tempo que os indivíduos passam em interação através de

correio eletrônico, fóruns, *chats* ou redes sociais (Grohol, 2005), e a manutenção de relações interpessoais (...). (Assunção & Matos, 2014: 540).

Com o aparecimento das redes sociais e devido ao grande aumento da sua utilização, existiram inúmeras mudanças nas vidas dos/as seus/suas utilizadores/as bem como nas suas interações uma vez que “[a]s redes sociais *online* mudaram a natureza das relações entre as pessoas, e desde o seu aparecimento atraíram milhões de utilizadores, que as integraram nas suas vidas diárias.” (*ibidem*).

Nesta lógica, dada a atual centralidade das redes sociais no quotidiano dos/as seus/suas utilizadores/as, estas tiveram influência nos modos de interação e, deste modo, ultimamente, “(...) tem-se assistido a um crescimento exponencial do uso das redes sociais, sendo inegável o seu impacto no processo de socialização e de comunicação dos públicos que as utilizam.” (Pereira & Pereira, 2011: 836).

Assim, na internet, ao longo dos anos, foram desenvolvidas diversas redes sociais como o *MySpace*, *Hi5*, *Orkut* entre muitas outras. Atualmente ouvimos falar com mais frequência do *Facebook*, *WhatsApp*, *Tumblr*, *Twitter*, *LinkedIn* entre outras que, atualmente, são importantes meios de participação, interação e diálogo entre os sujeitos. (Bezerra & Brito, 2013).

## **10.2. A rede social *Facebook***

O *facebook* foi criado em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg com a intenção de proporcionar, aos/às estudantes universitários/as de Harvard, uma ferramenta de ligação entre estes/as.

Esta teve uma enorme expansão, alargando-se a todo o mundo, tomando grandes proporções ao nível da sua utilização que com o tempo adquiriu novas ferramentas e funcionalidades. Deste modo, esta rede social “(...) representa uma nova forma de estabelecer relações, realizando várias tarefas como: divulgação de produtos, notícias, fatos, o compartilhamento de vídeos, textos, ideias, fotos, imagens e diversão por meio de seus aplicativos, etc.” (*ibidem*).

No *facebook*, cada utilizador/a possui um perfil que funciona como apresentação para quem o visualiza. Desta forma no perfil são divulgados determinados dados como o nome, a data de nascimento, a naturalidade, formação, profissão entre outros e, por isso, “[a] apresentação de identidade no Facebook centra-se no perfil de usuário, que

serve como um palco no qual os usuários podem fazer apresentações públicas ou semipúblicas de si mesmos.” (Wilson, Gosling & Graham, 2012: 210).<sup>49</sup>

O perfil de cada um/a é então pessoal e permite a apresentação de cada utilizador/a através da divulgação de informação no seu perfil e a interação com outros/as através de “(...) conversas online e compartilhamento de conteúdo (...) onde os usuários individuais podem representar-se a outros usuários através da exibição de informações pessoais, interesses, fotografias (...)” (Selwyn, 2009: 157).<sup>50</sup>

Assim, o *facebook* possibilita aos/às seus/suas utilizadores/as diversas ações, com maior ou menor privacidade, como a partilha de fotografias, a divulgação de informações variadas, o estabelecimento de contactos com outras pessoas, a criação de uma rede de amigos/as, entre outras coisas. Deste modo, esta rede social

(...) agrega recursos que permitem ações interativas na Web como: filiar-se a grupos, exibir fotos, criar documentos com a participação de todos na construção de um texto coletivo, criar eventos com agendamento das atividades dentro e fora da plataforma, (...), bate papo, etc. (Ferreira, Corrêa & Torres, 2012: 7).

### **10.3. A utilização da rede social *facebook* por parte da CJG**

As redes sociais tiveram uma enorme expansão no que diz respeito à sua utilização tendo começado assim a ser utilizadas por empresas, organizações, instituições, autarquias, entre outras, para realizarem a sua apresentação e divulgação. Este facto veio confirmar a ideia de que “(...) o MySpace e o Facebook, começaram a permitir que as organizações criem perfis e se tornem membros activos (...)” (Watersa, Burnett, Lammb, Lucas, 2009: 102).<sup>51</sup>

Deste modo, a CJG possui uma página no *facebook*, gerida através da coordenadora que funciona como meio de divulgação e partilha de atividades, *workshops*, ações de formação, e outras que decorrem na CJG bem como no município.

Assim, e tendo em conta as formas de divulgação de todos os eventos realizados nas CJ, tal como é enunciado no Plano Anual de atividades das CJ do Município de Gondomar, “Mensalmente é editada uma newsletter através da qual são publicitadas

---

<sup>49</sup> “Identity presentation on Facebook centers on the user profile, which serves as a stage on which users can make public or semipublic presentations of themselves.” (Wilson, Gosling & Graham, 2012: 210).

<sup>50</sup> “(...) online conversations and sharing of content based typically on the maintenance and sharing of ‘profiles’ where individual users can represent themselves to other users through the display of personal information, interests, photographs, (...)” (Selwyn, 2009: 157).

<sup>51</sup> “(...) MySpace and Facebook, began allowing organizations to create profiles and become active member (...)” (Watersa, Burnett, Lammb, Lucas, 2009: 102).



todas as atividades dinamizadas nesse mês. As páginas de facebook das casas são também excelentes veículos de informação e de promoção das atividades junto dos jovens.” (PAA, 2015: 3).<sup>52</sup>

O SIJ também divulga informação no que diz respeito a ofertas de formação e de emprego como também dinamiza *workshops* gratuitos para os/as jovens e, por isso, na disseminação destas questões é “(...) mantida a aposta na divulgação digital mensal (através de mailling lists e páginas de facebook das Casas da Juventude do Município) (...).” (PAA, 2015: 4).

A CJG utiliza assim diversos meios de divulgação e transmissão de informação com o objetivo de chegar a todos/as os/as munícipes de modo a que estes/as tomem conhecimento e participem nas diversas dinâmicas.

Para além disso, a utilização do *facebook* por parte da CJG funciona como uma ferramenta que possibilita maior interação entre esta e todos/as os/as que a frequentam, e por isso, permite aos/as seus/suas utilizadores/as a conexão com amigos/as, a fácil e rápida partilha e troca de informação e opiniões sobre diversos temas. (Teixeira & Azevedo, 2011).

Assim, e tal como a coordenadora, esta utiliza o *facebook* da CJG como uma forma de interação uma vez que

(...) é importante partilhar com os nossos amigos (...), é outra forma de amizade com eles, outra forma de proximidade com eles (...). (...) é uma forma de eles se manterem em contacto connosco. E (...) também é uma forma de eles saberem o que se vai passando na casa. (EC).<sup>53</sup>

O *facebook* funciona assim como uma estratégia de divulgação da CJG e das mais diversas dinâmicas que são realizadas. Desta forma, funciona como uma ferramenta bastante pertinente e atrativa sendo considerada como “(...) uma boa estratégia de comunicação, visto auxiliar a aproximação e captação de novo público, tornando-se mais atrativa para os jovens.” (Cardoso, 2013: 30).

Neste sentido, o *facebook* é considerado como um recurso relevante para estabelecer contacto e interação com as crianças, jovens e adultos que frequentam diariamente a CJG, com as instituições educativas, com os pais das crianças e outros/as. Estes contactos são importantes pois, “[a]través de interações com as partes interessadas

---

<sup>52</sup> O Plano Anual de Atividades das CJ do Município de Gondomar 2015 encontra-se em anexo no CD-ROM.

<sup>53</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

no Facebook (...), as organizações procuram desenvolver relacionamentos com públicos importantes.” (Watersa, Burnett, Lammb, Lucas, 2009: 103).<sup>54</sup>

Assim, o *facebook* da CJG funciona como meio de divulgação que permite dar a conhecê-la bem como o que é feito nela, nomeadamente, através de publicações com fotografias que retratam as atividades. Deste modo é possível perceber a pertinência das várias formas de divulgação de informação no *facebook*, sendo que estas “(...) incluem postar links para artigos de notícias externas sobre a organização ou as suas causas; postar fotos, vídeo ou arquivos de áudio da organização e seus apoiantes (...) e responder a perguntas (Carrera *et al.*, 2008). (*ibidem*).<sup>55</sup>

#### **10.4. Crianças, jovens e a utilização da rede social *facebook***

A utilização da internet, atualmente, tem uma grande centralidade nas rotinas diárias das crianças e jovens, nomeadamente no que diz respeito à utilização das redes sociais, tendo em conta que “(...) a Internet tem vindo a adquirir um espaço e importância crescentes no quotidiano educativo, lúdico e de convívio social de muitas crianças e jovens. (Gomes, Valente & Dias, 2008: 849-850).

As crianças e jovens são adeptos do *facebook* porque esta rede social lhes permite o estabelecimento de contactos e relações com diversas pessoas, representando assim uma ferramenta que permite comunicar, de forma fácil e rápida, permitindo estar sempre em contacto bem como o acesso a diversas informações e ocorrências. (Cardoso, 2013).

Assim, é especialmente no quotidiano dos/as jovens que a utilização da internet e das redes sociais têm um grande uso e impacto, pois “[a]s redes sociais ganham cada vez mais espaço na rotina dos/as jovens, ocupam grande parte do seu dia, estão sempre ligados e em contacto com o mundo (...)” (*idem*: 58).

A internet, através das suas ferramentas, proporciona ~~assim~~ a todos/as um contacto e interação mais imediatos, e por este motivo as redes sociais tornaram-se muito apreciadas pelos/as jovens, sendo estas, atualmente, fundamentais uma vez que “(...) eles estão à vontade com as novas tecnologias, no geral, e a Internet é para eles

---

<sup>54</sup> “Through interactions with stakeholders on Facebook (...), organizations seek to develop relationships with important publics.” (Watersa, Burnett, Lammb, Lucas, 2009: 103).

<sup>55</sup> “(...) include posting links to external news items about the organization or its causes; posting photographs, video, or audio files from the organization and its supporters (...) and answer questions (Carrera *et al.*, 2008).” (Watersa, Burnett, Lammb, Lucas, 2009: 103).

um meio de comunicação entre pares e até uma ferramenta fundamental para o seu trabalho. (Ribeiro & Menezes, 2008: 2).

Desta forma, torna-se importante compreender como a internet e as redes sociais influenciam as interações e relações que os/as jovens estabelecem com outros/as e, deste modo, perceber a

(...) interferência da internet no seu quotidiano, sendo importante compreender o uso da rede social facebook nestas idades, nomeadamente as suas implicações no desenvolvimento de competências interpessoais e fulcrais, no estabelecimento de relações com os pares e no desenvolvimento da identidade (Mota & Matos, 2008). (Assunção & Matos, 2014: 540).

### **10.5. A relação entre os/as jovens da CJG e o *facebook* da CJG**

O *facebook* da CJG constitui-se como uma comunidade virtual com os/as frequentadores/as da mesma que também utilizam esta rede social possibilitando a partilha de experiências, opiniões, sugestões, entre outros aspetos face às informações e ações divulgadas.

Deste modo, através do *facebook* é possível estabelecer um contacto e interação entre os/as utilizadores/as e a CJG e vice-versa. Assim, esta interação e comunicação permitem que se declare que “[t]rata-se de uma forma de entender a mudança da sociabilidade, caracterizada pela existência de um grupo social que interage, através da comunicação mediada por computador.” (Silva, 2009: 44).

A coordenadora considera ainda que todos/as que frequentam a CJG fazem parte dela e, por isso, o *facebook* faz parte de todos/as uma vez que

(...) eles vêm aqui, eles têm acesso a tudo, eles partilham connosco, eles participam connosco, estão connosco. Nós trabalhamos com eles, portanto, o *facebook* é deles (...). Portanto é importante que eles vão lá, que vejam, que façam *like*, que façam comentários, que digam coisas. (EC).

Relativamente ao uso do *facebook* por parte dos/as jovens, a coordenadora considera que esta é uma rede social útil “[p]orque de facto é uma forma de eles se contactarem com outros. Se bem que também não vou mentir, também já vi mais entusiasmo.” (EC).<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

Desta forma, segundo a perspectiva da mesma, esta assume que o seu auge revelou uma grande utilização mas, com o passar do tempo, tem vindo a demonstrar menos intensidade no seu uso. Atualmente a coordenadora, pela perceção que tem na CJG, considera que “(...) depois a certa altura eles têm o *facebook* quase como um acesso muitas vezes para os jogos. Porque eles gostam muito de jogar.” (EC).

Assim, no que diz respeito aos jogos *online*, os jovens comprovaram a perspectiva da coordenadora bem como as minhas observações durante o estágio relativamente à adesão do Espaço para utilização do *facebook* e dos jogos por parte de muitos/as dos/as jovens. Assim, tal como os jovens assumiram, a CJG tem importância para si pelo facto de ter o Espaço Internet.

*“(...) assim passo a vida a jogar computador.” (JovemT).<sup>57</sup>*

*“Quando não tenho nada para fazer no facebook, (...) ou quando não está ninguém no chat, vou jogar jogos.” (JovemS).<sup>58</sup>*

Os jogos são assim um fator importante para a ocupação dos tempos livres dos jovens e, tal como indica Hew (2011), segundo a perspectiva de diversos/as autores/as, um dos motivos indicados dos para o uso do *facebook* é que este serve

Para passar o tempo (por exemplo, para ocupar o meu tempo, para passar o tempo quando entediado, para me distrair, jogar jogos ou usar aplicações de uso dentro do Facebook) (Joinson, 2008; Pempek et al, 2009; Sheldon, 2008a; Stern & Taylor, 2007). (2011: 664).<sup>59</sup>

A CJG, segundo a opinião dos jovens, é muito importante, nomeadamente pela inclusão do serviço do Espaço Internet que tem uma grande afluência por parte de crianças, jovens e adultos para acederem aos computadores e à internet.

*“Eu venho cá por causa da internet porque eu não tenho em casa.” (JovemP).<sup>60</sup>*

---

<sup>57</sup> A transcrição da conversa informal aos jovens encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>58</sup> A transcrição da conversa informal aos jovens encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>59</sup> “To pass time (e.g., to occupy my time, to pass time when bored, to distract myself, play games or use applications within Facebook) (Joinson, 2008; Pempek et al., 2009; Sheldon, 2008a; Stern & Taylor, 2007).” (Hew, 2011: 664).

<sup>60</sup> A transcrição da conversa informal aos jovens encontra-se em apêndice no CD-ROM.

Assim, o serviço do Espaço Internet, localizado na CJG, permite o acesso a computadores e à internet que de outra forma muitos/as frequentadores/as não teriam oportunidade de aceder.

Dada à importância atribuída à internet e, fazendo referência às aprendizagens que esta pode potenciar, compreende-se assim que esta possui uma vertente educativa.

*“Eu aprendo muita coisa. (...) Qualquer acesso à internet permite-nos fazer qualquer coisa. Podemos aceder a notícias, a informação, podemos aprender muitas coisas (...).” (JovemP).*

A internet, tem assim um grande relevância na vida de todos/as os/as, nomeadamente na vida dos/as jovens que a utilizam pois permite o acesso a diversa informação e ainda permite a partilha da mesma, uma vez que

*“(...) eles acedem e criam conhecimento coletivo por meio de interações sociais (Maloney, 2007). Agora, o uso da Web 2.0 permite (...) conectar diferentes peças de informação e criar novas informações que poderiam ser compartilhadas com outras pessoas (Maloney, 2007).” (Ajjan & Hartshorne, 2008: 71).<sup>61</sup>*

Neste sentido, relativamente ao uso da internet e das redes sociais, foi abordada com os jovens a possibilidade destas concederem oportunidades de aprendizagens bem como a influência na forma de falar através do acesso à mais diversa informação.

*“Claro que tem. (...) por exemplo (...) até o próprio uso de acrónimos. Por exemplo (...) eu em vez de dizer que sou jogador digo que sou gamer, (...) tem aquelas pessoas que usam o LOL que é o "laugh out loud", tem aquela cena que passou que é o SWAG. (...) Tem muitas coisas que nos vamos aprendendo segundo o que visualizamos. (...) nós vemos, lemos e repetimos.” (JovemP).*

*“No meu dia-a-dia eu posso encontrar cenas que eu até goste, (...) por exemplo numa notícia nem que seja palavras ou argumentos ou qualquer coisa e eu vou adquirir essa informação e quando eu a quiser usar, se eu me lembrar uso ou até misturo com outros meus conhecimentos.” (JovemP).*

---

<sup>61</sup> “(...) they access and create collective knowledge through social interactions (Maloney, 2007). Now, the use of Web 2.0 enables (...) to connect different pieces of information and create new information that could be shared with others (Maloney, 2007).”

*“Palavras sim. Mas as outras coisas não, nem tanto.” (JovemS).*

Para além da internet, os/as jovens encontram nas redes sociais, designadamente no *facebook*, um espaço de ocupação e de convívio que permite a comunicação e interação entre diversas pessoas e ainda, a partilha de informação, de diversas notícias, eventos, fotografias.

*“É uma relação próxima. É uma coisa que eu faço com frequência.” (JovemP).*

*“Sim, basicamente todo o dia. (...) E pronto, não tendo nada para fazer vou ao facebook, ou ao instagram, ou tirar fotografias... (...) Para partilhar as nossas coisas e para pôr fotos. E para jogar” (JovemT).*

As redes sociais continuam com uma enorme atração pois cada vez mais apresentam melhorias e novas ferramentas que possibilitam o acesso e a circulação de informação e, por isso, as redes sociais permitem a livre expressão e a partilha de ideias por parte dos/as jovens. (Cardoso, 2013).

O *facebook* permite o contacto com as mais diversas pessoas desde desconhecidos/as, colegas, amigos/as, familiares. Neste sentido, diversos/as autores/as que estudam este tema, afirmam que

[a]pesar de haver inúmeras motivações para o uso do social media, vários estudos e autores apontam, como principal motivação para os cibernautas utilizarem os *social media*, a vertente social destes sites, que permitem aos[/às] utilizadores[/as] uma permanente ligação a amigos e familiares. (Qualman, 2010; Baird e Parasnis, 2011; Adolpho, 2012). (Ferreira, 2014: 13).

Deste modo, esta rede social possibilita a interação e a comunicação com outros/as utilizadores/as da rede social sendo então considerada uma das qualidades que a internet e as redes sociais como o *facebook* têm, ao permitirem o estabelecimento de comunicação entre pessoas, próximas ou distantes, ou seja, sendo apontados diversos aspetos positivos acerca do uso das redes sociais.

*“(...) no facebook dá para falar (...) com amigos, por exemplo, amigos que eu já não vejo há muito tempo, amigos da primária, pessoas (...) que já se separaram há muito*

*tempo, já estão em sítios diferentes, por exemplo, o meu primo antes vivia em França, (...) são (...) situações que dificultam mais a forma de falar (...).” (JovemN).<sup>62</sup>*

*“(...) existe sempre o chat, dá para comunicar com pessoas e conhecer também outras pessoas. (...) Para passar o tempo, resumidamente. Para falar com pessoas.” (JovemN).*

*“Falar com os amigos no estrangeiro (...). (...) Via chat. (...). (JovemP).*

*“Para falar com os colegas (...).” (JovemS).*

Este é, assim, uma das grandes potencialidades apreciada nas redes sociais e, como Aydin (2012) afirma, “[a]s principais razões pelas quais os usuários participam no Facebook incluem manter a comunicação entre si e suas famílias; (...)” (2012: 1094).<sup>63</sup>

Outros/as autores/as têm a mesma opinião relativamente às potencialidades e aos motivos que levam ao uso das redes sociais, em que estes/as “(...) apontam, como principal motivação para os cibernautas utilizarem os *social media*, a vertente social destes *sites*, que permitem aos[/às] utilizadores[/as] uma permanente ligação a amigos e familiares. (Qualman, 2010; Baird e Parasnis, 2011; Adolpho, 2012).” (Ferreira, 2014: 13).

Assim, a internet consegue aproximar, via rede social, as pessoas que se encontram a uma maior ou menor distância, pelo que “[a]lguns estudos indicam que a internet tem consequências positivas ao nível da interação social, permitindo a comunicação com os outros e com o mundo (Parks & Floyd, 1996; Valkenburg, Schouten & Peter, 2005).” (Assunção e Matos, 2014: 541).

Deste modo e em concordância com a perspetiva de diversos/as autores/as existe o consenso de que

[a] motivação interna mais comum discutida na literatura foi o desejo dos usuários para manter contacto com amigos (Ellison, Steinfield, & Lampe, 2006; Joinson, 2008;

---

<sup>62</sup> A transcrição da conversa informal aos jovens encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>63</sup> “The main reasons why users participate on Facebook include maintaining communication between themselves and their families; (...)” (Aydin, 2012: 1094).

Lampe, Ellison, & Steinfield, 2006; Saleh, Jani, Marzouqi, Khajeh, & Rajan, 2011; Sheldon, 2008). (Wilson, Gosling, Graham, 2012: 209).<sup>64</sup>

Nesta lógica, são apontadas diversas justificativas para o contacto e a interação entre os/as utilizadores/as do *facebook* entre as quais manter relações já existentes através de mensagens nomeadamente com amigos/as ou pessoas conhecidas como também para contactar com pessoas distantes e/ou com as quais não é possível ter um contacto permanente. (Hew, 2011: 664).

As redes sociais têm influência no que diz respeito às relações interpessoais, sendo que em muitos casos é seguida a lógica de que conhece-se as pessoas pessoalmente e, posteriormente são adicionadas no *facebook*.

*“É o que eu digo, prefiro estar com a pessoa do que estar a falar por mensagens, mas são coisas totalmente diferentes.” (JovemN).*

*“(...) nós conhecemos os nossos amigos (...) na vida real, tornam-se nossos amigos nas redes sociais.” (JovemN).*

Atualmente, uma das vertentes de utilização do *facebook* acaba por ser a interação com amigos/as já conhecem fora das redes sociais.

Desta forma, contata-se que os/seus utilizadores/as tanto o utilizam como uma extensão para as relações *offline*, onde já possuem uma relação face-a-face como também para as relações online, ou seja, “[o]s participantes podem usar os sites para interagir com pessoas que já conhecem offline ou para conhecer novas pessoas.” (Ellison, Steinfield & Lampe, 2007: 1143).<sup>65</sup>

Assim, o *facebook*, permite um contacto diferente com os/as amigos/as e, tal como Junco refere “(...) Pempek et al. (2009) descobriu que (...) usam o Facebook para facilitar as relações sociais pré-estabelecidas de pares (...).” (Junco, 2012: 164).<sup>66</sup>

Este facto reflete o facto das redes sociais servirem para manter contacto com os/as amigos/as que já conhecidos/as pessoalmente, uma vez que

---

<sup>64</sup> “The most common internal motivation discussed in the literature was users’ desire to keep in touch with friends (Ellison, Steinfield, & Lampe, 2006; Joinson, 2008; Lampe, Ellison, & Steinfield, 2006; Saleh, Jani, Marzouqi, Khajeh, & Rajan, 2011; Sheldon, 2008).” (Wilson, Gosling, Graham, 2012: 209).

<sup>65</sup> “Participants may use the sites to interact with people they already know offline or to meet new people.” (Ellison, Steinfield & Lampe, 2007: 1143).

<sup>66</sup> “(...) Pempek et al. (2009) found that (...) used Facebook to facilitate pre-established peer social relationships primarily (...).” (Junco, 2012: 164).



“[t]ambém Boyd e Ellison (2007) defendem que, em muitos dos grandes *websites* de redes sociais, os participantes não são necessariamente “*networking*”, e não têm como o objetivo principal conhecer novas pessoas, em vez disso os indivíduos comunicam sobretudo com pessoas que já fazem parte de sua rede social alargada.” (Ferreira, 2014: 19).

Neste âmbito, considero interessante partilhar a opinião de um dos jovens no que diz respeito ao favorecimento das relações com outras pessoas.

*“Com as pessoas que eu conheço pessoalmente, acho que não porque (...), a internet, basicamente é algo que nos aproxima, desaproximando-nos. Se é que me entendem.” (JovemP).*

*“(...) nós estamos a ser aproximados de pessoas em França, etc. mas ao mesmo tempo estamos a desaproximarmo-nos dos nossos vizinhos. O telemóvel tem exatamente a mesma funcionalidade. (...) Isola-me das pessoas próximas e aproxima-me das pessoas que estão distantes.” (JovemP).*

As redes sociais vieram introduzir outra lógica de contacto com as pessoas que são próximas como amigos/as, vizinhos/as, entre outros/as e com as quais temos outras formas de contacto, como por exemplo pessoalmente.

Neste sentido, Sá (2012) aborda a questão da preferência e dependência em relação à utilização da internet e das redes sociais, declarando que

[o]s usuários, muitas vezes em decorrência da veloz vida quotidiana, preferem os ecrãs dos computadores às pessoas e compartilham experiências muitas vezes com desconhecidos. Um processo que envolve um “mundo paralelo” – virtual – e que transforma as pessoas em seus próprios personagens, num processo de *second life*. (Sá, 2012: 136).

Com o grande avanço das novas tecnologias no estabelecimento de interações e na socialização foram surgindo algumas constatações e críticas, nomeadamente relativas ao uso do *facebook*.

Relativamente á interação com pessoas que não conhecem pessoalmente, a opinião ficou dividida entre os jovens.

Assim, os jovens mais velhos da CJG, em comparação com os mais novos, demonstraram uma maior propensão para a interação com pessoas que não conhecem pessoalmente e com as quais interagem através das redes sociais. Neste sentido, os jovens abrem assim a possibilidade de poderem comunicar e se interessar em conhecer pessoas através das redes sociais.

*“(...) só falo com quem conheço. Ou que eu tenciono conhecer (...).” (JovemN).*

*““Mas também conheci pessoas pelo facebook.” (JovemN).*

*“Porque dá para conhecer pessoas novas.” (JovemT).*

*“Por exemplo, eu conheci o meu melhor amigo através do facebook e agora damo-nos bem. E a minha melhor amiga também. Por exemplo, as pessoas com quem eu falo frequentemente pelo facebook, a relação foi evoluindo à medida que fui conhecendo através do facebook.” (JovemT).*

Existem assim diversos motivos que são mencionados para justificar o uso do *facebook*. Assim, Hew (2011), de acordo com a perspetiva diversos/as autores/as, refere que um dos motivos se relaciona com a intenção de

(...) conhecer novas pessoas (por exemplo, encontrar informações sobre outras pessoas, desenvolver um relacionamento romântico, encontrar companhia, conhecer novos amigos) (Ellison et al, 2007;.. Lampe et al, 2006; Sheldon, 2008a; Stern & Taylor, 2007; Urista et al, 2009; Zhao, Grasmuck, & Martin, 2008). (2011: 664).<sup>67</sup>

Neste âmbito, existem jovens que interagem no com pessoas que não conhecem pessoalmente e até vivem noutros países, colocando gostos e fazendo comentários nos seus perfis.

*“Eu faço no instagram. Por exemplo, eu estou a ver o que é que as pessoas publicam e se gostar da foto meto like. E depois sigo as pessoas para ver o que é que elas metem e essas coisas. O que é que elas postam diariamente.” (JovemT).*

---

<sup>67</sup> “To meet new people (e.g., find information about other people, develop a romantic relationship, find companionship, meet new friends) (Ellison et al., 2007; Lampe et al., 2006; Sheldon, 2008a; Stern & Taylor, 2007; Urista et al., 2009; Zhao, Grasmuck, & Martin, 2008).” (Hew, 2011: 664).

Na interação estabelecida entre os/as utilizadores/as, um dos jovens assumiu que comunica com pessoas de outros países e necessita de falar uma outra língua para conversar com essas pessoas.

*“(...) uso principalmente o inglês.” (JovemP: 11).*

Assim, para o estabelecimento de comunicação com pessoas de outros países é então necessário a utilização de uma língua compreensível para ambos/as. Desta forma, o inglês é uma das línguas utilizadas, considerando que “[q]ualquer língua é uma ferramenta que pode funcionar como o elemento mediador nas interações interpessoais e sociais. Neste caso, a língua inglesa desempenha perfeitamente este papel (...)” (Ponte & Canelas, 2013: 36).

Assim, as formas de comunicar através do *facebook* com outros/as utilizadores/as são diversas passando pelo *chat*, que possibilita a comunicação com alguém de forma individual ou em grupo onde “[o]s usuários podem enviar mensagens privadas para outros indivíduos. Esse recurso é semelhante ao e-mail (Pempek, Yermolayeva, e Calvert, 2009) (...)” (Hew, 2011:663).<sup>68</sup>

Vários/as autores/as abordam assim a questão dos recursos existentes nas redes sociais que permitem a comunicação entre os/as seus/suas utilizadores/as, entre as quais

[a] função de chat permite que um usuário comunique em tempo real assim como mensagens instantâneas com os seus amigos do Facebook. As mensagens instantâneas são uma ferramenta de comunicação baseadas em texto que permite (...) a interação entre dois indivíduos, embora haja alguns sistemas que suportam chat com vários participantes (Nardi, Whittaker, & Bradner, 2000). (*idem*: 663-664).<sup>69</sup>

Neste sentido, relativamente às diversas ferramentas das redes sociais decorrentes da sua evolução ao longo dos tempos e como Teixeira e Azevedo (2011) referem, estas foram

(...) trazendo novas funcionalidades e diferentes formas de interação com os amigos. A troca de informação entre utilizadores tornou-se cada vez mais

---

<sup>68</sup> “Users can send private messages to other individuals. This capability is similar to emailing (Pempek, Yermolayeva, & Calvert, 2009) (...)” (Hew, 2011:663).

<sup>69</sup> The chat function allows a user to communicate real-time just like instant messenger with his or her Facebook friends. Instant messaging is a text-based communication tool that allows (...) interaction between two individuals, although there some systems that support multiparty chat (Nardi, Whittaker, & Bradner, 2000). (Hew, 2011: 663-664).

relevante, sendo possível através de mensagens privadas ou públicas, ou até troca de mensagens em tempo real (*instanting messaging*). Tornou-se possível partilhar todo o tipo de dados, seja texto, fotos, vídeo e até música. (2011: 54-55).

Existem assim diversas formas de interação nomeadamente através do perfil dos/as utilizadores/as, das publicações de fotografias ou em outros conteúdos onde “[o]s usuários (...) podem comentar sobre mensagens, fotografias e vídeos de seus amigos.” (Hew, 2011: 663).<sup>70</sup>

No que diz respeito aos perigos e preocupações decorrentes do uso das redes sociais por parte dos jovens, estes abordaram a questão do *facebook* permitir adicionar pessoas que não conhecem.

Reportando assim esta questão para os perigos da internet e das redes social, tal facto remete para os aspetos negativos que podem surgir do uso do *facebook*.

*“Por exemplo, também serve para conhecer novas pessoas, tem que se ter cuidado com as pessoas que se adicionam mas só conhecendo-as (...) é que se vê.” (JovemN).*

*“(...) as redes sociais têm um ponto bastante negativo (...) pois permitem qualquer tipo (...) de comunicação ou de intercomunicação entre as pessoas incluindo a partilha de imagens ou vídeos que podem vir a ser impróprios (...). Ah, permite qualquer tipo de comunicação ou seja, via chat e privada, ou seja, qualquer um pode falar sobre o que quer, como quer, com quem quer.” (JovemP).*

*“(...) quem tiver facebook e falar com pessoas desconhecidas, pode por exemplo (...) Raptar crianças.” (JovemS).*

*“Por exemplo, podemos adicionar (...) uma pessoa que não conhecemos do outro lado do mundo até pode usar o tradutor para falar connosco. (...) E dizem que nos conhecem e isso...” (JovemN).*

*“Acho que páginas que não são para a nossa idade haviam de ser bloqueadas, que é mesmo assim. Há pessoas que partilham links de (...) conteúdos violentos, metem muita impressão. Quando nós estamos no facebook e vemos (...) aqueles vídeos de*

---

<sup>70</sup> “Facebook users can comment on their friends’ messages, photographs and videos.” (Hew, 2011: 663).

*peças a matarem cães e animais, isso mete-me uma impressão tremenda e fico revoltado. É uma coisa que não gosto nada.” (JovemN).*

*“Videos pornográficos.” (JovemS).*

Desta forma, é importante que, na utilização das redes sociais, os/as jovens tenham em atenção os perigos que podem advir de uma utilização pouco cuidadosa devido à existência de pessoas com perfis falsos, ao acesso a conteúdos impróprios, à divulgação de informação pessoal, entre outros.

É então necessário ter precauções e alertar todos/as os/as utilizadores, em especial as crianças e jovens para estes perigos, sendo que

[o] reconhecimento da existência de riscos associados a usos impróprios, ilegítimos e ilegais da Internet, tem dado origem a iniciativas no sentido de sensibilizar e alertar pais, professores e outros educadores, bem como as próprias crianças e jovens para os cuidados e precauções a tomar no uso da Internet. (Gomes, Valente & Dias, 2008: 850).

Através da diversidade de locais e os pontos de acesso à internet e às redes sociais pelas crianças e jovens e, por isso, nem sempre é possível ter um total controlo dos conteúdos pesquisados e visualizados. Assim, tal como Ponte & Simões (2008) afirmam, existem

(...) distintas ocasiões e lugares em que as crianças e os jovens têm acesso à Internet (por exemplo, na escola, em casa, com amigos) e que variam de acordo com grau de regulação e orientação que podem envolver da parte dos outros (pais, professores, etc.). Deste modo, tendo em conta determinadas oportunidades de acesso, a utilização efectiva dos media on-line é uma condição crucial para pensar os riscos e as oportunidades. (2008: 5).

Assim, é importante que os adultos, desde pais e mães, encarregados/as de educação, professores/as, entre outros/as divulguem os perigos e os efeitos nocivos, nomeadamente da utilização do *facebook*, uma vez que, como Aydin aborda (2012) “(...) as consequências nefastas de participação Facebook incluem comportamentos

inadequados, abuso, cyberbullying e problemas relacionados à privacidade e à amizade.” (2012: 1096).<sup>71</sup>

Desta forma, relativamente ao facto da CJG ter uma página do *facebook*, os jovens consideram um fator positivo pois esta é uma das formas de divulgação e de acesso à informação sobre todas as dinâmicas que são realizadas na mesma.

*“Sim, é uma forma de trazer mais pessoas cá para conhecerem. Uma coisa também é verem fotos, vídeos e imagens, outra coisa é estar aqui presente, ver como é que é o relacionamento e estar aqui presente.” (JovemN).*

*“Por exemplo, na Casa da Juventude, tem o seu facebook, isso é uma mais-valia, é uma coisa boa. Por exemplo há os workshops e essas coisas para aprender que eles publicam, uma forma de aprender positiva.” (JovemN).*

Assim, os jovens que frequentam a CJG com alguma regularidade, nomeadamente aqueles/as que frequentam diariamente, têm outras fontes de acesso à informação, através da agenda cultural mensal, dos cartazes das atividades e da divulgação de informação por parte dos/as técnicos/as.

*“Através do facebook da Casa da Juventude e quando venho aqui.” (JovemT).*

*“Vindo cá vê-se panfletos, avisam, em workshops e não só e em atividades, falam mesmo. (...) Vêm cá e eles avisam, explicam o que é que se vai fazer, perguntam se queres participar.” (JovemN).*

*“(...) tipo não é de facilitar (...). (...) Eu continuo a vir cá todos os dias, posso falar convosco todos os dias. Eu não preciso da página do facebook da casa para comunicar convosco.” (JovemP).*

*“Sim, sim, é interessante. Assim (...) quem vai ao facebook e vê aquilo, vem aqui num instante.” (JovemS).*

*“Claro que sim. Por exemplo, o facebook é uma rede social muito, muito conhecida, muita gente vai lá, quem, quem conhecer a casa tem sempre toda a informação que*

---

<sup>71</sup> “(...) the harmful consequences of Facebook participation include inappropriate behaviors, abuse, cyberbullying and problems related to privacy and friendship.” (Aydin, 2012: 1096)

*há, fotos... desde fotos, desde vídeos, desde tudo o que se passa e vai passar.”*  
(JovemN).

No entanto, têm a consciência de que, para quem não frequenta a CJG com tanta regularidade, o *facebook* desta revela uma grande importância uma vez que esta rede social facilita a interação com a mesma e o acesso a informação que é divulgada no *facebook*.

*“Agora, uma pessoa que vem cá só ao sábado, talvez queira saber que na quarta-feira por exemplo vai haver um workshop de alguma coisa.”* (JovemP).

Desta forma, é interessante perceber como ocorre e como é vista pelos/as utilizadores/as as formas de interação entre o *facebook* destes/as e o da CJG, uma vez que "(...) a interatividade desempenha um papel importante no desenvolvimento de relacionamentos online com as partes interessadas." (Watersa, Burnett, Lammb, Lucas, 2009: 103).<sup>72</sup>

No entanto, é interessante mencionar que os jovens pouco referem a questão de se verem a eles mesmos no *facebook* da CJG e às atividades em que participam. Deste modo, a dimensão da apropriação está sobretudo ausente uma vez que estes não se vêm presentes e envolvidos no *facebook* da CJG, o que reforça o ponto seguinte no texto.

#### **10.6. O *facebook* da CJG enquanto ferramenta educativa para os/as jovens**

É importante declarar que uma das ideias da coordenadora e da dinâmica de trabalho centra-se em dar a oportunidade aos/às jovens para que a CJG seja deles/as nomeadamente através da partilha dos seus conhecimentos, saberes, talentos através de *workshops* e outras dinâmicas.

Assim, ao elaborar este estudo acerca da utilização do *facebook* por parte dos/as jovens no seu quotidiano bem como a interação com o *facebook* da CJG, este fez-me refletir sobre a centralidade da internet e as redes sociais na vida das crianças e jovens. Deste modo, considerei interessante a ideia de que se poderia pensar no uso das tecnologias em prol da educação, uma vez que “(...) agora estão questionando como a educação pode da mesma forma se transformar aproveitando as tecnologias que os

---

<sup>72</sup> "(...) interactivity plays an important role in developing relationships online with stakeholders." (Watersa, Burnett, Lammb, Lucas, 2009: 103).

estudantes já usam em suas vidas diárias (Bula et al 2008;. Greenhow, Robélia, e Hughes, 2009).” (Greenhow & Robelia, 2009: 119).<sup>73</sup>

Neste sentido, faço uma breve reflexão uma vez que considero que seria interessante que a página de *facebook* da CJG pudesse ser dirigida pelos/as frequentadores/as da CJG, designadamente os/as jovens, na sua gestão e administração diária.

Neste sentido, considero que poderia ser interessante serem os/as próprios/as jovens a realizarem as publicações no *facebook* da CJG, das atividades, fotografias, eventos do município, entre outras.

Tendo em consideração as potencialidades da rede social *facebook*, começaram a assim a emergir opiniões tendo em conta que “(...) as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) potenciam e facilitam as actividades educativas, podendo também rentabilizar as aprendizagens, inclusivé em contexto não-formal.” (Ponte & Canelas, 2013: 36).

As perspetivas relativas à interação e comunicação entre utilizadores/a do *facebook* ganha relevo então em contextos de educação não-formal como a CJG, uma vez que

(...) a Internet facilita novas conexões, na medida em que oferece às pessoas uma maneira alternativa de se conectar com outras pessoas que compartilham seus interesses ou objetivos relacionais (Ellison, Heino, & Gibbs, 2006; Horrigan, 2002; Parks & Floyd, 1996). (Ellison, Steinfield & Lampe, 2007: 1147).<sup>74</sup>

O *facebook* da CJG funciona como meio de interação entre o público que a frequenta e a própria CJG e para além disso permite o acesso a diversas informações acerca do que é realizado na CJG bem como eventos futuros a serem realizados, tal “(...) como Quan-Haase e Young (2010) notam, o Facebook é uma ferramenta que as pessoas usam para manter a par das atividades sociais que ocorrem dentro de uma rede social.” (Aydin, 2012: 1095).<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> “(...) are now inquiring how education can similarly transform by harnessing technologies students already use in their daily lives (Bull et al. 2008; Greenhow, Robelia, and Hughes, 2009).” (Greenhow & Robelia, 2009: 119).

<sup>74</sup> “(...) the Internet facilitates new connections, in that it provides people with an alternative way to connect with others who share their interests or relational goals (Ellison, Heino, & Gibbs, 2006; Horrigan, 2002; Parks & Floyd, 1996).” (Ellison, Steinfield & Lampe 2007: 1147).

<sup>75</sup> “(...) as Quan-Haase and Young (2010) note, Facebook is a tool that individuals use to keep abreast of the social activities occurring within one’s social network.” (Aydin, 2012: 1095).



Desta forma, o *facebook* seria um seria pertinente instrumento de apelo ao envolvimento e participação dos/as jovens na CJG e na vida do município. Para além disso, incentivaria o desenvolvimento de aspetos como a responsabilidade e autonomia dos/as jovens, tendo em conta que,

[n]um contexto educacional, o Facebook é visto como potencialmente benéfico para a interação, colaboração, informação e partilha de recursos (Mazman e Usluel 2010). A participação ativa e o pensamento crítico também foram vistos como possíveis atividades educacionais do Facebook (Mason 2006; Ajjan e Hartshorne 2008). Na verdade Maloney (2007) argumenta que os sites de redes sociais incentivam a colaboração e participação ativa. (Prescott, Wilson, & Becket, 2013: 345-346).<sup>76</sup>

Atualmente, e dada a evolução tecnológica e do seu uso no quotidiano, as crianças e jovens sentem necessidade de serem eles/as a terem iniciativa em utilizá-la em torno de objetivos educativos, concluindo-se assim que “(...) a tecnologia educacional é mais eficaz quando os estudantes o tornam seu e iniciam algum uso por si mesmos.” (Arnold & Paulus, 2010: 194).<sup>77</sup>

Assim, através de uma componente mais interativa, os/as próprios/as jovens seriam os/as responsáveis pelas publicações das atividades da CJG e outros conteúdos. Este facto teria influência na dimensão participativa e no envolvimento das dinâmicas da CJG uma vez que “Estudos mostraram que as ferramentas de redes sociais apoiam atividades educativas, fazendo interação, colaboração, participação ativa, informações e compartilhamento de recursos e pensamento crítico possível (Ajjan & Hartshorne, 2008; Mason, 2006; Selwyn, 2007a).” (Mazman & Usluel, 2010: 444).<sup>78</sup>

Nesta lógica, outras dinâmicas poderiam advir da administração do *facebook* da CJG, que com a coordenadora e técnicos/as, poderiam negociar e agendar, nomeadamente momentos de debate *online* sobre temas pertinentes para os/as jovens.

Deste modo, poderiam ainda ter grupos de discussão sobre variados temas, nomeadamente sobre assuntos ligados à CJG, ao Município, entre outros uma vez que o

---

<sup>76</sup> “In an educational context, Facebook is viewed as potentially beneficial for interaction, collaboration, information and resource sharing (Mazman and Usluel 2010). Active participation and critical thinking have also been viewed as possible educational activities of Facebook (Mason 2006; Ajjan and Hartshorne 2008). Indeed Maloney (2007) argues that SNSs encourage collaboration and active participation.” (Prescott, Wilson, & Becket, 2013: 345-346).

<sup>77</sup> “(...) educational technology is most effective when students make it their own and initiate some use by themselves.” (Arnold & Paulus, 2010: 194)

<sup>78</sup> “Studies showed that social network tools support educational activities by making interaction, collaboration, active participation, information and resource sharing, and critical thinking possible (Ajjan & Hartshorne, 2008; Mason, 2006; Selwyn, 2007a).” (Mazman & Usluel, 2010: 444).

*facebook* “(...) oferece uma plataforma de interação gratuita com seus recursos extremamente funcionais que constituem peças relevantes para o uso deste meio como ferramenta de ensino, permitindo a troca de informações experiências em tempo real.” (Fumian & Rodrigues, 2013: 174).

Nesta lógica, Arnold & Paulus (2010) também abordam a questão da interatividade via *facebook*, em que os “(...) sites de redes sociais enfatizam comunidade e colaboração. Eles são projetados para combinar páginas de perfis individuais com ferramentas de interação grupo, tais como chat, blogs e fóruns de discussão.” (2010: 188).

Assim, poderiam ser abordados temas interessantes, que fazem parte da vida e do interesse dos/as jovens, tendo em conta as ferramentas e potencialidades desta rede social, o “Facebook é visto como tendo a capacidade de promover a interação (...); interação tal como fazer anúncios, discussões e partilha de recursos (Browning, Gerlich, e Westermann 2011; Wang et al 2012).” (Prescott, Wilson, & Becket, 2013: 346).<sup>79</sup>

Esta ideia teria assim como objetivo os/as jovens não participarem apenas através do seu próprio *facebook* com comentários, mas que juntos, através do *facebook* da CJG tivessem participação mais ativa e criativa através da “(...) utilização do *Facebook* como recurso ou como ambiente virtual de aprendizagem (...) num contexto mais interativo, participativo traz grande familiaridade com o ambiente do Facebook, isso facilita a mediação pedagógica e a interação. (Ferreira, Corrêa & Torres, 2012: 9).

Na educação formal, esta questão tem sido central, devido à importância crescente que a rede social *facebook* foi adquirindo nas nossas vidas, pelo que, atualmente defendem o potencial educativo da utilização do *facebook* e, por isso, afirmam que as crianças e jovens devem ser apoiados a se envolverem no seu uso, nomeadamente para a aprendizagem na educação formal. (Prescott, Wilson, & Becket, 2013).

Esta introdução das tecnologias das várias dimensões da vida, vem propor a inclusão de todos/as no seu acesso de forma informada e, por isso,

(...) promover um uso esclarecido, criterioso, eficaz e seguro dos media, “*uma das condições essenciais para o exercício de uma cidadania activa e plena, evitando ou diminuindo os riscos de exclusão da vida comunitária*” (Recomendação da Comissão Europeia de 20/08/2009). (Pereira & Pereira, 2011: 846).

---

<sup>79</sup> “Facebook is viewed as having the ability to promote interaction (...); interaction such as making announcements, discussions and sharing resources (Browning, Gerlich, and Westermann 2011; Wang et al. 2012).” (Prescott, Wilson, & Becket, 2013: 346)

**CAPÍTULO V – REFLEXÃO SOBRE A MINHA AÇÃO E OS SEUS  
CONTRIBUTOS DURANTE O ESTÁGIO NA CASA DA  
JUVENTUDE DE GONDOMAR PARA A CONSTRUÇÃO DA  
PROFISSIONALIDADE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Neste capítulo pretende-se desenvolver uma reflexão tendo em conta a minha experiência ao longo do período de estágio na CJG.

Para além disso, irei apresentar uma reflexão sobre a minha intervenção no estágio desenvolvido. Assim, irei também fazer uma análise e crítica sobre a identidade profissional e ética das Ciências da Educação num contexto de educação não-formal.

### **5.1. Oportunidades e constrangimentos no percurso de estágio na Casa da Juventude de Gondomar**

Para a realização do mestrado em Ciências da Educação optei pelo domínio da Intervenção Comunitária, via profissionalizante de modo adquirir conhecimentos, desenvolver competências e viver uma experiência de estágio de forma a conceber e implementar um projeto de intervenção nesta área.

Após alguns contactos estabelecidos, o coordenador das CJ de Gondomar e a coordenadora da CJG aceitaram a realização do estágio curricular na CJG, ficando assim combinado que a supervisora local do estágio seria a coordenadora da CJG.

Desta forma, iniciei o estágio no final do mês de outubro de 2014 o que me permitiu, começar por conhecer o contexto, a suas dinâmicas, a equipa técnica bem como todo o público que a frequenta. Assim, através do contacto diário e das interações que fui estabelecendo com as crianças e jovens, foi possível ir desenvolvendo uma relação com os/as mesmos/as de forma a conhecer as suas personalidades, os seus gostos e interesses.

No desenvolvimento do estágio não me foi possível realizar um projeto de intervenção uma vez que, segundo a perspetiva da coordenadora, a CJG já oferece diversas atividades, nomeadamente pela existência do plano anual de atividades das CJ que funciona como plano orientador da ação das CJ. Desta forma, a coordenadora concluiu que não havia necessidade que eu propusesse novas atividades no âmbito de um projeto de intervenção.

Assim, estive envolvida na conceção e dinamização de todas as atividades desenvolvidas na CJG ao longo do estágio tendo ainda me sido delegada a total responsabilidade na preparação e desenvolvimento de determinadas atividades nomeadamente na sua conceção, dinamização e avaliação.

Deste modo, o estágio desenvolveu-se maioritariamente no Serviço de Animação e Dinamização Juvenil (SADJ), nomeadamente na preparação e realização das diversas dinâmicas com as crianças e jovens.

Assim, não foi possível desenvolver iniciativa e autonomia na instituição, o que fez com que eu desenvolvesse um estudo sobre a importância atribuída pelos/as jovens no que diz respeito à utilização do *facebook* bem como a interação estabelecida nesta rede social.

Este interesse por esta temática surgiu pelo contacto diário na CJG e no Espaço Internet, com as crianças e jovens, que

(...) permitiu-me ter noção da importância que este espaço tem principalmente para os/as jovens que no final das aulas ou meramente nos seus tempos livres se dirigem para a CJG para utilizarem o computador e a internet porque muitos/as deles/as não têm internet e outros/as nem computador. (NT, 7 de novembro de 2014).

Assim, considerei bastante interessante a escuta e valorização da opinião dos/as jovens e das suas próprias vivências, através de conversas informais relativamente às redes sociais, uma vez que foi

(...) possível perceber que a utilização deste espaço, a sala do Espaço Internet, serve para vários fins como pesquisas, ligação às redes sociais como é o caso do *facebook* e, para além disso, a maior parte dos/as jovens também para jogarem *online*. (NT, 11 de março de 2015).

## **5.2. O desconhecimento das Ciências da Educação na Casa da Juventude de Gondomar**

Refletindo sobre minha atuação enquanto estagiária, ao longo do período de estágio, esta foi vista com algum desconhecimento por parte das crianças e jovens sobre o meu curso.

Deste modo, durante o estágio, considero que a identidade das Ciências da Educação passou um pouco impercetível uma vez que existia um desconhecimento das possíveis funções de um/a profissional desta área.

Neste sentido, fui questionada algumas vezes pelos/as jovens sobre o facto de estar a estagiar para terminar o curso profissional. Assim, estes/as ficavam admirados/as quando lhes dizia que estava a realizar o estágio no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação. Para além disso, um jovem chegou a afirmar que considerava que poderia fazer o mesmo que eu na CJG.

Assim, devido ao desconhecimento do curso de Ciências da Educação e das possibilidades profissionais, tal como testemunha Mota (2010) deve-se à “(...) inexistência de um campo profissional específico de actuação, e ainda à diversidade de funções que os profissionais nesta área podem exercer, o que dificulta a construção de uma identidade profissional sólida.” (2010: 92).

Outros/as autores/as também possuem esta perspetiva relativamente à diversidade de funções e campos de ação dos/as profissionais em Ciências da Educação que se revelam como inconvenientes para a construção e definição da sua profissionalidade e que, por isso, são um obstáculo para a construção da identidade profissional própria. (Costa, Coelho & Moreira, 2007).

A não existência de uma designação profissional própria para os/as profissionais em Ciências da Educação tem originado várias denominações para tal, como mediador/a socioeducativo/a e da formação, técnico/a superior de educação, educólogo/a, que não permite

(...) que lhes confira uma especificidade profissional atribuída pela sua formação, isto é, que lhes permita identificar, e ser identificados com, um determinado campo ou actividade profissional, é um dos factores que podem contribuir para a já referida invisibilidade destes profissionais (...). (Costa, Coelho & Moreira, 2007: 55).

Considero que este facto também possa estar relacionado por não ter realizado um projeto de intervenção na CJG, embora tenha preparado e dinamizado todas as atividades para as crianças e jovens, pode ter passado uma visão um pouco redutora da possibilidade da minha ação enquanto profissional da área da educação.

Outra argumentação que possa ter influenciado esta visão passa pelo facto da coordenadora também ser licenciada em Ciências da Educação. Assim, esta para além desse cargo possui diversas funções na CJG e realiza uma pluralidade de ações que não permitem definir exatamente a sua profissionalidade. Nesta perspetiva, e dadas as várias funções e práticas possíveis, a formação em Ciências da Educação ainda continua um pouco invisível, tendo em conta que

(...) a não existência de um espaço profissional próprio e específico e a multiplicidade de funções possíveis partilhadas pelos profissionais da intervenção social, independentemente da sua formação profissional, constituem um desafio acrescido, em contexto, aos licenciados e mestres em Ciências da Educação. (Freitas, 2011: 140).

Assim, os/as frequentadores/as da CJG, pela observação da ação da coordenadora, estes/as, mesmo desconhecendo a sua formação académica, visualizavam diariamente a polivalência e banda larga da sua formação e atuação. (Mota, 2010).

Devido à curiosidade de algumas técnicas, existiram várias oportunidades em que falamos sobre o curso de Ciências da Educação e, por isso

(...) salientamos os aspetos positivos de proporcionar diversas saídas profissionais, direcionados para as escolas, formação, instituições e associações, ou seja, com foco em diversas áreas e contextos, demos assim o exemplo de colegas que estão em escolas com projetos de mediação, como a igualdade de género, em instituições ligadas com a violência doméstica, ligadas à saúde, em instituições como centros de apoio familiar e aconselhamento parental, centros de acolhimento temporário de crianças e jovens, entre outras. (NT, 6 de novembro de 2014).

Desta forma, tivemos a possibilidade de esclarecer alguns aspetos relativos ao curso de Ciências da Educação e,

(...) são diversos os locais possíveis de intervenção, dependendo assim da área a que nos dediquemos variando assim desde instituições, museus, câmaras municipais, centros de formação, escolas, lares de infância e juventude, casas da juventude entre muitos outros. Ainda referimos que o inconveniente acaba por ser o facto das Ciências da Educação ser um curso bastante abrangente em termos da educação formal e não formal, formação, entre outros. (NT, 6 de novembro de 2014).

É necessário perceber que a profissionalidade em Ciências da Educação no trabalho em espaços de educação não-formal vai-se construindo, estruturando bem como alterando consoante o campo de ação e função, pelo que “[é] necessário ter em conta que estas profissões se definem, criam e recriam diariamente, desenvolvendo-se de acordo com o contexto social e educativo onde estão sempre em causa pessoas que também pensam, agem e têm vontade própria.” (Araújo, 2004: 28).

Desta forma, é possível concluir que pela diversidade de contextos de trabalho, práticas e funções do/a profissional em Ciências da Educação se alteram, o que comprova

(...) a existência de uma diversidade de práticas decorrente dos contextos socioprofissionais em que os indivíduos se inserem e daquilo que se constitui como objecto da sua intervenção profissional. Não obstante esta diversidade, existe também

um denominador comum à sua prática profissional consubstancializado na tarefa de coordenar, planificar, gerir e mediar. (Costa, Coelho & Moreira, 2007: 59).

Tal como se verificou na minha intervenção esta prendeu-se maioritariamente na preparação e dinamização de diversas atividades para as crianças e jovens, em cada contexto e, segundo a prática e função de cada um/a, “[e]ste facto faz com que sejam os/as próprios/as profissionais a construir o seu campo profissional, ou seja, a ter uma atitude pró-activa na procura de um lugar em estruturas profissionais diversas (...)” (Costa, Coelho & Moreira, 2007: 55)

Concluindo, os/as profissionais das Ciências da Educação, ainda se debatem muito com todo este desconhecimento e invisibilidade que se reflete num inconveniente. No entanto, é necessário continuar a lutar pela divulgação das potencialidades deste curso e dos/as seus/suas profissionais e que, deste modo, através das competências dos/as mesmos/as possam aumentar as oportunidades de intervenção. (Costa, Coelho e Moreira, 2007).

### **5.3. Os contributos da experiência de estágio para a construção da profissionalidade em Ciências da Educação**

Como já referi anteriormente, a prática quotidiana da CJG tem como orientação o Plano Anual de Atividades das CJ que contempla uma calendarização de dinâmicas a desenvolver nas mesmas.

Desta forma, todas as atividades preparadas e realizadas tiveram uma dimensão educativa, que perspectivava a participação de todos/as, a sua socialização, interação e o desenvolvimento de diversas aprendizagens.

Na interação com as crianças e jovens, estes/as por vezes, demonstraram algum tipo de resistência em aceitar propostas que lhes eram feitas relativamente à participação e realização de atividades e oficinas.

Assim, foi possível perceber, através da experiência da coordenadora, as estratégias que esta utiliza para cativar os/as jovens e, deste modo, tive a preocupação de desenvolver também estratégias para os/as cativar para que estes/as se interessassem e participassem nas diversas dinâmicas realizadas na CJG.

Como sabemos, os/as jovens são diferentes, têm diversos interesses e gostos, demonstram uma curiosidade e entusiasmo por uns temas e dinâmicas mais do que



outras e, por isso, foi necessário desenvolver estratégias e saber e conseguir cativar cada um/a deles/as.

Neste sentido, considero que a resistência das crianças e jovens muitas vezes parecia assemelhar-se a chamadas de atenção por parte dos/as mesmos/as ou a pretensão para que os/as convencêssemos a participar de modo a sentirem que cada um/a era verdadeiramente importante.

Assim, julgo que os/as profissionais das Ciências da Educação têm uma preocupação no estabelecimento das relações, na aproximação, na comunicação e na negociação. Considero que estes foram fatores que me permitiram a interação e aproximação às crianças e jovens.

Daí se perceber que, na intervenção comunitária e, especialmente, na intervenção com os/as participantes, é necessário ter aptidões e por, isso, as “(...) qualidades pessoais dos[/as] mediadores[/as], como a responsabilidade, o autocontrolo, a motivação, a paciência, a resistência às adversidades e a capacidade de inspirar respeito junto dos[/as] outros[/as].” (Silva et al., 2010, 135) são fundamentais para trabalhar com estas faixas etárias de modo a cativá-las.

Como mediadora socioeducativa e da formação, a minha ação não se prendeu tanto com a questão da resolução ou mediação de conflitos mas com o estímulo referente ao estabelecimento de contacto e comunicação entre as crianças e jovens. Para além disso, implicitamente pretendi incutir-lhes a motivação para a participação, para a autonomia e para aprendizagens significativas através das dinâmicas por eles/as realizadas.

Na lógica das Ciências da Educação, o trabalho realizado é sempre *com* e não *para*, tal como toda a lógica da CJG onde a participação das crianças e jovens é essencial nas dinâmicas que são realizadas. Assim, pelo trabalho e dinâmica que são desenvolvidos com os/as frequentadores/as da CJG, é possível perceber que a intervenção comunitária só faz sentido se *com* os outros. (Menezes, 2007).

#### **5.4. A animação e a mediação socioeducativa na Casa da Juventude de Gondomar: uma reflexão sobre a minha intervenção**

A animação e a mediação são estratégias de intervenção que se enquadram nas lógicas de ação das Ciências da Educação, por essa razão foram mobilizadas com vista a informar a minha ação com os/as jovens no decorrer do estágio.

Desta forma, primeiramente, considero pertinente fazer uma breve reflexão em torno do conceito de mediação, pois a mediação é facilmente remetida para a gestão e resolução de conflitos interpessoais. No entanto, esta é uma visão reduzida daquilo que a mediação pode abranger, uma vez que através desta há uma nova forma de ação que permite novos modos de coordenação das relações entre os indivíduos (Bonafé-Schmitt, 2009).

Assim, atualmente, a mediação é definida por uma abrangência na sua atividade e aplicação nos mais variados âmbitos, visto que “(...) se reporta a uma diversidade de contextos e de domínios de intervenção, reflectindo-se igualmente numa panóplia de práticas, as quais dão conta de diferentes representações e modelos de intervenção.” (Silva & Machado, 2009: 274).

O/a mediador/a socioeducativo/a e da formação desenvolve diversas funções na sua intervenção, com ligações ao nível da gestão de conflitos, das relações sociais, da comunicação, da participação, dos laços e relações sociais.

Deste modo, o papel do/a mediador/a vai além de funções de resolução e mediação de conflitos, dado que este/a procura por em relação as partes e, por isso, é considerado um/a facilitador/a, na medida em promove a comunicação entre os sujeitos, a partir da procura e descoberta de alternativas (Silva, 2008).

O/a mediador/a reúne assim diversas funções e competências aliadas ao seu perfil de gestor/a, avaliador/a, consultor/a socioeducativo e da formação, assumindo igualmente funções de animador/a.

Assim, a prática da mediação centra-se nos indivíduos, de forma individual ou não e está presente nos mais variados contextos educativos,

(...) tanto escolares como de educação não formal e informal, cuja acção se pode centrar em indivíduos – e no seu desenvolvimento e inserção social – ou em grupos - com uma dimensão colectiva e de coesão social. (Luison & Velastro, 2004). (Silva & Machado, 2009: 283).

Desta forma, abordando a mediação sociocultural, é importante saber que, em contextos socioeducativos como é o caso da CJG, o/a mediador/as socioeducativo/a

(...) é o/[a] profissional que, (...), organiza, coordena e/ou desenvolve a promoção sociocultural de grupos, pessoas e comunidades, actividades essas inseridas nas estruturas e objectivos de administração local e/ou serviços públicos ou privados de carácter social e cultural, fomenta o diálogo intercultural e a inclusão social, bem

como estimula o respeito e o conhecimento da diversidade cultural existente. (Oliveira & Freire, 2009: 25).

Deste modo, quer no modo de funcionamento da CJG, quer na sua intervenção junto dos/as jovens e restantes frequentadores/as, existe uma consideração pelos princípios da mediação socioeducativa e pela utilização das práticas do seu campo, pois (...) esta visa facilitar as interações entre os/as jovens mediante um papel activo nas suas aprendizagens, como agentes de mudança, em termos individuais e sociais, através de uma postura intercultural que permitia aceitar e valorizar a diferença, e mostrar a possibilidade de comunicação, afirmação e diálogo multiculturais. (Machado, 2010: 50).

Durante o estágio na CJG, a minha ação também foi marcada e guiada pelas lógicas da animação socioeducativa, uma vez que considero que as diversas ações devem valorizar as potencialidades das crianças e jovens, a sua autonomia, empoderamento e capacitação.

Desta forma, é importante compreender em que consiste o empoderamento, tendo em conta que este conceito diz respeito ao “(...) processo pelo qual os indivíduos, as organizações, e as comunidades ganham mestria ou controlo sobre as suas vidas e participação democrática na vida das suas comunidades” (Rappaport, 1981, 1984 cit in Menezes, 2007: 57).

Com base nas vivências quotidianas dos sujeitos, principalmente no que diz respeito às vontades de atuação e emancipação das suas vidas, considera-se que é importante exercer o poder e o controlo como forma de promover a comodidade de cada um/a, individualmente ou em grupo. (Menezes, 2007).

Por este motivo, a animação foi detendo, ao longo do tempo, diversas variâncias quanto aos termos criados, pelo facto de possuir diversos âmbitos e formas de atuação junto dos indivíduos. Nestas circunstâncias, os argumentos de Lopes (2007) ganham real sentido, uma vez que os âmbitos da animação sociocultural levaram à existência de diversas designações devido às suas diversas atuações, nomeadamente a animação socioeducativa, cultural, comunitária, entre muitas outras, afirmando assim que

[p]ara além destes, (...) outros termos poderão ser formados, relacionados com potenciais novos âmbitos de Animação, cuja emergência é, por sua vez, determinada por uma dinâmica social em constante mudança, que origina a permanente promoção

de relações interpessoais, comunicativas, humanas, solidárias, educativas e comprometidas com o desenvolvimento e a autonomia. (2007: 5).

A animação é, assim, um modo de intervenção bastante pertinente para mobilizar com diversos públicos e através das mais variadas dinâmicas, dado que esta pretende intervir de modo a integrar os sujeitos para que estes possam participar e sejam protagonistas da sua autonomia. (Lopes, 2007).

Nesta lógica, pode-se refletir-se acerca do sentido educativo da animação no contexto da CJG, com base na perspetiva do desenvolvimento pessoal, capacidade crítica e participação ativa das crianças e jovens. Isto porque “[a] animação socioeducativa assenta num contexto de educação não-formal, que tende a promover uma relação cultural e linguística de carácter lúdico, criativo e participativo.” (Santos, 2009: 44).

Neste sentido, através das dinâmicas do SADJ, a animação está presente nas atividades desenvolvidas com as crianças e jovens, na ocupação salutar do seu tempo livre, no favorecimento de experiências positivas e a aprendizagem de competências, com vista a promover o desenvolvimento e autonomia.

Assim, durante o estágio, e através da minha ação em colaboração – com os/as técnicos/as da CJG – na preparação e desenvolvimento das diversas atividades do Plano Anual de Atividades e de outras atividades para as visitas de diversas instituições educativas, tivemos sempre como intenção proporcionar oportunidades de aprendizagem e usufruto de experiências enriquecedoras e significativas por parte das crianças e jovens.

Para além disso, pretendemos, através da realização das atividades, a interação e convívio entre estes públicos, sendo que a nossa função e intenção sempre se centrou em preparar e dinamizar atividades que favorecessem o conceito de grupo e ainda mediar o acesso entre os serviços e os recursos às crianças e jovens. (Mota, 2010).

Na minha ação, tive em consideração a perspetiva das Ciências da Educação, onde a figura do/a mediador/a, educador/a ou animador/a possui uma intenção educativa, no sentido de incentivar a comunicação, a participação ativa e a mudança. Neste sentido, e tal como Santos (2009) afirma, são várias as características atribuídas ao/à animador/a, uma vez que este/as é “(...) visto como um/a trabalhador/a social, que desenvolve e possui capacidades comunicativas e relacionais com vista a estimular e

promover uma educação permanente e global. A comunicação torna-se o impulsionador de toda a acção de animação.” (Santos, 2009: 48).

Nesta lógica, o trabalho e as funções do/a profissional da mediação e da animação prendem-se com o estímulo e incentivo à participação e interação, tendo como perspectiva a mudança a diversos níveis, uma vez que se prevê uma ação educativa, de estímulo da ação bem como de mudança de atitudes e comportamentos. (Mota, 2010).

A CJG, enquanto espaço educativo especialmente dirigido às crianças e jovens, é um contexto valioso para a intervenção dos/as mediadores/as socioeducativos/as e da formação. Assim, considera-se que o/a mediador/a possui diversas características no seu desempenho, como a atenção

(...) aos processos de comunicação interpessoal (estar disponível para os outros; ser capaz de ouvir os outros; ser flexível; ser assertivo; ser empático na relação com os outros; ser imparcial; promover o diálogo entre pessoas ou grupos; ser capaz de gerir a comunicação interpessoal), (...). (Silva et al., 2010, 135).

Ainda refletindo sobre a minha intervenção na CJG e, tendo em consideração as Ciências da Educação, designadamente as aprendizagens e as suas influências adquiridas, tal me permite concordar com a coordenadora da CJG quando esta afirma que “[a]cho que só a experiência no terreno, o dia-a-dia, a partilha e, de facto, (...), a partilha, a comunicação, a interação (...).” (EC: 6)<sup>80</sup> possibilitam uma efetiva intervenção com as crianças e jovens.

Neste sentido, e segundo a perspectiva desta profissional, são diversas as características que ajudam a construir a profissionalidade em Ciências da Educação, designadamente

(...) a questão da empatia, é tentar colocarmo-nos no lugar do outro e tentar perceber a perspectiva do outro em relação àquilo que estamos a fazer. Outra das coisas que eu acho que é interessante, e é mais difícil pôr em prática, (...) que é, nós (...) não trabalharmos para mas trabalharmos com. (EC: 5-6).<sup>81</sup>

Assim, o/a mediador/a socioeducativo/a é uma figura de grande relevo nos contextos educativos onde atua, visto que este/a domina determinadas técnicas

---

<sup>80</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

<sup>81</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

relacionadas com a comunicação, a escuta ativa, a empatia, a neutralidade e a gestão de grupos. (Silva et al., 2010).

Deste modo, considero que a formação em Ciências da Educação faculta diversos e importantes conhecimentos para a atuação dos/as mediadores/as socioeducativos/as, concedendo eixos e indicações importantes através de uma

(...) orientação segundo uma epistemologia da escuta que respeite a temporalidade e a ordem do escutado (Berger, 1992), onde o[a] profissional, uma vez implicado, deverá adoptar uma postura de conhecimento e reconhecimento do[a] outro[a], apoiando-se no recurso à comunicação partilhada, a uma aproximação baseada na empatia, na aceitação e valorização das experiências e conhecimentos do outro, reconhecendo sempre, que cada situação é singular; decorrente da aceitação de que cada situação é singular (...). (Mendes, 2010: 89-90).

Assim, as crianças e jovens que afluem à CJG, fazem-no porque consideram este contexto como um espaço onde podem ocupar os seus tempos livres, através do usufruto de diversas dinâmicas que vão ao encontro dos seus interesses – oficinas, jogos, entre outras. Desta forma, as práticas da animação como as atividades lúdicas e os jogos são importantes instrumentos educativos para promover na interação com as crianças e jovens da CJG.

No percurso de estágio, tive em atenção a escuta e consideração de todos/as como modo de valorização e respeito pelas identidades e singularidades de cada um/a. Desta forma, esta abordagem faz com que as crianças e jovens dirijam-se muitas vezes à CJG para conversar, visto que sentem que são tidos/as em consideração e que “[s]ão tratados como pessoas, são tratados como jovens porque os miúdos que vão falando merecem sempre atenção (...)” (EC).<sup>82</sup>

Assim, relativamente à minha posição e à dos/as restantes técnicos/as da CJG, durante todo o estágio, esta pautou-se por uma perspetiva e postura de trabalhar com, em colaboração.

É possível concluir que a equipa da CJG executa um trabalho multidisciplinar, uma vez que os/as técnicos/as são pertencentes a diferentes áreas, aspeto que considero importante dado que se desenvolve um trabalho de parceria e colaboração, através partilha e articulação dos conhecimentos de cada um/a. Este trabalho em parceria, realizado com base numa equipa multidisciplinar, reflete uma potencialidade e riqueza

---

<sup>82</sup> A transcrição da entrevista à coordenadora da CJG encontra-se em apêndice no CD-ROM.

ao incorporar diferentes perspectivas, opiniões e visões que têm influência direta na forma de ser, pensar e agir. (Machado, 2010).

## REFLEXÃO FINAL

Depois da reflexão realizada neste relatório, considero importante mencionar alguns aspetos que ressaltaram após o desenvolvimento da minha intervenção no estágio.

Assim, no trabalho com crianças e jovens em espaços não-formais, denota-se que é necessário promover tempos e atividades educativas para que estes/as possam usufruir de um convívio e interações salutareas, com respeito pelas diferenças.

As CJ são fundamentais pelo papel que exercem junto do seu público-alvo, principalmente, no que diz respeito à promoção de dinâmicas relacionadas aos interesses dos/as mesmos/as. Assim, estes espaços viabilizam-se através dinamização e animação juvenil, de modo a desenvolver nas crianças e jovens a expressão e a criatividade relativas os seus gostos.

Ainda considero que as CJ devem ter em consideração as suas possibilidades educativas, que fomentam a interação entre diferentes crianças e jovens, a participação e o desenvolvimento de diversas competências em cada um/a. Para tal, é importante que estes contextos reflitam as suas ações e avaliem os resultados das mesmas.

Neste sentido, considero que fundamental ao desenvolvimento das CJ, a existência de uma reflexão sobre as potencialidades educativas das atividades oferecidas para que estas possam, efetivamente desencadear competências e aprendizagens pessoais e coletivas nas crianças e jovens, imprescindíveis para o seu desenvolvimento.

Para além disso, as dinâmicas e jogos desenvolvidos revelaram-se ferramentas pedagógicas que, por sua vez, despoletaram dinâmicas de participação ativa e atitude críticas face à comunidade e mundo que os/as rodeia.

Importa referir que o objetivo do estágio curricular, sendo esta também minha pretensão, era desenvolver um projeto de intervenção tendo em consideração as ambições e expectativas dos/as jovens, nomeadamente no que diz respeito à ocupação dos seus tempos livres. Nesta perspetiva, seria minha intenção, seguir a estratégia da coordenadora que consistia em dar oportunidade aos/às jovens para dinamizarem atividades. Tal propósito vai ao encontro daquilo que Cardoso refere, relativamente “(...) ao querer dar voz aos jovens, atribuímos-lhes um sentido de cidadania (pois entendemos ser esse o modo de afirmar mais plenamente as suas sociabilidades) (...)” (Cardoso, 2013: 66).



Assim, dada à dinâmica da CJG enquanto espaço de educação não-formal, esta pretendia ter em conta temas de interesse para os/as jovens que poderiam estar relacionados com as artes – tema de interesse para a grande maioria dos/as jovens da CJG – viabilizando, assim, os *workshops* dinamizados pelos/as jovens – como por exemplo *workshops* de *graffiti*, de fotografia, desenho – e oficinas diversas – como de banda desenhada, entre outras – segundo as suas sugestões, interesses e vocações. Esta ideia de desenvolver dinâmicas tendo em conta diferentes formas e expressões da arte teria um objetivo, uma vez que

[a] arte tem potencialidades capazes de transformar a vida do ser humano através do senso de estética, sensibilidade e criatividade que o contacto com a mesma desenvolve, possibilitando o encontro consigo mesmo e de si e com os outros, causando no indivíduo alterações nos modos de estar no mundo (...). (*idem*: 67).

Por fim, e durante a minha intervenção no contexto desta CJ, destacaram-se alguns aspetos positivos, fragilidades e oportunidades, que procurarei referir de seguida.

Deste modo, posso assinalar enquanto pontos fortes a agilidade concedida pelos/as atores/atrizes – técnicos/as e frequentadores/as – deste contexto em me aceitarem nas suas rotinas diárias. Para além disso, ainda posso assumir enquanto ponto forte os espaços agradáveis desta instituição e a variedade de atividades e dinâmicas que o Plano anual de atividades permitiu mobilizar neste contexto.

No que diz respeito aos pontos fracos, estes dão conta de alguns constrangimentos que limitaram a minha intervenção no contexto desta instituição. Neste sentido, assinalo o ainda desconhecimento do papel das Ciências da Educação, assim como a necessidade de supervisão constante da parte dos técnicos/as para que tudo corresse sempre bem e sem falhas, enquanto fatores que em algumas circunstâncias condicionaram a minha vontade experimentar e tentar outras dinâmicas.

Porém, esta condição permitiu explorar e destacar outras oportunidades de intervenção tais como: refletir sobre a grande afluência ao espaço internet, para usufruto dos computadores com acesso à internet e, nomeadamente, as redes sociais.

Para além de tudo isto, considero oportuno abordar as perspetivas de trabalho futuro, emergentes da realização do estágio na Casa da Juventude de Gondomar.

Deste modo, e através do pequeno estudo que realizei acerca do *facebook*, tendo em conta as conversas informais com os jovens, penso que se poderia ter em consideração a atual importância das redes sociais, no trabalho com estes públicos.

Neste sentido, uma das ideias que me foram surgindo foi a possível da gestão da página do *facebook* da CJG ser feita em colaboração com os/as jovens e através da supervisão da coordenadora.

Esta gestão partilhada poderia proporcionar assim uma maior implicação dos/as jovens na CJG, nas dinâmicas realizadas e nos eventos futuros do município, uma vez que proporcionaria um maior envolvimento destes/as nas ações e dinâmicas do seu município. Desta forma, esta seria uma maneira de os/as atrair e envolver “(...) a partir de contextos e modos de comunicação que fazem parte dos seus quotidianos, através da participação ativa numa rede social, Facebook, desenvolvendo estratégias para a atração de outros/as jovens e da partilha de conhecimentos.” (*idem*: 76).

Outra das ideias poderia estar relacionada com a dinamização de atividades diversas, sessões de sensibilização sobre temas importantes e de interesse para os/as jovens como a prevenção de conflitos, resolução e mediação de conflitos, cidadania, o associativismo entre outras temáticas importantes pelas quais os/as jovens genericamente têm vindo a demonstrar interesse ou outros temas propostos pelos/as mesmos/as.

Neste âmbito também seria interessante abordar temas como os estereótipos, preconceitos, género, desigualdades de género, não discriminação, violência entre pares, violência no namoro, temas estes que justificam a ideia de que “[a]s Ciências da Educação não podem, portanto, ficar à margem deste movimento (...), pela relevância crucial que o campo educativo, nomeadamente em termos da prevenção, tem para a mudança social (...)” (Tavares, 2012:13).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ajjan, Haya & Hartshorne, Richard (2008). Investigating faculty decisions to adopt Web 2.0 technologies: Theory and empirical tests. *Internet and Higher Education* 11, pp. 71–80.
- Almeida, Basílio (2009). *Do(s) conceito(s) à(s) práticas de mediação sócio-educativa: alguns contributos para a clarificação de um perfil profissional*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. FPCEUP, Porto, Portugal.
- Alves, Luciana & Bianchin, Maysa (2010). O jogo como recurso de aprendizagem. *Revista Psicopedagogia*, 27(83), pp. 282-287.
- Ander-Egg, Ezequiel. (2001). *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.
- Antunes, Celso (2003). *O jogo e a educação infantil: Falar e dizer/olhar e ver/escutar e ouvir*. Petrópolis, RJ: Vozes
- Araújo, Maria (2009). *Crianças Ocupadas. Como algumas opções erradas estão a prejudicar os nossos filhos*. Lisboa: Prime Books
- Araújo, Maria (2004) *ATL: actividades de tempo livre sem tempo nem liberdade*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Educação, Desenvolvimento Local e Mudança Social, FPCEUP, Porto, Portugal.
- Arnold, Nike & Paulus, Trena (2010). Using a social networking site for experiential learning: Appropriating, lurking, modeling and community building. *Internet and Higher Education* 13, pp. 188–196.

- Artiaga, Jaime (2004). A animação sociocultural na juventude. In Trilla, Jaume. *Animação Sociocultural. Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 219-234.
- Aydin, Selami (2012). A review of research on Facebook as an educational environment. *Education Tech Research Dev* 60, pp. 1093–1106.
- Bardin, Laurence (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bezerra, Júlio & Brito, Sydneia (2013). Redes Sociais como ferramenta pedagógica: O caso do projeto e-Jovem. Apresentação de Trabalho/Congresso.
- Bodgan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bonafé-Schmitt, J.-P. (2009). Mediação, Conciliação, Arbitragem: Técnicas, ou um novo modelo de regulação social. In A. M. Silva & M. A. Moreira (Orgs), *Formação e Mediação Sócio-Educativa: Perspectivas Teóricas e Práticas*. Porto: Areal Editores.
- Bourdieu, Pierre (2004). *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70.
- Brandão, Hugo *et al* (2008). *Gestão de desempenho por competências*. RAP — Rio de Janeiro 42(5), pp. 875-898.
- Camacho, Luiza (2004). A invisibilidade da juventude na vida escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, 22(2), pp. 325-343. Retirado em janeiro 5, 2015 de [http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2004\\_02/05\\_artigo\\_luiza\\_camacho.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2004_02/05_artigo_luiza_camacho.pdf).
- Capucha, Luís (2008). «Etapas do planeamento (de um projecto) e respectivos critérios de avaliação», in *Planeamento e Avaliação de Projectos. Guião prático*. DGIDC, Ministério da Educação, pp. 7-58.

- Cardoso, Cristina (2013). *Jovens, museus e redes sociais – Intervir em prol da relação através de um serviço educativo*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. FPCEUP, Porto, Portugal.
- Casanova, Francisco (2007). *Educar para os media e para cidadania: a casa da juventude da Póvoa de Varzim como alicerce estratégico de desenvolvimento local*. Dissertação de Mestrado Ciências da Comunicação, Educação e Cidadania. Universidade do Minho, Instituto das Ciências Sociais, Braga, Portugal.
- Cosme, Arianne & Trindade, Rui (2007). *A escola a tempo inteiro: Escola para que te quero?* Porto: Profedições.
- Costa, Alexandra, Coelho, Orquídea & Moreira, Rui (2007). Os Licenciados em Ciências da Educação: Itinerários de inserção e configuração da profissão. *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 24, pp. 39-65.
- Costa, Alexandra (2001). *Políticas de juventude: regulação e/ou emancipação*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto. Portugal.
- Dayrell, Juarez (2007). A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc., Campinas*, 28(100) - Especial, pp. 1105-1128.
- Dayrell, Juarez (2003). O jovem como sujeito social, *Revista Brasileira de Educação* Nº 24, pp. 40-52.
- Ellison, Nicole, Steinfield, Charles & Lampe, Cliff (2007). The Benefits of Facebook “Friends:” Social Capital and College Students’ Use of Online Social Network Sites. *Journal of Computer-Mediated Communication* 12, pp. 1143–1168.

- Esteves, Manuela (2006). Análise de conteúdo In Lima, J. & Pacheco, J. (orgs.), *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, Simão (2014). *O Comportamento dos Consumidores Adolescentes e a Sua Evolução no Facebook. Dissertação Mestrado em Gestão Comercial*. FEP, Porto, Portugal.
- Ferreira, Jacques, Corrêa, Barbara & Torres, Patrícia (Org.) (2012). O uso pedagógico da rede social facebook. *Redes Sociais e Educação: Desafios Contemporâneos*. Colabor@ - A Revista Digital da CVA-RICESU, 7(28), pp. 1-16.
- Freitas, Sara (2011). *A intervenção de um CAFAP na relação Família – Escola*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, FPCEUP, Porto, Portugal.
- Freitas, Cândido (1997). “Princípios gerais para a avaliação projectos”, in Gestão e Avaliação de Projectos nas escolas, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, pp 6-25.
- Fumian Amélia & Rodrigues Denise (2013). O facebook enquanto plataforma de ensino. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, 6(2), pp. 173-182.
- Gadotti, Moacir (2005). *A questão da educação formal/não-formal. Institut International Des Droits De L'enfant (Ide), Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?* Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.
- Gohn, Maria (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação – II<sup>a</sup> Série*, Número 1.

- Gohn, Maria (2006). Educação não-formal na pedagogia social. In *Proceedings of the 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, São Paulo. Retirado em janeiro 5, 2015 de [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=iso).
- Gomes, Maria, Valente, Luís & Dias, Paulo (2008). Seguranet – Um levantamento exploratório das práticas de risco dos jovens portugueses no uso da Internet. In *Actas do IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da educação – Educação para sucesso: políticas e actores*. pp. 849-858.
- Gomes, Maria, Machado, Maria, Silveira, Irene & Oliveira, Laura (2002). *Crescer em Comunidade: Estratégias de Educação Não Formal à Descoberta de Culturas Juvenis*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Gómez, Roberto & Samaniego, Víctor (2005). A aprendizagem através dos jogos cooperativos. In Murcia, Juan (Org.) (2005). *Aprendizagem através do jogo*. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed.
- Greenhow, Christine & Robelia, Beth (2009). Informal learning and identity formation in online social networks. *Learning, Media and Technology*. 34(2), pp. 119-140.
- Gonçalves, Albertino (2004). Métodos e Técnicas de Investigação Social I: Programa, Conteúdo e Métodos de Ensino Teórico e Prático. Relatório apresentado à Universidade do Minho para Provas de Agregação no Grupo Disciplinar de Sociologia.
- Guerreiro, João, Cruz, Rita, Pinto, Hugo & Amaro, João (2008). Jovens em Olhão. Actividades e temas de interesse. Município de Olhão. Universidade do Algarve.

- Haraway, Donna (1988). Situated Knowledge: The Science Question in Feminism as a Site of Discourse on the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*. (14)3, pp. 575-99.
- Harding, Sandra (1991). *Whose Science? Whose Knowledge? Thinking from Women's Lives*. Ithaca: Cornell University Press.
- Hayashi, Maria, Hayashi, Carlos & Martinez, Claudia (2008). Estudos sobre jovens e juventude. Diferentes percursos refletidos na produção científica brasileira. *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 27, pp. 131-154.
- Hew, Khe (2011). Students' and teachers' use of Facebook. *Computers in Human Behavior* 27, pp. 662–676.
- Junco, Reynol (2012). The relationship between frequency of Facebook use, participation in Facebook activities, and student engagement. *Computers & Education* 58, pp. 162–171.
- Leite, Carlinda & Rodrigues, Maria (2001). *Jogos e Contos numa Educação para a Cidadania*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Lopes, Marcelino (2007). A Animação Sociocultural Em Portugal. *Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana* 1(1), pp. 1-16.
- Lopes, Marcelino (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação cultural.
- Machado, Catarina (2010). *Entre a Casa da Juventude e a Escola: Traços de um Projecto de Mediação Sócio-Educativa com Jovens*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. FPCEUP, Porto, Portugal.
- Marcelino, Nelson (2007). *Lazer e educação*. Campinas, São Paulo. Papyrus Editora, 12ª Edição



- Marques, Ana (s/d). A educação e o lazer. Retirado em setembro 30, 2015 de [http://www.ipv.pt/millennium/ect10\\_ana.htm](http://www.ipv.pt/millennium/ect10_ana.htm).
- Martinho, Teresa (2013). Mediadores culturais em Portugal: perfis e trajetórias de um novo grupo ocupacional. *Análise Social*, Vol. XLVIII (2.º), (n.º 207), pp. 422-444.
- Mazman, Sacide & Usluel, Yasemin (2010). Modeling educational usage of Facebook. *Computers & Education* 55, pp. 444-453.
- Mendes, Carolina (2010). *A Casa da Juventude como palco de (diversas) tensões: que função(ões)? O processo de profissionalização informado pela experiência de estágio em Ciências da Educação*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. FPCEUP, Porto, Portugal.
- Menezes, Isabel (2007). *Intervenção comunitária: Uma perspectiva psicológica*. Porto: Livpsic.
- Mota, Andreia (2010). *Em busca de um sentido no saber prático: A construção de uma profissionalidade em Ciências da Educação a partir de uma dinâmica de trabalho na Casa da Juventude de Gondomar*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. FPCEUP, Porto, Portugal.
- Oliveira, Ana & Freire, Isabel (2009). Sobre... a mediação Sócio-Cultural. *Cadernos de apoio à formação: 03*, ACIDI: Lisboa.
- Pais, José (1990). A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social* Vol. XXV, pp. 139-165.
- Pereira, Sara & Pereira, Luís (2011). O lugar das redes sociais na escola – as perspectivas dos professores. In Sara Pereira (Org.) *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"*. Braga, Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, pp. 835-846.

- Ponte, Carla & Canelas, Regina (2013). Potencialidades educativas do facebook na aprendizagem não-formal da língua inglesa. *Internet Latent Corpus Journal* 3(1), pp. 35-48.
- Ponte, Cristina & Simões, José (2008). *Crianças e jovens online: comparando os usos da Internet e dos novos media na Europa. Algumas pistas de reflexão a partir do projecto EU Kids Online*. VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Prescott, Julie, Wilson, Sarah & Becket, Gordon (2013). Facebook use in the learning environment: do students want this? *Learning, Media and Technology*, 38(3), pp. 345–350.
- Queiroz, Lucicleia (2013). *Juventude, lazer, políticas públicas e participação. Explorando os limites e potencialidades da participação de jovens na política pública em nível estadual e municipal: um estudo no estado do Acre, Brasil*. Tese de doutoramento. FPCEUP, Porto, Portugal.
- Ribeiro, Ana Bela, & Menezes, Isabel (2008). *Os blogues como contexto de participação juvenil*. VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Rocha, Joaquim (2007). *Gestão de Recursos Humanos na Administração Pública*. Escolar Editora.
- Sá, Gustavo (2012). À frente do computador: a Internet enquanto produtora de dependência e isolamento. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIV, pp. 133-147.
- Sander, Cristiane (2010) Juventude e participação: um processo pedagógico. *Proceedings of the 3rd III Congresso Internacional de Pedagogia Social*. São Paulo.

Retirado em setembro 30, 2015 de  
[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092010000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092010000100004&lng=en&nrm=iso).

Sanmartín, Melchor (2005). Aprendizagem de valores sociais através do jogo. In Murcia, Juan (Org.) (2005). *Aprendizagem através do jogo*. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed.

Santos, Sofia (2009). Lugares emergentes da Animação Sociocultural: Experiências e produções socioeducativas, situadas na tensão entre exclusão social e igualdade como condição. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. FPCEUP, Porto, Portugal.

Santos, Boaventura (2002). Para uma concepção pós-moderna do direito. In *Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento.

Santos, Boaventura (1995). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

Santos, Boaventura (1989). *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura (1988). *Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna*. Retirado em janeiro 5, 2015 de <http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>.

Santos, Boaventura (1987). *Um Discurso sobre as Ciências*, Porto: Edições Afrontamento.

Selwyn, Neil (2009). Faceworking: exploring students' education-related use of Facebook. *Learning, Media and Technology*. 34(2), pp. 157–174.

- Sena & Aires da Silva (2010). A importância do lúdico na Educação Infantil: fundamentação teórica. *Caderno Multidisciplinar de Pós-Graduação da UCP*. Pitanga-PR. 1(1) pp. 106-121.
- Silva, Ana (2013). «*CONSEGUIR, CONSIGO, SÓ QUE...*»: *Intervenção Comunitária com crianças e jovens numa lógica de mediação socioeducativa*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, FPCEUP, Porto, Portugal.
- Silva, Sofia (2012). *Da casa da juventude aos confins do mundo: etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, Sofia (2011). *Da Casa da Juventude aos Confins do Mundo: Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Porto: Edições Afrontamento
- Silva, Sofia (2010). Estratégias juvenis para garantir dignidade e reconhecimento: a experiência de pertencer a uma casa da juventude em Portugal. *Educação em Revista*, Marília, 11(1), pp.77-92.
- Silva, Sofia (2008). Estratégias juvenis para «fintar» fragilidades: A construção da pertença a uma casa da juventude no norte de Portugal. *Educação, Sociedade, & Culturas*, 27, 27-49.
- Silva, Ana *et al* (2010). Novos actores no trabalho em educação: os mediadores socioeducativos. *Revista Portuguesa de Educação*. pp. 119-151. Retirado em abril 21, 2015 de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871-91872010000200006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872010000200006&lng=pt&nrm=iso).
- Silva, Ana & Machado, Catarina (2009). Espaços sociopedagógicos dos mediadores socioeducativos: reflexões a partir de um estudo realizado em Portugal. In B. Silva, A. Almeida, A. Barca & M. Peralbo, *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, pp. 274-287.

- Silva, Ana (2008). Mediação Formadora e Sujeito Aprendiz ao longo da vida. In *ANAIS (Actas) do IV Colóquio Luso-Brasileiro, VIII Colóquio sobre Questões Curriculares: Currículo, Teorias, Métodos*. Brasil: Universidade de Santa Catarina – Florianópolis.
- Silva, Sofia (2008). *Exuberâncias e (trans)figurações de si numa casa da juventude: etnografia de fragilidades e de estratégias juvenis para o reconhecimento e para a dignidade*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, FPCEUP, Porto, Portugal.
- Silva, Sónia (2009). *A relação dos jovens com os media*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, área de Especialização em Tecnologias Educativas. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- Souza, Scheilla & Ribeiro, Maria (2011). Entre blogs, cyberbullying e as melhores coisas do mundo: linguagens e interações juvenis contemporâneas. *Hipertextus Revista Digital*, n.7, pp. 1-9.
- Surdi, Aguinaldo, Cunha, Antônio, Galvão, Zenaide, Grunennvaldt, José (2013). Trabalho, Tempo Livre e Lazer. O elogio à Educação e a Cultura. / Centro de Investigação em Estudos da Criança, CIEC - Textos em atas. Retirado em setembro 30, 2015 <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23069/1/surdi,%20Cunha,%20Galv%C3%A3o%20Portugu%C3%AAs.pdf>.
- Teixeira, Diogo & Azevedo, Isabel (2011). Análise de opiniões expressas nas redes sociais. *Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, N.º 8, pp.53-65.
- Trilla, Jaume (Coord.) (2004) *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos*/ trad. Ana Rabaça. Lisboa: Instituto PIAGET. (Horizontes pedagógicos; 115).

Vale, Marta & Silva, Sofia (2011). Circuitos juvenis de lazer: um estudo sobre tempos e espaços de lazer de rapazes e raparigas no Centro Histórico do Porto. *Investigar e intervir em educação: I fórum de projectos: resumos*. Resumo de Comunicação em Conferência Nacional, pp.82-84.

Watersa, Richard, Burnett, Emily, Lammb, Anna & Lucas, Jessica (2009). Engaging stakeholders through social networking: How nonprofit organizations are using Facebook. *Public Relations Review* 35, pp. 102–106.

Weller, Wivian (2006). The Feminine Presence in Youth Subcultures: the Art of Becoming Visible. *Estudos feministas*, vol.1, Florianópolis.

Wilson, Robert, Gosling, Samuel and Graham, Lindsay (2012). A Review of Facebook Research in the Social Sciences. *Perspectives on Psychological Science*, 7(3), pp. 203–220.

## **REFERÊNCIA ELETRÓNICA**

Jornal Vivacidade <http://public.vivacidade.org/informacao/s-pedro-da-cova-recebe-terceira-casa-da-juventude-de-gondomar/>